

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

FERNANDO GROSS

O CORAÇÃO DO FARAÓ
NO LIVRO DO ÊXODO E NA TRADIÇÃO JUDAICA

MESTRADO EM TEOLOGIA

SÃO PAULO

2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

FERNANDO GROSS

O CORAÇÃO DO FARAÓ

NO LIVRO DO ÊXODO E NA TRADIÇÃO JUDAICA

MESTRADO EM TEOLOGIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Teologia, sob a orientação do Prof. Dr. Matthias Grenzer.

SÃO PAULO

2017

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

A Deus, que com Amor Eterno por todos nós, se Revela, Entra na nossa História, Vê os que sofrem e os que os oprimem, Liberta, Caminha conosco e nos Salva.

Aos meus avós judeus, Israel e Stela, que saindo da Polônia em 1931, por causa do anti-semitismo, imigraram para o Brasil. Viveram a sua fé judaica, em diálogo com o cristianismo.

Ao meu pai querido judeu, Fichel, e a minha querida mãe cristã Cleuse, que me deram à vida, e por amor me apresentaram a Fé cristã e o Messias esperado por Israel, o judeu Jesus.

À minha família, querida Katia, Celso e Beatriz e aos meus parentes judeus e cristãos, que sempre convivemos muito bem, com amizade e estima sinceras.

Aos Salesianos e Beneditinos, gratidão pela formação e exemplos de fé.

À Diocese de Santos na pessoa do meu bispo D. Tarcisio Scaramussa e o seu bispo emérito D. Jacyr Francisco Braido.

À Paróquia de Santos, Nossa Senhora do Rosário de Pompéia onde aprendi sempre a servir a Deus como sacerdote católico e a todos os paroquianos.

Ao Seminário São José, na pessoa dos seus formadores e aos seminaristas que me possibilitaram com sua estima e ajuda, dividir o tempo da formação com o estudo acadêmico.

Aos amigos do clero: P. Antonio Baldan Casal, Claudenil da Silva Moraes e P. Sancley Lopes Gondim, Cônego Bizon.

Aos amigos Américo, Maria Silvina, Priscila Mendes, Gilberto e Maria da Penha Baccarelli, Elza Aly, Anita Tarasiewicz e muitos outros.

Aos irmãos da Congregação de Nossa Senhora de Sion, na pessoa do Ir. Elio Passeto, bendito carisma na Igreja de manter acesa a Luz da Torah, a interpretação judaica das Escrituras, e o amor ao Povo Santo Judeu.

À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, aos professores, funcionários e colegas de estudo.

Ao homem da Palavra de Deus, que ama as Sagradas Escrituras e o Povo Santo fiel de Deus, meu orientador: Professor Matthias Grenzer, que com muita paciência e generosidade me ensinou o caminho da exegese bíblica e a importância profética de conversar com a Bíblia e trazê-la para a vida. Minha gratidão, admiração, respeito e amizade.

Aos amigos professores Pe. Dr. Donizete Luiz Ribeiro e ao Pe. Dr. Boris Agustin Nef Ulloa pelas observações nos momentos do Exame de Qualificação e da Defesa e pelos exemplos de vida sacerdotal e acadêmica.

À CAPES pela bolsa de estudo.

Aos igualmente queridos *irmãos mais velhos*, os Judeus, com quem sempre aprendo no diálogo, aos cristãos e pessoas de boa vontade.

RESUMO

O estudo aqui apresentado acolhe um motivo literário e histórico-teológico pertencente à narrativa bíblica sobre o êxodo. Repetidamente, ou seja, em quatorze cenas, os textos do livro do Êxodo se referem, pois, ao “coração do faraó”, sendo que este é mencionado por vinte vezes. Em dez momentos, se descreve como o Senhor, Deus de Israel, age com o coração do faraó (Ex 4,21; 7,3; 9,12.14; 10,1.20.27; 11,10; 14,4.8). Em quatro momentos, se contempla como o faraó mexe com seu coração (Ex 7,23; 8,11.28; 9,34). E, em outros seis momentos, narra-se como o coração do faraó reage aos acontecimentos (Ex 7,13.14.22; 8,15; 9,7.35). Mais ainda, diferentes verbos indicam movimentos diversos do coração do faraó. Assim sendo, o estudo apresentado nesta Dissertação procura compreender, em sua primeira parte, o que a narrativa bíblica reflete sobre o coração de quem governava o Egito. Na segunda parte, por sua vez, o presente estudo analisa como a tradição judaica, no decorrer da história, continuou a reflexão sobre o coração do faraó.

Palavras-chave: Coração do faraó; Êxodo, literatura bíblica, tradição judaica

ABSTRACT

The study presented here welcomes literary and historical-theological motif belonged to the biblical narrative on the exodus. Repeatedly, that is, in fourteen scenes, the texts of the book of Exodus refer to the "heart of the pharaoh", which is mentioned twenty times. In ten moments, it is described how the Lord, the God of Israel, acts with the heart of the pharaoh (Ex 4,21; 7,3; 9,12,14; 10,1,20,27; 11,10; 14,4,8). In four moments, it is contemplated how the pharaoh leads with his heart (Ex 7,23, 8,11,28; 9,34). And in six other moments, it is narrated how the heart of the pharaoh reacts to the events (Ex 7,13,14,22; 8,15; 9,7,35). Moreover, different verbs indicate different movements of the pharaoh's heart. Thus, the study presented in this Dissertation seeks to understand, in its first part, what the biblical narrative reflects on the heart of who ruled Egypt. In the second part, the present study analyzes how the Jewish tradition, throughout the history, continued the reflection on the heart of the pharaoh.

Key words: Heart of Pharaoh, Exodus, Biblical literature, Jewish tradition

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 O CORAÇÃO DO FARAÓ NA NARRATIVA DO ÊXODO	13
1.1 O coração do faraó durante a volta de Moisés ao Egito (Ex 4,21)	14
1.2 O coração do faraó ao se redefinir a missão de Moisés (Ex 7,3)	17
1.3 O coração do faraó após a transformação do cajado de Aarão em serpente (Ex 7,13)	19
1.4 O coração do faraó na primeira praga (Ex 7,14.22-23)	21
1.5 O coração do faraó frente à segunda praga (Ex 7,25 – 8,11)	25
1.6 O coração do faraó frente à terceira praga (Ex 8,12-15).....	28
1.7 O coração do faraó frente à quarta praga (Ex 8,16-28)	31
1.8 O coração do faraó frente à quinta praga (Ex 9,1-7)	34
1.9 O coração do faraó frente à sexta praga (Ex 9,8-12)	37
1.10 O coração do faraó frente à sétima praga (Ex 9,13-35)	40
1.11 O coração do faraó frente à oitava praga (Ex 10,1-20)	45
1.12 O coração do faraó frente à nona praga (Ex 10,21-29)	50
1.13 O coração do faraó frente à décima praga (Ex 11,1-10)	53
1.14 O coração do faraó frente às promessas agora realizadas por Deus (Ex 14)	56
2 O CORAÇÃO DO FARAÓ NA TRADIÇÃO JUDAICA	59
2.1 Midrash, Aggadah e Halakhah	60
2.2 Os Midrashim e as Aggadot da Tradição de Israel nas narrativas do Êxodo	65
2.3 Um Cajado de Safira muito especial e uma serpente	67
2.4 A reflexão da Tradição de Israel sobre o <i>coração do faraó</i> nas narrativas das Pragas	70
2.5 Os Midrashim e as Aggadot da Tradição de Israel sobre hebreus com um <i>coração</i> egípcio e o sarcófago de José	74
2.6 A reflexão da Tradição de Israel sobre o <i>coração do faraó</i> frente ao mar que se abriu.....	79
2.7 A exegese dos pensadores judeus diante do movimento interior do <i>coração do faraó</i>	83

2.7.1 Shadal	84
2.7.2 Cassuto	85
2.7.3 Albo	86
2.7.4 Sforno	86
2.7.5 Rambam.....	87
2.7.6 Rashi	90
2.7.7 Hirsch	91
Considerações finais	93
Bibliografia	102

O CORAÇÃO DO FARAÓ NO LIVRO DO ÊXODO E NA TRADIÇÃO JUDAICA

Um estudo exegético de Ex 7–14*

Introdução

O que acontece com o coração de um governante que insiste, decididamente, em políticas opressivas, sem compreender a necessidade de os oprimidos recuperarem sua liberdade? A história do êxodo medita este fenômeno de forma extensa. Repetidamente, olha para o coração do faraó, rei do Egito, contemplando o processo de um endurecimento cada vez mais dramático.

As tradições do êxodo se encontram nos quatro livros finais da Torá, quer dizer, do Pentateuco. No caso, o primeiro livro do Pentateuco, chamado de Gênesis, versa sobre as origens da humanidade (Gn 1–11) e, especialmente, as origens de Israel entre os patriarcas e matriarcas (Gn 12–36), sendo que os descendentes de Abraão, na quarta geração, chegaram a instalar-se no Egito (Gn 37–50). Os livros Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, por sua vez, narram como os filhos de Israel, após terem sido brutalmente oprimidos no Egito, conseguiram sair da sociedade opressiva nas terras do rio Nilo.

a) A narrativa do êxodo

Em princípio, o projeto do êxodo é caracterizado por três etapas. Após descrever o sofrimento dos israelitas nas terras do Egito (Ex 1,1–13,16), a narrativa do êxodo apresenta, primeiramente, a partida de lá (Ex 13,17–15,21). Em seguida, é contada a longa travessia do deserto (Ex 15,22–Nm 21,20). Finalmente, a narrativa se concentra em relatar a chegada e instalação nas terras de Canaã (Nm 21,21–Dt 34,12), sendo que os episódios sobre o processo de ocupação e inserção de Israel no meio dos outros povos na terra prometida somente se encerram no final de Js 12.¹

Seja lembrado, neste momento, que a experiência da libertação do Egito, no meio do caminho, é transformada em um projeto jurídico. Dessa forma, a metade dos textos presentes no Pentateuco é formada por leis. Trata-se da tentativa de guardar a liberdade conquistada

¹ Leonardo Fernandes AGOSTINI; Matthias GRENZER, *Êxodo 15,22–18,27*, p. 6; Jean Louis SKA, *Introdução à leitura do Pentateuco*, p. 42; Erich ZENGER, *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 45.

pela graça divina e de protegê-la juridicamente, para nunca mais perdê-la. Mais ainda: tanto a experiência surpreendente da libertação como as leis que surgem desta experiência são atribuídas ao SENHOR, Deus de Israel. Na compreensão transmitida pelas tradições bíblicas, foi o SENHOR quem libertou seu povo da escravidão no Egito e foi o SENHOR quem, no caminho, o instruiu através de seus mandamentos, oferecendo-lhe suas leis divinas. Quer dizer, todo o projeto do êxodo e, com isso, toda a Torá são fruto ou resultado da graça divina. Neste sentido, a experiência feita por Israel representa um caminho agraciado pelo SENHOR.²

b) O faraó

Ao narrar a estada dos israelitas no Egito e sua saída da sociedade opressiva, sendo que o SENHOR, de forma extraordinária, salva seu povo no Mar dos Juncos, os faraós ganham maior presença. Literariamente, o faraó surge, no livro do êxodo, com a notícia oferecida em Ex 1,8: *Um novo rei se ergueu sobre o Egito*. A morte deste governante, o faraó-opressor, é noticiada em Ex 2,23: *E foi naqueles dias numerosos que o rei do Egito morreu* (cf. também Ex 4,19). Pela lógica interna proposta pela narrativa bíblica, trata-se do sucessor desse faraó, o qual decidira oprimir os *filhos de Israel* (Ex 1,10), que não está disposto a libertar os oprimidos (Ex 5). Por isso, este novo ou segundo *faraó* no livro do Êxodo enfrenta as pragas (Ex 7–12) e, junto a seu exército, chega a perder sua vida debaixo das águas do Mar dos Juncos (Ex 14,28).

Enfim, o objeto da pesquisa aqui apresentada é o *coração* deste último *faraó*, sem que ouvinte-leitor pudesse conhecer o nome dele. Acompanhando a sequência das narrativas em Ex 3–15 e, em especial, as tradições sobre as dez pragas (Ex 7–12), serão estudadas todas as notícias que se referem a este órgão tão importante do *rei do Egito*. Ou seja, no primeiro capítulo desta Dissertação, será realizado um estudo exegético de alguns versículos, favorecendo-se a leitura mais exata possível daquilo que as narrativas bíblicas apresentam a respeito do *coração do faraó*. No segundo capítulo, será exposto como a tradição judaica reflete sobre o *coração do faraó* que oprimiu os israelitas.

² Cf. António COUTO, **Pentateuco: caminho da vida agraciada**, p.20

c) Metodologia

Inserindo-se nas pesquisas científicas atuais, o estudo exegético aqui apresentado acolhe, no primeiro Capítulo, a seguinte dinâmica: visita-se sempre o texto hebraico de cada frase analisada, sendo que o livro do Êxodo, originalmente, foi composto nesta língua; respeita-se a beleza literária que tais tradições bíblicas revelam – ou seja, cada micronarrativa, assim como a macronarrativa foi artisticamente construída, no sentido de o texto final precisar ser qualificado como literatura e/ou poética –; leva-se em consideração que tais tradições bíblicas pressupõem um determinado contexto histórico; e, por excelência, reconhece-se que as narrativas poéticas em questão promovem uma ampla reflexão teológica.³

Em vista do contexto histórico-cultural, é preciso evidenciar, mais exatamente, qual foi a compreensão do *coração* nas culturas do antigo Egito e Israel, visando-se um estudo de antropologia bíblica e/ou cultural. Afinal, não se pode pressupor que diferentes culturas atribuam, em épocas diversas, conotações simbólicas iguais a uma determinada realidade. No entanto, as diferentes culturas dialogam entre si. Consequentemente, tal diálogo influencia a reflexão teológica. Ou seja, para as tradições do êxodo, o coração do faraó e o que acontece nele também é uma questão que se refere a Deus.

No segundo capítulo da Dissertação aqui apresentada, por sua vez, ocorrerá um diálogo com a tradição judaica, seja ela escrita ou oral. Esta última, há séculos e séculos, guarda e também interpreta os textos bíblicos em questão, respeitando-os como Sagradas Escrituras e Palavra de Deus. Portanto, historicamente, lhe pertence a primazia. Mais tarde, porém, também a tradição cristã entrou nessa dinâmica. Recentemente, o papa Francisco, em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, descreveu, outra vez, a dupla responsabilidade destas duas comunidades religiosas formadas por judeus e cristãos.

“Deus continua a operar no povo da Primeira Aliança e faz nascer tesouros de sabedoria que brotam do seu encontro com a Palavra divina. Por isso, a Igreja também se enriquece quando recolhe os valores do Judaísmo. Embora algumas convicções cristãs sejam

³ Confira em vista das questões metodológicas da exegese bíblica as seguintes obras consultadas para o estudo apresentado nesta Dissertação: LIMA, Maria de Lourdes Corrêa LIMA, **Exegese Bíblica. Teoria e Prática**; Daniel MARGUERAT; Yvan BOURQUIN; **Para ler as narrativas bíblicas. Iniciação à análise narrativa**; Cássio Murilo Dias da SILVA (com a colaboração de especialistas). **Metodologia de Exegese Bíblica**; Jean Louis SKA, **“Our Fathers Have Told Us”. Introduction to the Analysis of the Hebrew Narratives**; Horácio SIMIAN-YOFRE; Innocenzo GARGANO; Jean Louis SKA; Stephen PISANO (org.). **Metodologia do Antigo Testamento**.

inaceitáveis para o Judaísmo e a Igreja não possa deixar de anunciar Jesus como Senhor e Messias, há uma rica complementaridade que nos permite ler juntos os textos da Bíblia Hebraica e ajudar-nos mutuamente a desentranhar as riquezas da Palavra, bem como compartilhar muitas convicções éticas e a preocupação comum pela justiça e o desenvolvimento dos povos”.⁴

Finalmente, algumas considerações finais, com a tentativa de atualizar a reflexão promovida pelas tradições bíblicas que narram o êxodo, procurarão o diálogo com o tempo atual. O que, pois, se passa nos corações de governantes, em especial daqueles que insistem na opressão e exploração de grande parte do povo? Além disso, como deve funcionar o coração de um líder mais autêntico, que corresponde à vontade de Deus? Talvez o seguinte episódio sobre o Pastor fidedigno, pertencente à tradição judaica da Hagadá, possa ser uma primeira pista, motivando a leitura do estudo realizado nesta Dissertação.

הרועה הנאמן - O Pastor Fidedigno

“Moisés era um pastor de rebanho. Um dia Moisés foi para além do rebanho no deserto. Eis que ele viu um cordeirinho que tinha escapado do rebanho. Moisés o buscou indo atrás do cordeirinho. O cordeirinho correu e correu, até chegar numa fonte. Ele ficou de pé ao lado da fonte e bebia água. Moisés entendeu que o cordeirinho estava com muita sede e ele teve compaixão pelo cordeirinho. E quando o cordeirinho parou de beber, Moisés o tomou sobre os seus ombros e o devolveu ao rebanho. Deus viu o que fez Moisés e lhe disse:

אתה רחמם על הגדי הקטן כי לבך מלא רחמים

Você teve compaixão com o cordeirinho porque o seu

coração está pleno de compaixão!

Por isso você pastoreará o meu povo Israel. Levanta-te! Vai ao faraó, rei do Egito! Salve os filhos de Israel do Egito. Serás para eles um pastor fidedigno”. Torah Oral - Hagadá - (על-פי האגדה) -

⁴ Papa Francisco, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, n° 249.

1 O CORAÇÃO DO FARAÓ NA NARRATIVA DO ÊXODO

Diversos *faraós*, ou seja, *reis do Egito* acompanham o ouvinte-leitor do livro do Êxodo desde o início da macronarrativa. Conta-se, primeiramente, como a opressão nasceu para os israelitas no ambiente do palácio, ou seja, a partir da decisão de um faraó (Ex 1,8-14). Sem consciência histórica – *Não conhecia José!* (Ex 1,8) –, este último insistiu em um discurso demagógico e irracional. Forçou os israelitas a *duros trabalhos* e a uma *servidão amarga* (Ex 1,13-14).⁵

Em seguida, o *faraó* opressor continuou a perseguir seu plano de diminuir a numerosidade e força dos *filhos de Israel*. Esta vez queria ganhar a colaboração das *parteiras*, sendo que estas estavam assistindo as *mulheres hebreias* no momento de darem seus filhos à luz (Ex 1,15-22). Contudo, enfrentado a resistência delas, no sentido de não obedecerem à ordem faraônica de *jogarem os meninos* recém-nascidos *no rio*, o rei do Egito, simplesmente, transferiu o exercício deste ato violento a *seu povo* (Ex 1,22).⁶

Num terceiro momento, após ter ouvido do *ferimento* mortal de um egípcio por parte de Moisés, o *faraó* procurou matar este último (Ex 2,15b).⁷ Contudo, Moisés conseguiu fugir desta perseguição rumo às terras de *Madiã*. Neste ínterim, por sua vez, o *faraó* opressor – ou um de seus sucessores – chegou a *morrer* (Ex 2,23).⁸ Afinal, a narrativa do êxodo não identifica os *faraós* de acordo com os seus nomes. Por isso, fica em aberto se a opressão se limitou ao governo de um só rei ou se foram vários reis que insistiram na opressão dos filhos de Israel.

Contudo, com a morte de tal *faraó*, não cessou a *opressão com que os egípcios estavam oprimindo* os israelitas (Ex 2,23; 3,9). Diante disso, Moisés, segundo a narrativa de sua vocação (Ex 3,1–4,17), é *enviado* pelo SENHOR, Deus de Israel, ao *faraó*, para *fazer os filhos de Israel saírem do Egito* (Ex 3,10). Ao mesmo tempo, porém, a narrativa bíblica já deixa claro que o *rei do Egito* não iria concordar com isso, *se não fosse obrigado por mão forte* (Ex 3,19). Neste sentido, o Deus dos israelitas, finalmente, se propõe a *estender sua mão e ferir o Egito* (Ex 3,20).

⁵ Cf. Matthias GRENZER, **O fracasso da política de opressão violenta (Ex 1,8-14)**.

⁶ Cf. Matthias GRENZER, **Em defesa da criança (Ex 1,15–2,10)**.

⁷ Cf. Matthias GRENZER, **Decidido a defender o oprimido (Ex 2,11-15c)**.

⁸ Cf. Matthias GRENZER, **O grito dos oprimidos (Ex 2,23-25)**.

Enfim, inicia-se, dessa forma, o processo de um grande conflito interno no que se refere à pessoa de quem governa o Egito. De modo especial, para acompanhar de perto o que acontece com o *faraó*, os diversos episódios da narrativa do êxodo olham agora para o que acontece com o *coração do rei do Egito*. Este órgão, tão importante também para o faraó, é mencionado, pela primeira vez, em Ex 4,21. Começa aqui a história do não funcionamento do *coração* de um governante. Mais ainda, a falência desse órgão vital – no sentido de o *faraó* não conseguir mais colocar seu *coração* e, portanto, seu pensamento em que deveria colocá-lo – provocará a morte do rei do Egito (Ex 14,27-28.30). Mais ainda, semelhantemente ao *coração do faraó* (Ex 14,4.8), também os *corações de seus servos* (Ex 14,5) e dos *egípcios* (Ex 14,17) são atingidos pelo mesmo processo de não funcionamento, sendo que este, em determinado momento, se revela definitivo e fatal.

No primeiro capítulo da Dissertação aqui apresentada, serão analisados todos os trechos da macronarrativa do êxodo, nos quais ocorre uma referência ao *coração do faraó*, ou seja, da primeira presença deste órgão do governante em Ex 4,21 até a última em Ex 14,8.

1.1 O coração do faraó durante a volta de Moisés ao Egito (Ex 4,21)

a) Contexto literário

Após um primeiro encontro pessoal com o SENHOR (Ex 3,1-6), ocorre um longo diálogo entre o Deus dos filhos de Israel e Moisés (Ex 3,7-4,17). Conforme a narrativa bíblica, Moisés é chamado a voltar ao Egito, a fim de exigir do faraó que este deixe os por ele oprimidos partirem, no sentido de eles saírem do Egito. Embora Moisés, inicialmente, apresente diversas objeções (Ex 3,11.13; 4,1.10.13), apoiado pelas palavras do SENHOR e de seu sogro *Jetro*, e acompanhado por *Séfora* e *seus filhos*, Moisés, após passar novamente por *Madiã*, finalmente *volta ao Egito* (Ex 4,18-20).⁹ Tal volta, logo no início, é marcada por outro discurso atribuído ao SENHOR (Ex 4,21-23), sendo que o *coração do faraó* se torna, pela primeira vez na narrativa do êxodo, alvo da reflexão.

⁹ Cf. Matthias GRENZER; Francisca Cirlena Cunha SUZUKI, **Voltar, com a família, à sociedade em conflito (Ex 4,18-20)**.

Antes de focar, especificamente, a expressão que se refere ao *coração do faraó*, seja apresentada a unidade literária – a cena, a micronarrativa ou narrativa – que estabelece o contexto literário imediato.

²¹ O SENHOR disse a Moisés: “Quando tu fores, a fim de voltar ao Egito, vê todos os prodígios que coloquei em tua mão e os realiza diante do faraó! Eu tornarei forte o coração dele. No entanto, não enviará o povo.” ²² Dirás ao faraó: ‘Assim disse o SENHOR: Israel é meu filho, meu primogênito!’ ²³ Ele disse a ti: Envia meu filho, para que me sirva! Contudo, recusaste-te a enviá-lo. Eis que eu matarei teu filho, teu primogênito’”.

b) Análise morfológica e sintática

<i>E eu tornarei forte o coração dele.</i>	Ex 4,21	וְאֲנִי אַחֲזֶק אֶת־לִבּוֹ Raiz verbal: חִזַּק Forma do verbo: Piel Imperfeito 1ª Singular Sujeito atuante: o Senhor
--	---------	---

c) Estudo semântico-teológico

O *coração faraó* é mencionado vinte vezes em Ex 4–14. Por dez vezes, se descreve, nas narrativas bíblicas, a ação do SENHOR, Deus dos filhos de Israel, com o *coração* de quem insiste na opressão destes últimos. Como se configura, mais exatamente, a ação divina? Porventura, existe, em algum momento, uma ação benévola da parte do SENHOR, no sentido de este último ser favorável a quem governa o Egito? Ou, desde o início, o Deus de Israel, em vez de agir positivamente com o *coração do faraó*, apenas lhe faz oposição, agindo contra o *coração* do opressor? Com outras palavras, surgem as seguintes perguntas: o faraó ainda tem a liberdade de chegar a uma decisão que lhe permita sua sobrevivência? Ou já existe algum tipo de predestinação, no sentido de ele se opor, definitivamente, à vontade de Deus e, com isso, provocar seu fim? Como deve ser avaliada a questão ligada ao livre arbítrio do faraó?

No caso de Ex 4,21, a compreensão da raiz verbal חִזַּק ganha maior importância. O verbo aparece com boa frequência nas tradições da Bíblia Hebraica, sendo ele conjugado em diversos graus. Na conjugação simples, ou seja, no grau do Qal, חִזַּק, em princípio, significa

ser forte ou *tornar-se forte*. Na conjugação derivada do Piel, a qual, em princípio, apresenta uma ação intensiva, o verbo קִיץ ganha a conotação de *tornar forte/firme* ou *fortalecer*.¹⁰ Dessa forma, continua a transmitir uma ação positiva, ou seja, uma atuação em favor de quem se torna objeto desta ação. No caso, o Senhor *reforçaria o coração do faraó* (Ex 4,21). Não obstante, também é possível que esta ação de *reforço* se configure, de repente, como um *tornar obstinado*. Assim, a ação precisaria ser compreendida como negativa ou até destrutiva.¹¹

O verbo קִיץ , por si só, não resolve o impasse. É preciso recorrer ao contexto literário. Nesse sentido, a própria macronarrativa do êxodo deveria esclarecer a dúvida provocada pelo texto bíblico mesmo. No entanto, a história do êxodo, literariamente, talvez queira trabalhar com a ambiguidade aqui descrita, no sentido de o ouvinte-leitor ser convidado a carregar consigo a dúvida sobre o posicionamento do *Senhor*, Deus de Israel, em relação ao *faraó*. Porventura, Deus ainda estaria insistindo na autonomia e capacidade de quem governa o Egito, querendo que o *coração do faraó* seja forte, a fim de que este pense o que tem que ser pensado, tome a decisão que precisa ser tomada e, portanto, devolva a liberdade aos por ele oprimidos? Ou o *Senhor* já iniciou o processo de favorecer que o *coração do faraó* se torne cada vez mais obstinado, sendo que ele irá provocar uma catástrofe, na qual ele e alguns de seus servos irão sucumbir? No caso, o *faraó* já teria perdido seu livre arbítrio? As próximas cenas haverão de jogar uma luz sobre tais perguntas.

¹⁰ W. L. HOLLADAY. **Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento**. Vida Nova, São Paulo: 2010, p. 141.

¹¹ Em relação aos termos “conjugação simples” e “derivada”, veja Enrique FARFÁN Navarro, **Gramática do hebraico bíblico**, p. 50. No que se refere à semântica do verbo קִיץ , confira William L. HOLLADAY, *idem*, p. 141-142.

1.2 O coração do faraó ao se redefinir a missão de Moisés (Ex 7,3)

a) Contexto literário

Após Moisés, acompanhado por Aarão, ter voltado ao Egito, os israelitas, ao verem os sinais apresentados, primeiramente põem sua fé no Senhor, acreditando nele como quem estava os visitando em meio a sua *miséria* (Ex 4,29-31). Logo em seguida, porém, as negociações com o faraó resultaram num desastre e agravamento da situação. Moisés e Aarão não conseguiram negociar politicamente a liberdade dos israelitas oprimidos (Ex 5). Pelo contrário, o faraó insistiu num aumento dos trabalhos forçados, avaliando os por ele oprimidos como preguiçosos e as palavras de defesa da liberdade dos israelitas como *mentirosas* (Ex 5,6-9). Por consequência, Moisés e Aarão foram hostilizados justamente por aqueles cuja liberdade estavam defendendo (Ex 5,20-21). Em meio a esta crise, a vocação de Moisés é retomada (Ex 6,2-7,7), sendo que outra palavra do Senhor sobre o *coração do faraó* faz parte da escolha de Moisés como líder.

⁷¹ O SENHOR disse a Moisés: “Vê! Eu te instituo um deus para o faraó! E Aarão, teu irmão, será teu profeta!”² Tu falarás tudo o que te ordeno. E Aarão, teu irmão, falará ao faraó, para que, de sua terra, mande embora os filhos de Israel. ³ Eu mostrarei dureza para com o coração do faraó e multiplicarei meus sinais e meus prodígios na terra dos egípcios. ⁴ O faraó não vos escutará. No entanto, colocarei minha mão sobre o Egito e, em meio a grandes julgamentos, farei sair da terra dos egípcios meus exércitos, ou seja, meu povo, os filhos de Israel. ⁵ Quando eu estender minha mão contra os egípcios e do meio deles fizer sair os filhos de Israel, os egípcios irão saber que eu sou o SENHOR”. ⁶ Moisés e Aarão fizeram como o SENHOR lhes ordenara. Assim fizeram. ⁷ Quando falaram ao faraó, Moisés tinha oitenta anos, e Aarão, oitenta e três.

b) Análise morfológica e sintática

<i>E eu mostrarei dureza para com o coração do faraó ...</i>	Ex 7,3	ואני אקשה את־לב פַּרְעֹה Raiz verbal: קשה Forma do verbo: Hifil Imperfeito 1ª Singular Sujeito atuante: o Senhor
--	--------	--

c) Estudo semântico-teológico

Semelhantemente à narrativa que traz a primeira menção do *coração do faraó* (Ex 4,21), a narrativa aqui focada apresenta o *Senhor*, Deus dos filhos de Israel, como quem se propõe a agir com quem insiste na opressão. Outra vez, ouve ou lê-se um discurso direto do *Senhor*. Ocorre o uso do pronome pessoal na primeira pessoa do singular (*eu*). Consequentemente, também o verbo apresenta a forma da primeira pessoa do singular, descrevendo a atuação do *Senhor* para com o *coração do faraó*. Contudo, não se trata da mesma raiz verbal do que em Ex 4,21. Enquanto ali foi transmitida a ideia de *o Senhor tornar forte o coração do faraó*, essa vez a narrativa do êxodo trabalha com a raiz verbal קשה.

Comumente, o verbo é compreendido como *o Senhor endurecer o coração do faraó*.¹² Contudo, o verbo קשה no grau do Piel também pode ser entendido no sentido de *o Senhor*, Deus de Israel, *mostrar dureza para com o coração do faraó* (Ex 7,3). Com isso, a conotação muda levemente. Surge a ideia de *o Senhor* estar decidido no que se refere à atitude do faraó. Pretende agir firmemente em relação a quem insiste na opressão dos por ele maltratados. No que se refere à liberdade dos miseráveis, não haverá o que ainda pudesse ser negociado com o governante. Enfim, o *Senhor*, Deus dos hebreus, se propõe a ser resistente em relação àquele que resiste à ao projeto de libertação dos oprimidos.

¹² Ex 7,3: Cf. a tradução da Bíblia de Jerusalém: "Eu, porém endurecerei o coração do faraó"; a Bíblia Sagrada, tradução da CNBB: "Quanto a mim, vou endurecer o coração do faraó"; André Chouraqui, Tradução para o Francês e comentários de André Chouraqui – Nomes (Êxodo): "E eu endureço o coração de faraó".

1.3 O coração do faraó após a transformação do cajado de Aarão (Ex 7,13)

a) Contexto literário

Segundo a narrativa do livro do Êxodo, Deus sabe que o faraó irá exigir um sinal (Ex 7,9). Quando Moisés e Aarão se encontram com o faraó, seus sábios e magos (Ex 7,10), ocorrem vários confrontos. Aqui temos como que um prelúdio, uma introdução do que se confrontará ao longo do enredo. Um embate, no qual o mais forte e santo derrota os falsos e ilusórios poderes. (Ex 7,12) Um cajado, que representa a soberania conforme a tradição das Escrituras, torna-se sinal do poder superior de Deus de Israel e indica que o faraó e todo o seu sistema opressor será vencido. Contudo, o sinal ainda não convence o faraó (Ex 7,13). Eis uma tradução da cena em questão.

⁷⁸ O SENHOR disse a Moisés e a Aarão: ⁹ “Quando o faraó vos falar: ‘Oferecei um prodígio em vosso favor!’, dirás a Aarão: ‘Toma teu cajado e o lança diante do faraó! Em um réptil se transformará’”. ¹⁰ Moisés e Aarão chegaram ao faraó e fizeram como o SENHOR ordenara. Aarão lançou seu cajado diante do faraó e de seus servos, e em um réptil se transformou. ¹¹ Então o faraó também chamou os sábios e os que praticam feitiçaria. E fizeram também eles, os magos dos egípcios, a mesma coisa com suas ciências ocultas. ¹² Cada um lançou seu cajado. Transformaram-se em répteis, mas o cajado de Aarão engoliu os cajados deles. ¹³ Contudo, o coração do faraó se fez forte. Não os escutou, conforme o SENHOR falara.

b) Análise morfológica e sintática

O coração do faraó se fez forte.	Ex 7,13	נִיחָזַק לֵב פַּרְעֹה Raiz verbal: חזק Forma verbal: Qal Waw-Imperfeito 3ª Singular Sujeito atuante: o coração do faraó
----------------------------------	---------	--

c) Estudo semântico-teológico

Diferentemente do que foi conferido em Ex 4,21; 7,3, esta vez não é o *Senhor*, Deus de Israel, que atua com o *coração do faraó*. Também não é dentro de um discurso direto do *Senhor* que o *coração do faraó* ganha atenção. Pelo contrário, ouve-se ou lê-se o que é transmitido pelo narrador. Este, ao observar o governador do Egito, comenta que *o coração do faraó se fez forte* (Ex 7,13).

Com isso, surge um interessante contraste. Há, pois, uma diferença significativa entre a realidade de o *Senhor* se propor a *tornar forte o coração do faraó* (Ex 4,21) e o próprio *coração do faraó* insistir em sua *força* (Ex 7,13). Ou seja, uma coisa é o *Senhor*, Deus de Israel, querer que o raciocínio do rei do Egito funcione. Outra coisa é o próprio faraó insistir na *força* de seu raciocínio. Seja lembrada a diferença entre a postura dos babilônios – *Façamo-nos um nome!* (Gn 11,4) – e o que será o destino de Abraão, ao qual o *Senhor* diz: *Engrandecerei teu nome!* (Gn 12,2). Torna-se evidente que a atuação de Deus para com o homem é algo bem diferente de o homem agir em relação a si mesmo.

Outros textos na Bíblia Hebraica ilustram bem a pretensiosa compreensão de si mesmo por parte do governante do Egito. Seja lembrado o discurso divino presente em Ez 29,3: *Eis que eu estou contra ti, ó faraó, rei do Egito, grande dragão deitado no meio do Nilo, tu que dizes, O Nilo é meu, fui eu que o fiz*. A própria narrativa do êxodo também destaca a superioridade que o faraó atribui a si: *Quem é o SENHOR para que ouça a sua voz e deixe Israel e deixe Israel partir? Não conheço o SENHOR e tampouco deixarei Israel partir* (Ex 5,2).

Enfim, o *coração do faraó* tinha sido *reforçado* pelo *Senhor*, Deus dos hebreus (Ex 4,21), mas o rei do Egito, por enquanto, insiste em sua *força* própria. Ou seja, ele mesmo se propõe a *tornar forte seu coração* (Ex 7,13).

1.4 O coração do faraó na primeira praga (Ex 7,14.22-23)

a) Contexto literário

Em Ex 7,14–11,10, o ouvinte-leitor do livro do Êxodo ouve ou lê um ciclo de micronarrativas formado por onze episódios. São apresentadas, primeiramente, nove pragas em forma de três grupos, sendo que cada grupo é formado por três micronarrativas que contam três pragas. No final, ocorre o anúncio da décima praga, a qual consiste na morte dos primogênitos. Eis a sequência das micronarrativas: Ex 7,14-24; 7,25–8,11; 8,12-15; 8,16-28; 9,1-7; 9,8-12; 9,13-35; 10,1-20; 10,21-29; 11,1-10.¹³ Seja apresentada a tradução referente à primeira praga imposta aos egípcios:

7¹⁴ O SENHOR disse a Moisés: “O coração do faraó está pesado; recusou-se a enviar o povo. **15** Vai ao faraó pela manhã! Quando ele sair para a água, te posicionarás para encontrá-lo à beira do rio. Em tua mão, tomarás o cajado que se transformou em serpente. **16** Dirás a ele: ‘O SENHOR, Deus dos hebreus, me enviou a ti para dizer: ‘Envia meu povo, para que me sirva no deserto!’ Mas eis que, até agora, não tens escutado. **17** Assim diz o SENHOR: ‘Nisto saberás que eu sou o SENHOR: com o cajado, que está em minha mão, eu ferirei as águas que estão no rio. Em sangue se transformarão. **18** E morrerão os peixes que estão no rio. O rio cheirá mal e os egípcios não conseguirão beber a água do rio’”.

19 O SENHOR disse a Moisés: “Dize a Aarão: ‘Toma teu cajado e estende tua mão sobre as águas do Egito, sobre seus canais, sobre seus rios, sobre suas lagoas e sobre todo reservatório de suas águas, para que se tornem sangue. Haverá sangue em toda a terra do Egito, tanto nas árvores como nas pedras’”.

20 Moisés e Aarão fizeram como o SENHOR lhes ordenara. Ou seja, levantou o cajado e, diante dos olhos do faraó e dos servos dele, feriu as águas que estavam no rio. E todas as águas que estavam no rio se transformaram em sangue. **21** Os peixes que estavam no rio morreram. O rio cheirou mal e os egípcios não podiam beber as águas do rio. Por toda a terra do Egito, houve sangue. **22** Os magos egípcios, porém, com suas ciências ocultas, fizeram o mesmo. Então o coração do faraó se fez forte e, conforme o SENHOR falara, não os escutou. **23** O faraó se virou e entrou em sua casa. Também não colocou nisso seu coração. **24** Então todos os egípcios

¹³ No que se refere à subdivisão da macronarrativa, confira Helmut UTZSCHNEIDER; Wolfgang OSWALD, *Exodus 1–15*, p. 187-242.

cavaram por água para beber nos arredores do rio, pois não podiam beber das águas do rio.²⁵ Completaram-se sete dias após o SENHOR ter batido no rio

b) Análise morfológica e sintática

No episódio que narra a primeira praga (Ex 7,14-25), existem três referências ao *coração do faraó*. A primeira figura logo no início da narrativa.

O coração do faraó está pesado!	Ex 7,14b	כָּבֵד לֵב פַּרְעֹה Raiz verbal: כָּבַד Adjetivo singular masculino: כָּבֵד Frase nominal Sujeito: o coração do faraó
---------------------------------	----------	--

"Numa oração sem verbo, um adjetivo predicativo serve para marcar uma afirmação acerca do sujeito da oração", sendo que "o predicativo geralmente precede o sujeito e é sempre indefinido".¹⁴ Mais exatamente, no caso de o adjetivo ser o predicado da frase nominal, ele "aparece tanto antes como depois do substantivo, concorda" com o substantivo "em gênero e número" e "nunca tem artigo".¹⁵ Justamente este é o caso em Ex 7,14. O substantivo *coração* (לֵב), em hebraico, é masculino. O adjetivo concorda com ele em gênero e número, mas não tem artigo.

¹⁴ Bruce K. WALTKE; Michael P. O'CONNOR. *Introdução à Sintaxe do Hebraico Bíblico*, p. 433-446.

¹⁵ Enrique FARFÁN Navarro. *Gramática do hebraico bíblico*, p. 42.

A segunda e terceira presenças do motivo do coração do faraó ocorrem no final da micronarrativa:

<i>E o coração do faraó <u>se fez forte</u>.</i>	Ex 7,22b	וַיַּחֲזֶק לֵב פַּרְעֹה Raiz verbal: חזק Forma do verbo: Qal Waw-Imperfeito 3ª Singular Sujeito atuante: <i>o coração do faraó</i>
<i>O faraó (...) <u>não colocou</u> seu coração nisso.</i>	Ex 7,23d	וְלֹא־שָׂת לִבּוֹ Raiz verbal: שית Forma do verbo: Qal Perfeito 3ª Singular Sujeito atuante: <i>o faraó</i>

c) Estudo semântico-teológico

Logo no início do ciclo de micronarrativas que apresentam as pragas sofridas pelos egípcios, ocorre uma referência ao *coração do faraó*. Trata-se do primeiro discurso direto, o qual pertence ao Senhor, Deus dos hebreus. É Moisés que escuta a seguinte afirmação: *O coração do faraó está pesado* (Ex 7,14). Com isso, a narrativa destaca “a postura autoritária do rei egípcio”.¹⁶ Ou seja, ocorre uma constatação. Descreve-se uma realidade, antes de iniciar-se o relato de qualquer tipo de acontecimento ou reação a quem insiste no *peso* e, com isso, na importância de seus raciocínios e suas decisões. É o faraó que perdeu a leveza e a agilidade em seu governo.

No final da micronarrativa que apresenta a primeira praga sofrida pelos egípcios, o ouvinte-leitor se encontra com outras duas referências ao *coração do faraó* (Ex 7,22-23). As

¹⁶ Edgar KELLENBERGER. *Die Verstockung Pharaos*, p. 126.

consequências negativas da transformação das águas em sangue não atingiram o faraó, mas somente o povo. *O faraó apenas se virou e entrou em casa* (Ex 7,23a), enquanto *todos os egípcios cavaram por água para beber nos arredores do rio*, uma vez que *não podiam beber mais das águas do rio* (Ex 7,24). Além disso, *os magos egípcios, com suas ciências ocultas, fizeram o mesmo*. Assim, o faraó, aparentemente, não ficou impressionado com os acontecimentos com o sinal provocado por Moisés e Aarão.

No final da micronarrativa em questão, é repetida a formulação já presente em Ex 7,13: *O coração do faraó se fez forte*, com a consequência de ele *não escutar* Moisés e Aarão, *conforme o SENHOR falara* (Ex 7,22b-d). É descrito, portanto, um processo em relação ao faraó, o qual ocorre em sua compreensão da realidade, em seu raciocínio e no processo de o governante tomar as suas decisões.

A terceira presença do motivo do *coração do faraó* no final da micronarrativa que apresenta a primeira praga realça ainda mais a responsabilidade do rei do Egito, trabalhando com uma expressão que, na macronarrativa do êxodo, somente se encontra aqui. Muda o sujeito. Enquanto na cena anterior (Ex 7,13) e na cena aqui focada (Ex 7,14.22) se encontrou, na posição do sujeito, *o coração do faraó*, apenas o termo *faraó* ocupa essa posição (Ex 7,23). De forma expressa, a narrativa destaca que é ele quem *não colocou seu coração* nos acontecimentos (Ex 7,23c). Ou seja, é sublinhada a responsabilidade do rei do Egito. Ele age consigo mesmo. Não quer pensar no que deveria pensar. Rejeita fazer uma releitura adequada dos acontecimentos. No fundo, nem se interessa pelo destino que seu povo leva, ao não encontrar mais água potável, um bem imprescindível para a sobrevivência. Com isso, fica claro a insensibilidade do governante no que se refere a seu raciocínio.¹⁷

¹⁷ Confira a interpretação de Ex 7,14-23 em: Matthias GRENZER, **O projeto do êxodo**, p. 52- 56.

1.5 O coração do faraó frente à segunda praga (Ex 7,25–8,11)

a) Contexto literário

Em Ex 7,25–8,11, o ouvinte-leitor das tradições do êxodo se confronta com a segunda praga sofrida pelos egípcios. A atitude do faraó, o qual *fez seu coração forte* (Ex 7,22) e *não colocou seu coração* no acontecimento da primeira praga (Ex 7,23), sendo que simplesmente se negou a *escutar* Moisés e Aarão (Ex 7,22), dando a estes dois e a seu próprio povo as costas (Ex 7,23), resulta na continuação do processo de o governante ser confrontado com catástrofes.

O palco da segunda praga é novamente o rio Nilo. Esta vez, ele ferveilha de rãs (Ex 7,28).

⁷²⁶ O SENHOR disse a Moisés: “Apresenta-te ao faraó e dize-lhe: ‘Assim diz o SENHOR: Envia meu povo, para que me sirva!’” ²⁷ Caso tu te recusares a enviá-lo, eis que eu, com rãs, golpearei todo o teu território. ²⁸ O rio ferverá de rãs. Subirão e entrarão em tua casa, no aposento de teu leito e sobre tua cama, na casa de teus servos e em meio a teu povo, em teus fornos e tuas amassadeiras. ²⁹ As rãs subirão em ti, em teu povo e em todos os teus servos’”. ⁸¹ O SENHOR disse a Moisés: “Dize a Aarão: ‘Com teu cajado, estende tua mão sobre os canais, sobre os braços do Nilo e sobre as lagoas! Faze subir as rãs sobre a terra do Egito!’” ² Aarão estendeu sua mão sobre as águas do Egito. As rãs subiram e cobriram a terra do Egito. ³ No entanto, os magos, com as suas ciências ocultas, fizeram o mesmo. Fizeram subir as rãs sobre a terra do Egito. ⁴ Então o faraó clamou por Moisés e Aarão e disse: “Rogai ao SENHOR, para que afaste as rãs de mim e de meu povo! Vou enviar o povo, para que ofereça um sacrifício ao SENHOR”. ⁵ Moisés disse ao faraó: “Vangloria-te por causa de mim! Quando devo rogar por ti, por teus servos e por teu povo, para as rãs serem eliminadas de ti e de tuas casas? Que restem somente no Nilo!” ⁶ Disse: “Para amanhã!” Então Moisés disse: “Seja conforme tua palavra, para que saibas que não existe igual ao SENHOR, nosso Deus. ⁷ As rãs se afastarão de ti, de tuas casas, de teus servos e de teu povo. Somente restarão no Nilo”. ⁸ Moisés e Aarão, então, saíram da presença do faraó. E Moisés gritou ao SENHOR por causa das rãs que este colocara para o faraó. ⁹ O SENHOR agiu conforme a palavra de Moisés e, nas casas, nos átrios e nos campos, as rãs morreram. ¹⁰ Amontoaram-nas, montão por

montão, e a terra cheirou mal. ¹¹ O faraó viu que houve alívio e atribuiu peso a seu coração. Não os escutou, conforme o SENHOR tinha falado.

b) Análise morfológica e sintática

O faraó <u>atribuiu peso</u> a seu coração ...	Ex 8,11c	וְהִכָּבֵד אֶת־לִבּוֹ Raiz verbal: כָּבַד Forma do verbo: Hifil Infinitivo absoluto Sujeito atuante: o faraó
--	----------	--

A forma do Hifil Infinitivo absoluto, de algum modo, surpreende. Trata-se de uma forma de uso mais raro. Ele pode "substituir qualquer forma do verbo finito, semelhantemente a um coringa".¹⁸ Contudo, seja lembrado que o Código Samaritano lê, no lugar do infinitivo absoluto no grau do Hifil (וְהִכָּבֵד), a forma do wayyiqtol, ou seja, do imperfeito com waw-conversivo, também no grau do hifil (וַיִּכָּבֵד). Ambas as formas podem ser traduzidas como *e atribuiu peso a seu coração*. Aliás, a forma do imperfeito com waw-conversivo (וַיִּכָּבֵד) se lê novamente em Ex 8,28.

c) Estudo semântico-teológico

Pela segunda vez, após Ex 7,23, as narrativas do êxodo apresentam o *faraó* agindo com seu *coração*. Até agora, pois, observa-se a seguinte sequência: em Ex 4,21; 7,3, é o SENHOR, Deus de Israel, quem age com o *coração do faraó*. Nas próximas duas presenças do *coração do faraó*, em Ex 7,13.22, é o próprio *coração* do rei do Egito que, segundo a ideia das narrativas, age sobre si mesmo. Avançando, por sua vez, ao observar a quinta e sexta presenças do *coração do faraó* em Ex 7,23; 8,11, o *faraó* é contemplado como quem age com seu *coração*.

¹⁸ Alexander B. ERNST. **Kurze Grammatik des Biblischen Hebräisch**. Neukirchen-Vluyn: Neukirchner Verlagsgesellschaft, 2013, p. 84.

Pela primeira vez, é usada, no final da narrativa sobre a segunda praga (Ex 8,11), a raiz verbal כָּבַד, a qual, no grau do Qal, significa *pesar*, mas, no grau do Hifil, *fazer pesar*, *causar que algo pese*, *atribuir peso a algo* ou *tornar pesado*.¹⁹ Por consequência, compreende-se, então, que o faraó é contemplado agora como quem *atribui peso a seu coração*, no sentido de ele se propor a valorizar seu raciocínio, suas decisões ou sua pessoa. Isso é bem diferente de quando Deus *atribui peso* ou importância a alguém. Seja lembrado que o verbo aqui estudado também chega a transmitir o significado de *honrar*. Portanto, uma realidade é o faraó *honrar-se a si mesmo*. Outra realidade seria o faraó *ser honrado* por Deus.

De qualquer forma, a micronarrativa sobre a segunda praga reforça a ideia de que há um agravamento no que se refere à atitude do *faraó* em relação a seu próprio *coração*. Enquanto, no final da micronarrativa sobre a primeira praga, a ideia era ainda que *o faraó não punha seu coração* nos acontecimentos (Ex 7,23), agora, no final da história sobre a segunda praga, o faraó é mais ativo. Ele não apenas deixa de fazer algo, mas ele atua ativamente, no sentido de ele *atribuir peso a seu coração* (Ex 8,11). Ou seja, o rei do Egito não mostra apenas indiferença em relação ao que acontece, mas se propõe a autovalorizar-se.

¹⁹ Cf. Nelson KIRST, Nelson KILPP, Milton SCHWANTES, Acir RAYMANN, Rudi ZIMMER. **Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português**. p. 98.
William L. HOLLADAY. **Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento**. p. 212.

1.6 O coração do faraó frente à terceira praga (Ex 8,12-15)

a) Contexto literário

Agora o ouvinte-leitor das tradições do êxodo se confronta com a narrativa curta sobre a terceira praga infligida aos egípcios, sendo que é trabalhada a imagem da transformação do *pó da terra* em *mosquitos* (Ex 8,12-15). Embora cada praga apresente uma catástrofe diferente, outros elementos se repetem. Isso vale também para a contemplação daquilo que ocorre com o *coração do faraó*.

Em três das notícias anteriores que se referem ao *coração faraó*, já estudadas acima, a macronarrativa do êxodo trabalhou com a raiz verbal **חזק**. Em Ex 4,21, o SENHOR, Deus de Israel, se propõe a *tornar forte* (**חזק** no Piel) o *coração do faraó*. Em Ex 7,13.22, ouve ou lê-se, por duas vezes, que o *coração do faraó se fez forte*. Na narrativa sob a terceira praga (Ex 8,12-15), novamente se insiste no uso da mesma raiz verbal.

O cenário da terceira praga se desloca do rio Nilo para a terra do Egito. Os mosquitos cobrirão esta última. Eis uma tradução mais literal da narrativa em questão.

8¹² O SENHOR disse a Moisés: “Dize a Aarão: ‘Estende teu cajado e fere o pó da terra, para que em toda a terra do Egito se torne mosquitos!’” ¹³ E fizeram assim. Com seu cajado, Aarão estendeu sua mão e feriu o pó da terra. Houve mosquitos sobre o ser humano e o gado maior. Na terra inteira do Egito, todo o pó da terra se tornou mosquitos. ¹⁴ Então os magos, com as suas ciências ocultas, fizeram o mesmo, a fim de fazer os mosquitos saírem, mas não foram capazes. E houve mosquitos sobre o ser humano e o gado maior. ¹⁵ Então os magos disseram ao faraó: “Isso é o dedo de Deus!” **O coração do faraó, porém, se fez forte.** Assim como o SENHOR tinha falado, não os escutou.

b) Análise morfológica e sintática

Por mais que o exercício talvez seja repetitivo, em vista da exatidão e continuidade da pesquisa é preciso voltar à análise morfológica:

<i>E o coração do faraó <u>se fez forte</u>,</i>	Ex 8,15b	וַיַּחֲזֵק לִב־פַּרְעֹה
		Raiz verbal: חֲזַק
		Forma do verbo:
		Qal Waw-Imperfeito 3ª Singular
		Sujeito atuante: <i>o coração do faraó</i>

Novamente, o sujeito da frase aqui estudada é *o coração do faraó*. Nas vinte frases da macronarrativa do êxodo nas quais aparece *o coração do faraó*, apenas seis delas trazem este órgão do rei do Egito na posição do sujeito, transmitindo a ideia de que o coração do faraó age sobre si mesmo (Ex 7,13.14.22; 8,15; 9,7.35). Portanto, na micronarrativa investigada nesse momento, é a terceira vez que se afirma, com palavras idênticas, a circunstância de que *o coração do faraó se fez forte* (Ex 7,13.22; 8,15).

Pode-se observar, dessa forma, o elemento estilístico da repetição. Praticamente, a frase – *E o coração do faraó se fez forte* – se torna uma fórmula. Sublinha-se assim a atividade ou insistência do faraó como quem atua e/ou age consigo mesmo. É preciso observar esse detalhe daqui para frente.

c) Estudo semântico-teológico

Retomando o que foi observado no parágrafo anterior, chama, então, a atenção do ouvinte-leitor que, nas primeiras pragas é *o coração do faraó* (Ex 7,13.22) ou *o faraó* (Ex 7,23; 8,11) quem atua. Embora tenha sido o SENHOR, Deus de Israel, quem se propôs a agir com *o coração do faraó*, tornando este último *forte* (Ex 4,21) ou *mostrar dureza com ele* (Ex 7,3), *o faraó*, respectivamente, seu *coração*, de repente, tem toda a liberdade de agir consigo mesmo. Quer dizer, surge a impressão que não houve nenhum tipo de predeterminação por parte de

Deus. O rei do Egito não perdeu sua liberdade. Pelo contrário, o SENHOR, Deus de Israel, quis que ele agisse, tornando *o coração do faraó* justamente *forte* para isso (Ex 4,21). Ou seja, exatamente por ter sido capacitado por Deus, o faraó teve condições de reagir. No entanto, não sentido de fazer o que quisesse. Caso o comportamento não fosse compatível com a vontade do Senhor, Deus de Israel, este *mostraria dureza com o coração do faraó* (Ex 7,3).

Seja observado outro paralelismo chamativo. Como no encontro que antecede as narrativas sobre as pragas (Ex 7,8-13), assim como na primeira e segunda narrativas sobre as pragas (Ex 7,14-25; 7,26-8,11), também na micronarrativa sobre a terceira praga (Ex 8,12-15), focada neste momento, a narração observa expressamente que o faraó *não escutou* Moisés e Aarão (Ex 7,13.22; 8,11: וְלֹא שָׁמַע אֱלֹהִים). Mais ainda: em Ex 7,23, narra-se que o faraó *não colocou seu coração nisso* (וְלֹא-שָׁתָה לְבֹו גַם-לְזֹאת). Essa circunstância favorece a seguinte conclusão: *fazer seu coração forte* (Ex 7,13.22; 8,15) ou *atribuir peso a seu coração* (Ex 8,11) corresponde à atitude ou é resultado da postura de *não ouvir* o que deveria escutar ou *não colocar* sua atenção ou seu pensamento em que deveria prestar atenção. Com outras palavras, fazer-se de surdo e negar-se a raciocinar é, aparentemente, o que o faraó tem de mais forte. Com isso, a possibilidade de ele ser atingido por outras e maiores catástrofes apenas aumenta.

1.7 O coração do faraó frente à quarta praga (Ex 8,16-28)

a) Contexto literário

Continuam as narrativas sobre as pragas. Já ocorre a quarta catástrofe. Essa vez, o Egito é atingido por *moscas*. Novamente, a catástrofe força o governador a posicionar-se frente ao acontecimento. Portanto, outra vez, o *coração do faraó* ganha a atenção do ouvinte-leitor.

Até agora, a narrativa apresentou, de um lado, o SENHOR como quem age com o *coração do faraó*, tornando o órgão forte (Ex 4,21), mostrando dureza com ele (Ex 7,3) ou constatando que o *coração do faraó está pesado* (Ex 7,14) e, portanto, perdendo mobilidade ou agilidade. De outro lado, é dito que o próprio *coração do faraó se fez forte* (Ex 7,13.22; 8,15). Além disso, o *faraó* é apresentado como quem age com seu *coração*. Ora não *põe seu coração* nos acontecimentos (Ex 7,23), ora o governante *atribui peso a seu coração* (Ex 8,11), no sentido de autovalorizar-se.

Com outras palavras, na narrativa sobre a quarta praga (Ex 8,16-28), pela terceira vez, o livro do Êxodo reflete sobre o *coração do faraó* sendo que este órgão vital é trabalhado como sujeito da frase. Isso ocorre exatamente quatro vezes em toda a macronarrativa sobre o êxodo (Ex 7,23; 8,11.28; 9,34).

Seja apresentada, novamente, uma tradução mais literal da narrativa bíblica em questão.

8¹⁶ O SENHOR disse a Moisés: “Levanta-te logo de manhã e posiciona-te diante do faraó, sendo que está saindo à água, e dize-lhe: ‘Assim disse o SENHOR: Envia meu povo, para que me sirva!’¹⁷ Se não fores tu quem envia meu povo, serei eu quem enviará as moscas contra ti, contra teus servos, contra teu povo e contra tuas casas. E as moscas encherão as casas dos egípcios e também o solo sobre o qual elas estarão.”¹⁸ Naquele dia, porém, tratarei com diferença a terra de Gessen, na qual permanece meu povo, para que ali não tenha moscas, a fim de que saibas que eu sou o SENHOR no meio da terra.¹⁹ Estabelecerei redenção entre meu povo e teu povo. Amanhã ocorrerá esse sinal’”.²⁰ E o SENHOR fez assim. Moscas pesadas entraram na casa do faraó, na casa de seus servos e em toda a terra do Egito. E a terra foi danificada.²¹ Então o faraó chamou Moisés e Aarão e disse: “Ide! Oferecei um sacrifício a vosso Deus na terra!”²² Moisés, porém,

disse: “Não é seguro agir assim, porque seria algo detestável para os egípcios. Ofereceremos um sacrifício ao SENHOR, nosso Deus. Mas, se oferecermos um sacrifício detestável aos olhos dos egípcios, não nos apedrejarão?” ²³ Andaremos um caminho de três dias no deserto e ofereceremos um sacrifício ao SENHOR, nosso Deus, assim como ele nos diz”. ²⁴ O faraó disse: “Eu vos envio, para que oferecereis no deserto um sacrifício ao SENHOR, vosso Deus. Apenas não vos distancieis demasiadamente ao andar! Rogai por mim!” ²⁵ Então disse Moisés: “Eis que eu saio de junto de ti e rogarei ao SENHOR, para que amanhã afaste as moscas do faraó, de seus servos e de seu povo. Que o faraó apenas não continue a enganar, não enviando o povo para oferecer um sacrifício ao SENHOR!” ²⁶ Moisés, pois, saiu de junto do faraó e rogou ao SENHOR. ²⁷ E o SENHOR agiu de acordo com a palavra de Moisés. Afastou as moscas do faraó, de seus servos e do povo dele. Não restou uma só. ²⁸ Contudo, o faraó, também dessa vez, atribuiu peso a seu coração e não enviou o povo.

b) Análise morfológica e sintática

O faraó atribuiu peso a seu coração .	Ex 8,28	וַיִּכְבֹּד פַּרְעֹה אֶת־לִבּוֹ Raiz verbal: כָּבַד Forma do verbo: Hifil Waw-Imperfeito 3ª Singular Sujeito atuante: o faraó.
--	---------	---

Comparado ao grau básico do Qal, o grau do Hifil expressa a dimensão do causativo. Alguém está sendo instigado a agir ou provocar um estado.²⁰ Nesse sentido, a raiz verbal כָּבַד, no grau do Qal, significa *ser pesado*. No grau do Hifil, por sua vez, a ideia é *causar que algo se torne pesado*, ou seja, *atribuir peso a algo*, no sentido de *honrá-lo*.²¹ No caso da narrativa aqui

²⁰ Cf. Bruce K. WALTKE; Michael P. O’CONNOR. **Introdução à sintaxe do Hebraico Bíblico**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 433-446.

²¹ Cf. Nelson KIRST; Nelson KILPP; Milton SCHWANTES; Acir RAYMANN; Rudi ZIMMER. **Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português**. 30ª ed. São Leopoldo; Petrópolis: Sinodal; Vozes, 2015, p. 98.

estudada, o *faraó* insiste em que seu *coração ganhe peso, se torne importante* ou, simplesmente, *seja honrado*, valorizando ou *atribuindo importância* ou *peso* ao seu próprio raciocínio. Acompanhando a sequência das narrativas na história sobre o êxodo, esse detalhe é narrado pela segunda vez. Em Ex 8,11, pois, já se leu que *o faraó atribuiu peso a seu coração*. Apenas a forma verbal era outra. Em vez de se ler a terceira pessoa do singular de um Hifil Waw-Imperfeito como em Ex 8,28, encontrava-se a forma de um Hifil Infinitivo Absoluto (Ex 8,11).

c) Estudo semântico-teológico

Pela terceira vez, as narrativas do êxodo apresentam o *faraó* como quem age com seu *coração*. O soberano, pois, já havia atuado com seu *coração* em Ex 7,23 e Ex 8,11. Na primeira referência, ouviu ou leu-se que *o faraó não pôs seu coração* nos acontecimentos da primeira praga (Ex 7,23), ou seja, na transformação de todas as águas no Egito em sangue. Na segunda referência, por sua vez, foi dito que *o faraó*, ao assistir a subida das rãs, *atribuiu peso ao seu coração* (Ex 8,11). Justamente essa última percepção é repetida agora na micronarrativa sobre a quarta praga.

De certa forma, a repetição chama a atenção do ouvinte-leitor. O *faraó*, aparentemente, repete seus erros. Continua a insistir na mesma dinâmica. Em momento algum, ele está disposto a permitir que as pessoas por ele oprimidas saiam do Egito. Quer dizer, o governante não revela flexibilidade, agilidade ou leveza no que se refere aos seus raciocínios e as suas decisões. Ou, para acolher a imagem trabalhada, seu *coração* fica imóvel e *pesado*, sendo que é o próprio *faraó* que é visto como responsável para esse processo. Enfim, ele *atribui um peso* a si mesmo que, pouco a pouco, o afunda cada vez mais. Ou seja, ele corre exatamente o perigo de todos aqueles que, com as decisões tomadas por eles, se acham importantes.

1.8 O coração do faraó frente à quinta praga (Ex 9,1-7)

a) Contexto literário

Continuam as narrativas sobre as pragas. Observando a sequência das cenas que apresentam um total de dez narrativas sobre pragas diversas, o ouvinte-leitor, então, se aproxima agora à metade do conjunto desses textos, ou seja, ao centro de um ciclo que conta dez histórias amplamente paralelas. Após a *transformação das águas em sangue* (Ex 7,14-25), a presença de *rãs* (Ex 7,26–8,11), *mosquitos* (Ex 8,12-15) e *moscas* (Ex 8,16-28), o livro do Êxodo traz agora a praga da *peste dos animais* (Ex 9,1-7).

Eis uma tradução mais literal do que se lê no livro do Êxodo:

9¹ O SENHOR disse a Moisés: “Apresenta-te ao faraó e dize-lhe: ‘Assim diz o SENHOR, o Deus dos hebreus: Envia meu povo, para que me sirva!’ **2** Entretanto, se tu te recusares a soltá-lo e, mais uma vez, o forces, **3** eis que a mão do SENHOR estará sobre tua propriedade, a qual está no campo. Haverá uma peste muito pesada sobre os cavalos, sobre os jumentos, sobre os camelos, sobre o gado grande e sobre o gado pequeno. **4** E o SENHOR fará diferença entre a propriedade de Israel e a propriedade dos egípcios. Não morrerá uma só peça de tudo o que pertence aos filhos de Israel”’. **5** Então o SENHOR fixou um prazo: “Amanhã o SENHOR realizará isso na terra”.

6 No dia seguinte, o SENHOR realizou isso. Toda a propriedade dos egípcios morreu, ao passo que não morreu uma só peça da propriedade dos filhos de Israel. **7** E o faraó mandou verificar: eis que não morrera uma só peça da propriedade de Israel. Contudo, **o coração do faraó ficou pesado**. Não soltou o povo.

b) Análise morfológica e sintática

<i>O coração do faraó</i> <i>ficou pesado.</i>	Ex 9,7	וַיִּכְבֹּד לֵב פַּרְעֹה Raiz verbal: כָּבַד Forma do verbo: Qal Waw-Imperfeito 3^a Singular Sujeito atuante: <i>o coração do faraó</i>
--	---------------	---

A forma verbal do Qal Waw-Imperfeito expressa a dimensão temporal do “passado narrativo”, sendo que é “um texto que narra eventos consecutivos no passado”, no sentido de que tais eventos transmitem a ideia de que houve avanço, evolução ou melhor progressão.²²

A frase aqui focada é bem curta. O verbo está na primeira posição, o que é comum. Prevalece, portanto, a atenção dada à ação. *O coração do faraó*, na posição do sujeito, é quem age. Parece ser até algo surpreendente ou estranho. Em princípio, o coração de ninguém age por conta própria, mas é a pessoa que, com suas decisões e comportamentos faz o coração funcionar de uma determinada forma. Contudo, um texto mais literário pode expressar-se de forma diferente. No caso, o *coração* é trabalhado como imagem, a qual, aqui, representa a pessoa, sua reflexão e sua tomada de decisões. Há de se guardar a sensibilidade literária, a fim de não estranhar a linguagem metafórica.

c) Estudo semântico-teológico

Já houve quatro momentos na narrativa sobre o êxodo, nos quais os textos descreveram uma reação da parte do *faraó*, acolhendo o *coração* dele na posição do sujeito. Foi dito até agora por três vezes que *o coração do faraó se fez forte* (Ex 7,13.22; 8,15) – usando-se uma forma do verbo finito da raiz verbal חָזַק – e uma vez que *o coração do faraó ficou pesado* – empregando-se o adjetivo כָּבֵד (Ex 7,14).

²² Page H. KELLEY. **Hebraico Bíblico. Uma gramática introdutória.** p.180.

Observando a presença da raiz verbal *ser/ficar/tornar-se pesado* (כָּבֵד), já houve três usos: como adjetivo em Ex 7,14, quando o Senhor, Deus de Israel, afirma que *o coração do faraó está pesado* (כָּבֵד); como verbo finito em Ex 8,11.28, sendo narrado duas vezes que *o faraó atribuiu peso* (וַיִּכְבֵּד) *a seu coração*. Observando, portanto, a sequência de todas as menções do *coração do faraó* (Ex 4,21; 7,3.13.14.22; 8,11.15.28), agora os textos empregam pela quarta vez a raiz verbal *ser/ficar/tornar-se pesado* (Ex 7,14; 8,11.28; 9,7).

O que significa isso mais exatamente? A imagem repetida do *coração pesado* traz consigo as conotações de insensibilidade e apatia, mas também de honra.²³ Ou seja, o coração do faraó parece não funcionar mais com a sensibilidade ou simpatia necessárias, a fim de que ele compreenda, de forma adequada, os sinais do tempo. Compatível com isso, ele é descrito como quem *atribui peso* a si mesmo, no sentido de ele valorizar seu próprio *coração* e, com isso, seu raciocínio. Na leitura da religião do antigo Israel, por sua vez, justamente esse tipo de comportamento provoca riscos enormes. O homem é convidado a descobrir o *peso* e, com isso, a honra que Deus tem e oferece ao homem. Nesse sentido, o homem tem a tarefa de manter-se flexível e sensível, disposto a acolher sua importância e honra de Deus, em vez de autovalorizar-se e querer ganhar *peso* por conta própria.

Enfim, com o seu *coração pesado* (Ex 9,7c), o faraó perde a leveza e continua a insistir na opressão dos hebreus, sem *soltar o povo* por ele aprisionado e maltratado (Ex 9,7d). Parece ser surpreendente de que o faraó, embora esteja sendo atingido por pragas e, portanto, maiores sofrimentos, continua a atribuir-se *peso*, sendo que ele mesmo insiste cada vez mais em sua importância, seu raciocínio e sua superioridade, em vez de largar tal comportamento diante das catástrofes.

²³ William L. HOLLADAY. *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento*. p.212.

1.9 O coração do faraó frente à sexta praga (Ex 9, 8-12)

a) Contexto literário

Nesse momento o ouvinte-leitor das narrativas bíblicas do êxodo se confronta com a narrativa curta sobre a sexta praga infligida aos egípcios, com a fuligem ou cinza jogada ao céu, que provocarão furúnculos e bolhas no homem e no gado (Ex 9,10). Nem mesmo os magos conseguem mais ficar de pé diante de Moisés (Ex 9,11). A atuação de Deus após cinco pragas vai dirigir-se veementemente de agora em diante contra o coração do faraó.

A narrativa bíblica parece que adquire um novo ritmo e mais incisivo a partir desta sexta praga. Antes da primeira praga, Deus já havia dito que tornaria o coração do faraó forte (Ex 4,21) e que este não deixaria o povo partir. Por isso, após a quinta praga ter sido aplicada contra o Egito e seu opressivo soberano, notamos que por três vezes o coração do faraó tinha agido como sujeito atuante que se fez forte (Ex 7,13.22; 8,15) e por outras três vezes foi o próprio faraó quem agiu como sujeito atuante (Ex 7,23; 8,11; 9,7).

Entretanto, Deus age pela primeira vez de forma direta no coração do faraó. Partindo desse ponto da narrativa bíblica, em todas as próximas pragas a mão determinada e forte de Deus em querer livre seu povo vai agir diretamente no coração do faraó. Haveria possibilidade então do faraó deixar partir livre o povo escravizado por ele?

9⁸ O SENHOR disse a Moisés e Aarão: “Tomai para vós cinza do forno, enchendo vossos punhados, para que Moisés, diante dos olhos do faraó, a atire ao céu! **9** Sobre toda a terra do Egito se tornará poeira. E, em toda a terra do Egito, se tornará, sobre o homem e sobre o gado, furúnculos que florescerão como bolhas”. **10** E tomaram a cinza do forno e ficaram de pé diante do faraó. Moisés a atirou ao céu e ela se tornou furúnculos, fazendo brotar bolhas no homem e no gado. **11** Os magos, porém, em face dos furúnculos, não suportaram ficar em pé diante de Moisés. De fato, houve furúnculos nos magos e em todos os egípcios. **12**

O SENHOR tornou forte o coração do faraó, mas este não os escutou, assim como o SENHOR tinha dito a Moisés.

b) Análise morfológica e sintática

Um novo elemento surge a partir da 6ª praga com o grau do Piel: vejamos o porquê fazendo análise morfológica da pesquisa:

O SENHOR <u>tornou forte</u> o coração do faraó.	Ex 9,12a	נִחַזַּק יְהוָה אֶת־לֵב פַּרְעֹה Raiz verbal: חִזַּק Forma do verbo: 3ª Singular, Piel waw-Imperfeito Sujeito atuante: o SENHOR
--	----------	--

O grau do Piel demonstra ser uma ação intensiva da ação simples do grau do Qal²⁴. –Antes Deus havia prometido tornar forte o coração do faraó (Ex 4,21). Agora após as cinco pragas terem sido infligidas contra o faraó, a repetição do mesma forma de um Piel vai se repetir nas próximas narrativas bíblicas por mais cinco vezes (Ex 9,12 – 6ª praga; 10,20 – 8ª praga; 10,27 – 9ª praga; 11,10 – 10ª praga; e ainda por mais duas vezes em 14,4 – na perseguição e passagem pelo mar e por fim em 14,8, na passagem pelo mar. Portanto, na micronarrativa estudada aqui inicia-se uma intensificação da ação do verbo no grau do Piel, tendo como Sujeito atuante agora o próprio Deus.

Outro elemento estilístico se repete: *Eu (o SENHOR) tornou forte o coração do faraó* – a partir da 6ª praga até à libertação do povo e sua passagem pelo mar. A insistência agora muda de eixo, é o SENHOR quem insistirá em manter o coração do faraó forte para levar adiante a Passagem do povo livre pelo mar.

²⁴ Enrique Farfan NAVARRO. **Gramática do Hebraico Bíblico**, p. 51.

c) Estudo semântico-teológico

Existe por um lado nessa praga a constatação de que os magos, agora mencionados pela última vez, se tornam impotentes diante da doença causada pela ação de Deus. Deus age diretamente no coração do faraó, para que este possa com autonomia refletir e agir em favor da libertação do povo. A trama das micronarrativas bíblicas agora ganham um novo impulso, uma nova determinação da parte de Deus. O faraó não se importa com a liberdade daqueles que são por ele oprimidos. Mas o Soberano da História, Deus, irá justamente trabalhar, agir diretamente no coração desse governante opressor para mostrar-lhe a sua identidade que é a de um Deus libertador. Prometeu que o faria antes (Ex 4,21) e agora coloca em prática o tornar forte o coração do faraó (Ex 9,12) e a colocar em prática o seu projeto contra toda forma de opressão e exploração do seu povo.

1.10 O coração do faraó frente à sétima praga (Ex 9,13-35)

a) Contexto literário

Após seis pragas terem sido enviadas, o faraó recusa a reconhecer a autoria das pragas. Como numa virada de perspectiva agora da trama das narrativas bíblicas apresentadas, agora será o próprio Deus quem enviará, quem deixará vir sobre o coração do faraó, sobre seus servos e sobre seu povo todas as pragas. Observando a micronarrativa em questão o ouvinte-leitor, irá ver se desenrolar diante de si o motivo do envio das pragas: "para que saibas que não existe ninguém semelhante a mim"(Ex 9,14) e "para te fazer ver o meu poder, a fim de registrar meu nome em toda a terra." (Ex 9,16).

A virada decisiva do enredo aparece nessa específica narrativa de Ex 9,13-35 com a indicação dos três sujeitos atuantes nessas narrativas! Antes os Sujeitos Atuantes apareciam ora um indicados, ora outra. Mas nessa aparecem os três! O Senhor que envia todas as pragas (9,14); o faraó que atribuiu peso a seu coração (9,34) e o próprio coração do faraó que se fez forte (9,35). Após a *transformação das águas em sangue* (7,14-25), a presença de *rãs* (7,26–8,11), *mosquitos* (8,12-15) e *moscas* (8,16-28), a *peste dos animais* (9,1-7), a praga dos furúnculos, das úlceras (9,8-12), agora se apresenta a praga do *granizo* (9,13-35).

Vejamos a seguir uma tradução mais literal da narrativa da praga em questão:

9 ¹³ O SENHOR disse a Moisés: “Levanta-te logo de manhã e posiciona-te diante do faraó! Dize-lhe: ‘Assim disse o SENHOR, o Deus dos hebreus: Envia meu povo, para que me sirva!’ ¹⁴ De fato, dessa vez, **eu enviarei todas as minhas pragas contra teu coração**, contra teus servos e contra teu povo, para que saibas que, em toda a terra, não existe ninguém semelhante a mim. ¹⁵ Porque, caso já tivesse estendido minha mão e ferido com a peste a ti e teu povo, terias sido eliminado da terra. ¹⁶ Contudo, te fiz permanecer para te fazer ver o meu poder, a fim de registrar meu nome em toda a terra. ¹⁷ Ainda procedes altivamente contra meu povo, sem soltá-lo. ¹⁸ Eis que amanhã, nesse horário, farei chover um granizo muito pesado, como não houve no Egito desde o dia de sua fundação até hoje. ¹⁹ Manda recolher agora tua propriedade, tudo teu que está no campo! Todo homem e todo animal que se encontrarem no campo e não se retirarem para dentro da casa, ao cair sobre eles o granizo, morrerão”. ²⁰ Quem dos servos do faraó temia a palavra do

SENHOR fugiu, com seus servos e sua propriedade, para dentro das casas. ²¹
 Quem, porém, não pôs seu coração na palavra do SENHOR abandonou seus
 servos e sua propriedade no campo. ²² O SENHOR disse a Moisés: “Estende a tua
 mão aos céus, para que haja granizo sobre toda a terra do Egito, sobre o
 homem, sobre o gado e sobre cada planta do campo na terra do Egito!” ²³
 Moisés, então, estendeu seu cajado aos céus, e o SENHOR soltou trovoadas e
 granizo. Um fogo foi até a terra, e o SENHOR fez chover granizo sobre a terra
 do Egito. ²⁴ Houve granizo e fogo lampejando em meio ao granizo. Era muito
 pesado. Jamais houvera igual a ele em toda a terra do Egito, desde que se
 tornara uma nação. ²⁵ Em toda a terra do Egito, o granizo feriu tudo o que
 estava no campo, do homem até o gado. O granizo feriu cada planta no
 campo. Toda a árvore no campo quebrou. ²⁶ Somente na terra de Gessen não
 houve granizo, pois ali estavam os filhos de Israel. ²⁷ O faraó mandou chamar
 Moisés e Aarão. Disse-lhes: “Pequei desta vez. O SENHOR é o justo. Eu e meu
 povo somos os perversos. ²⁸ Rogai ao SENHOR para que as trovoadas de Deus e
 o granizo sejam suficientes! Então vos enviarei. Não continuareis parados”. ²⁹
 Moisés lhe disse: “Quando eu sair da cidade, estenderei as palmas de minhas
 mãos ao SENHOR. As trovoadas cessarão e não haverá mais o granizo, para que
 saibas que a terra é do SENHOR. ³⁰ Quanto a ti e teus servos, soube que ainda
 não temeis ao SENHOR Deus”. ³¹ O linho e a cevada foram feridos, porque a
 cevada estava com espigas e o linho, com botão. ³² O trigo e o centeio, porém,
 não foram feridos, porque eles são tardios. ³³ Moisés, pois, saiu de junto do
 faraó e da cidade e estendeu as palmas de suas mãos ao SENHOR. Cessaram as
 trovoadas e o granizo. Não se derramou chuva em direção à terra. ³⁴ Então o
 faraó viu que a chuva tinha cessado, assim como o granizo e as trovoadas.
 Continuou a pecar e **atribuiu peso a seu coração.** Ele e seus servos. ³⁵ **O**
coração do faraó se fez forte. E não soltou os filhos de Israel, conforme o
 SENHOR falara por Moisés.

b) Análise morfológica e sintática

Esta vez eu (o SENHOR) <u>enviarei</u> todas as minhas pragas <u>contra</u> teu coração...	Ex 9,14a	אני שלח את־כל־מופתי אל־לבך ובעבדיך ובעמך Raiz verbal: שלח Forma do verbo: Particípio Ativo, 3ª Singular Frase nominal Sujeito atuante: o SENHOR
O faraó (...) continuou a pecar e <u>atribuiu peso</u> a seu coração, ele e seus servos.	Ex 9,34d	ויכבד לבו הוא וַעֲבָדָיו Raiz verbal: כבד Forma do verbo: Hifil Waw-Imperfeito, 3ª Singular Sujeito atuante: o faraó
O coração do faraó <u>se fez forte</u> .	Ex 9,35a	וַיִּחְזַק לֵב פַּרְעֹה Raiz verbal: חזק Forma do verbo: Qal Waw-Imperfeito, 3ª Singular Sujeito atuante: o coração do faraó

O primeiro verbo a aparecer nessa narrativa é a raiz verbal שלח no seu particípio ativo. Diferentemente das outras menções da raiz verbal שלח em questão que aparece em Ex 3,20: "Depois disso, ele (o faraó) vos enviará"; em Ex 4,21: "o faraó não vos enviará"; Ex 11,1a.b: "Depois ele (o faraó) vos enviará. Quando (o faraó) vos enviar". Ou até mesmo em Ex 13,15: "Quando o faraó mostrou dureza em nos enviar", o que se vê agora é a decisão do SENHOR,

Ele mesmo agora vai enviar as pragas contra o coração do opressivo faraó, contra seus servos e contra o seu povo! (Ex 9,14). O SENHOR já havia agido assim antes: "Eu (o SENHOR) tornarei forte o coração do faraó" (Ex 4,21) e "O SENHOR tornou forte o coração do faraó" (Ex 9,12). De agora em diante o Sujeito atuante²⁶ será sempre o SENHOR que agirá **tornando forte o coração do faraó**. Doravante ocorrerá de forma insistente e decidida nas narrativas seguintes, como uma fórmula que se repetirá no final da oitava praga (Ex 10,20); no final da nona praga (Ex 10,27); no anúncio da morte dos primogênitos (Ex 11,10); na própria perseguição e passagem pelo mar (Ex 14,4.8).

As outras duas raízes verbais que aparecem nesta micronarrativa são a raiz verbal כָּבַד e a raiz verbal חָזַק, mas agora a partir do Sujeito do *faraó* e do seu *coração*. Sobre esse duplo agir de verbos no coração do faraó é interessante ver o comentário de LUSTIGER quando afirma que as raízes dos dois verbos mencionados na narrativa bíblica apresentam duas idéias diferentes:

"A raiz חָזַק denota força, vigor ou firmeza: a habilidade para resistir à pressão, não para sucumbir ou se render. A raiz כָּבַד simplesmente significa peso, sem alguma conotação de vigor ou poder: como uma pedra (כָּבֵד לֵב פֶּרַעֲהַ) (Ex 7,14) significa que o faraó tinha um coração de pedra, um insensível coração, um coração que não respondia ao chamado da consciência. Uma pessoa que comete um crime e não sente culpa alguma sobre o ocorrido(...) Quando faraó admite que ele é perverso e o seu povo também e que Deus é justo (Ex 9,27) revela que ele tinha sim um coração sensível, mas resistia à uma mudança moral".²⁷

c) Estudo semântico-teológico

A micronarrativa neste episódio da Sétima praga nos apresenta de forma repentina uma ação nova e decisiva para o desenrolar da trama da narrativa: aparece um verbo tendo como Sujeito o SENHOR que enviará todas as pragas contra o *coração do faraó*, contra seus servos e contra todo o povo egípcio (Ex 9,14). A insistência e recusa do coração do faraó também é crescente, e decisiva também para sua derrota final.

²⁶ Marguerat nos explica que Sujeito Atuante, que ele o chama de *Actante* é o titular de uma função necessária para a realização da transformação que está no centro da narrativa. In: **Para ler as narrativas bíblicas. Iniciação à análise narrativa**. p. 81.

²⁷ Cf. Arnold LUSTIGER. **Chumash Mesoras Harav**. p. 73.

Ska em outro livro procura nos questionar: “Qual é então, o sentido teológico do endurecimento do coração? É preciso recolocar este tema no seu contexto cultural, quer dizer, o contexto de um mundo teocêntrico e não antropocêntrico como o nosso. O problema principal do relato das pragas do Egito não é o da liberdade e da responsabilidade do faraó. É antes o problema do poder do Deus de Israel. Esse poder se estende até o Egito e que também o personagem mais poderoso dessa época não pode subtrair-se ao poder do Deus de Israel”.²⁸

Como num grande drama crescente a ação do SENHOR agora recai com todas as suas forças contra o coração atribuído de peso e fortalecido do faraó, e por conivência com a situação de escravidão aplicada contra os filhos de Israel, também agora contra todos os servos do governante opressor do Egito e contra todos os habitantes que mantêm a situação proposta pelo opressor. Como em círculos concêntricos que se expandem para além do rio, da terra, dos homens e animais, agora foram mencionadas também as plantas (Ex 9,22.25). Novamente nos é indicado o porquê das pragas acontecerem: “para que tu/vós saibais que eu sou o Senhor” (Cf. Ex 7,17; 8,6.18; 9,14.16.29; 10,2; 14,4.18). Seria isto uma resposta à pergunta do faraó a Moisés e Aarão em Ex 5,2: “Quem é o Senhor? Não conheço o Senhor!” ?

Diante disso, admiramos no texto uma possível conversão final do faraó? Pois este afirmava ter pecado, que estava ciente de ser perverso, assim como seu povo, e que o SENHOR é que é justo! (Ex 9,27). Mas, como muitos dirigentes políticos, assim também faraó o faz dizendo que finalmente vai ‘deixá-los’ partir! (Ex 9,28). Mas a conversão do faraó pouco durou e este atribui ainda mais peso e este fortalece seu coração mais ainda, alcançando seus servos que assim também o fizeram. Eles igualmente assimilaram a obstinação do seu governante opressor! (Ex 9,34).

²⁸ Jean-Louis SKA. **O Canteiro do Pentateuco. Problemas de composição e de interpretação. Aspectos literários e teológicos.** p.112.

1.11 O coração do faraó frente à oitava praga (Ex 10,1-20)

a) Contexto literário

As narrativas sobre as pragas caminham para um direcionamento final. Deus vai respeitando a autonomia do coração do faraó frente à Sua Palavra. Mas essa sua insistência em agir assim vai tendo consequências trágicas e catastróficas. Nessa praga uma nuvem de gafanhotos é enviada para destruir a vegetação no Egito. O tornar forte o coração do faraó tem um objetivo: para que se mostrem os milagres e sinais de Deus na história. (Ex 10,1-6). Assistiremos aqui outra tentativa do faraó de iludir e desprezar os oprimidos liberando a saída, mas sem as crianças! Não é possível negociar a liberdade do presente, comprometendo todo o futuro do povo na vida desses pequenos, deixados à míngua pelo poder opressor (Ex 10, 8-11).

Acompanhemos esta micronarrativa que nos apresenta a praga dos Gafanhotos (Ex 10,10-15) que devastaram todo o verde da terra:

10¹ O SENHOR disse a Moisés: “Apresenta-te ao faraó, porque eu atribuirei peso ao coração dele e ao coração de seus servos, a fim de eu colocar esses meus sinais em seu interior!” **2** E para que enumeres, aos ouvidos de teu filho e do filho de teu filho, o que provoquei entre os egípcios e os sinais que a eles impus! Então saberão que eu sou o SENHOR”.

3 Moisés e Aarão se apresentaram ao faraó e lhe disseram: “Assim disse o SENHOR, Deus dos hebreus: ‘Até quando te recusas a humilhar-te diante de mim? Envia meu povo, para que me sirva!’ **4** Porque, se te recusares a enviar meu povo, eis que amanhã eu farei chegar a teu território uma espécie de gafanhoto. **5** Cobrirá o visível da terra e não se poderá ver a terra. Devorará o que escapou, ou seja, o que restou para vós do granizo. E devorará todo tipo de árvore que, para vós, brota no campo. **6** Encherão tuas casas, as casas de teus servos e as casas de todos os egípcios. Até hoje, teus pais e os pais de teus pais nunca viram algo assim, desde o dia de sua estada sobre o solo até este dia’”. Virou-se e saiu de junto do faraó. **7** Os servos do faraó lhe disseram: “Até quando esse será uma cilada para nós? Envia os homens, para que sirvam ao SENHOR, seu Deus! Ainda não sabes que o Egito pereceu?”

⁸ Trouxeram Moisés e Aarão de volta ao faraó, o qual lhes disse: “Ide e servi ao SENHOR, vosso Deus! Quais, porém, são os que vão?” ⁹ Moisés disse: “Queremos ir com nossos jovens e nossos velhos! Queremos ir junto com nossos filhos e nossas filhas, com nosso gado pequeno e nosso gado grande, porque para nós é uma festa do SENHOR!”

¹⁰ Contudo, o faraó lhes disse: “Que o SENHOR esteja convosco logo que eu soltar a vós e àqueles dentre vós que caminham a passos miúdos! Vede quanta malícia sobre vossa face!” ¹¹ Não será assim! Ide, pois, vós, os homens, e servi ao SENHOR, porque é isso que vós procurais!” E os expulsaram de diante do faraó. ¹² Então o SENHOR disse a Moisés: “Estende tua mão sobre a terra do Egito por causa dos gafanhotos, a fim de que subam para a terra do Egito e devorem toda a relva da terra, tudo o que o granizo deixou sobrar!” ¹³ Moisés estendeu seu cajado sobre a terra do Egito e, durante todo aquele dia e toda aquela noite, o SENHOR conduziu um vento leste pela terra. Fez-se manhã e o vento leste carregou os gafanhotos. ¹⁴ Os gafanhotos subiram por toda a terra do Egito e pousaram em todo o território do Egito. Eram muito pesados. Antes disso não havia gafanhotos como esses. E depois disso não haveria igual. ¹⁵ E cobriram o visível de toda a terra. A terra ficou em trevas. Devoraram todo o feno da terra e cada árvore frutífera que o granizo deixara restar. E, em toda a terra do Egito, não foi deixado como resto nenhum verde nas árvores e nas plantas do campo. ¹⁶ O faraó se apressou a chamar Moisés e Aarão e disse: “Pequei contra o SENHOR, vosso Deus, e contra vós. ¹⁷ Mas agora, pois, carregai meu pecado, somente esta vez, e rogai ao SENHOR, vosso Deus, para que somente afaste de mim essa morte!” ¹⁸ Então saiu de junto do faraó e rogou ao SENHOR. ¹⁹ E o SENHOR mudou muito duramente o vento do mar que carregou os gafanhotos e os soprou em direção ao mar dos Juncos. Não restou um único gafanhoto em todo o território do Egito. ²⁰ **O SENHOR tornou forte o coração do faraó, mas este não soltou os filhos de Israel.**

b) Análise morfológica e sintática

Eu <u>atribuirei peso</u> ao coração dele e ao coração de seus servos,	Ex 10,1c	כִּי־אֲנִי הַכְבֵּדְתִי אֶת־לִבּוֹ וְאֶת־לֵב עַבְדָּיו Raiz verbal: כבד Forma do verbo: Hifil Perfeito, 1ª Singular Sujeito atuante: o <i>SENHOR</i>
O SENHOR <u>tornou forte</u> o coração do faraó.	Ex 10,20a	וַיַּחֲזֹק יְהוָה אֶת־לֵב פַּרְעֹה Raiz verbal: חזק Forma do verbo: Piel waw-Imperfeito, 3ª Singular Sujeito atuante: o <i>SENHOR</i>

O que em Ex 8,28 mostrava o faraó atribuindo peso ao seu *coração*, através da raiz verbal **כבד**, no grau do Qal, que significa *ser pesado*, agora Deus mesmo, no grau do Hifil, transmite a noção de *causar que algo se torne pesado, atribuindo peso a algo*, no sentido de *honrá-lo*. O faraó já tinha insistido antes por três vezes em que seu coração ganhasse peso, se tornasse importante, fosse honrado (Ex 8,11.28; 9,34). No entanto, uma nova ação sobre o coração do soberano rei do Egito acontece na narrativa: quem age agora, diferentemente, é o SENHOR! Uma única vez agora o SENHOR atribui peso, parece honrar a decisão que o faraó está deliberadamente tomando contra si e contra todo o meio-ambiente que o circunda (Ex 10,1).

No final da narrativa em questão estudada (Ex 10,1-20) a raiz verbal **חזק** na sua forma do Piel aparece por sete vezes, como numa fórmula que se repete, ora anunciando da parte de Deus o que iria acontecer: Ex 4,21 - no anúncio a Moisés em Madiã para que voltasse ao Egito – e em Ex 14,4 – durante a perseguição e a passagem pelo mar; ora cumprindo o que havia anunciado: Ex 9,12 (no final da sexta praga); Ex 10,20 (final desta oitava praga); Ex 10,27 (final da nona praga); Ex 11,10 (no anúncio da morte dos primogênitos) e em Ex 14,8 (

na passagem pelo mar). Isso se repetirá daqui para frente de forma rítmica, como um refrão a soar nas próximas duas pragas e em Ex 14: **E o SENHOR tornou forte o coração do faraó.**

c) Estudo semântico-teológico

O faraó não enxerga. Contudo, a narrativa bíblica desta praga, surpreendentemente, faz ouvir a voz dos servos do faraó que chamam a atenção do faraó: Será que ele não está vendo como o Egito está sofrendo, que o Egito inteiro perece? E seus servos lhe pedem para que finalmente ele deixe o povo sair, porque o faraó não está conseguindo ver o sofrimento do povo, da terra, do mar, enfim de todo colapso da economia da sociedade opressora do Egito (Ex 10,7).

Nesta Oitava Praga a narrativa bíblica pode nos ensinar o grande panorama da ação do êxodo que Deus quer realizar em todos os tempos. Como Ele poderia fazer isso? Deus mesmo afirma que irá colocar esses sinais no seu interior, no coração do faraó e dos seus servos. Mas de repente o arco do Êxodo é ampliado e aumentado para os filhos e os filhos dos seus filhos daqueles que nele colocarem sua confiança, sua fé.

Contra a ironia do faraó que queria soltar somente os homens, mas sem as crianças, as esposas e os animais, a ação de Deus é clara, firme e constante: todos devem ser livres, sem concessão alguma de idade, raça ou gênero (Ex 10, 8-11).

Deus mesmo quer que a família daqueles que confiam no poder libertador de Deus relembre esses acontecimentos, prodígios e sinais para sempre, de geração em geração. A ação do Deus libertador do Êxodo não se realiza sozinha, mas conta com a colaboração do homem. Assim acontece agora com a praga dos Gafanhotos, uma praga "infringida" em conjunto contra o faraó opressor e o Egito, Moisés e o Senhor agem: "*Então o SENHOR disse a Moisés: "Estende tua mão sobre a terra do Egito por causa dos gafanhotos..." (Ex 10,12); "Moisés estendeu seu cajado sobre a terra do Egito e, durante todo aquele dia e toda aquela noite, o SENHOR conduziu um vento leste pela terra. Fez-se manhã e o vento leste carregou os gafanhotos" (Ex 10,13).*

A narrativa bíblica nos conta também sobre alguns parentes dos egípcios; quem seriam eles? Assim disse o SENHOR que os gafanhotos infestarão tudo, todas as casas do faraó e as casas dos seus servos, como nem teus pais, e nem mesmo os pais dos teus pais viram coisa igual! (Ex 10,6) Para aquele que não é capaz de olhar para o futuro de liberdade, Deus mesmo ainda

indica que se olhe então para o passado, para ver como no presente Deus está agindo de forma concreta, inesperada e forte. Um Deus bíblico determinado a não ceder à falsa escala de valores sugerida pelo faraó. Você aceitaria partir sozinho livre e deixar como salário da liberdade a escravidão dos teus mais queridos? O que você acha da proposta do faraó para partir só 15 ou 20% de cada família? A liberdade poderia ser confundida com apenas um quinhão pequeno somente de liberdade?

E depois da praga ocorrida, depois da devastação dos gafanhotos o ouvinte-leitor se depara com mais um fraco arrependimento de *faraó*, “meio arrependido”, mas pedindo somente que a morte se afaste dele (Ex 10,17). Ele mais uma vez não pensa no sofrimento e no prejuízo de seu próprio povo, mas pede para ser livrado ele da morte, que deve pressentir que se aproxima e rapidamente... Ele de fato, não escolhe a vida nem para si e nem para seu povo. A sua obstinação produz morte no Egito, mas pede para que se afaste dele a morte. A praga é afastada para o mar dos Juncos nos conta a narrativa bíblica (Ex 10,19). Já entrevemos aqui o lugar por onde Deus criará a estrada em meio ao mar, pavimentando a liberdade dos seus filhos. Para uns o caminho sempre luminoso e alegre da liberdade, ou seja, o mar dos Juncos será passagem para o deserto que conduzirá à Terra Prometida; para o coração do faraó e os corações dos seus servos opressores será sepulcro, afundando como chumbo no mar.

1.12 O coração do faraó frente à nona praga (Ex 10,21-29)

a) Contexto literário

Chegamos à penúltima praga, revelando o caos que reina no Egito, por consequência do coração do faraó, cego aos sinais apresentados nessa macronarrativa bíblica que estamos analisando. O Senhor continua tornando o coração do faraó forte para que se torne claro como a luz do dia, onde está a ordem da Criação, surgida com a obediência à Palavra do Senhor Deus, como em Gênesis. As trevas cobriam tudo. Mas a Palavra, luz que ilumina tudo (Pr 6,23), deixa claro as intenções do faraó, mais preocupado com a propriedade do que com a vida de quem cuida das propriedades. (Ex 10,24). Faraó não quer ver, seu coração está cego, ele simplesmente não vê nem a ruína do que provoca ao seu redor, nem quer ver a face de Moisés, que lidera a ação de saída da escravidão. Faraó verá mais uma vez a ação de Deus tornar forte seu coração, mas não quer soltar o povo (Ex 10,27-29).

Acompanhemos esta micronarrativa que nos apresenta a praga das Trevas (Ex 10,21-29) que faz Israel "ver" a ação libertadora de Deus se concretizando:

10²¹ O SENHOR disse a Moisés: “Estende tua mão aos céus, para que haja trevas sobre a terra do Egito! Que as trevas possam ser apalpadas!” **22** Moisés estendeu sua mão aos céus e, por três dias, houve trevas escuras em toda a terra do Egito. **23** Ninguém viu seu irmão e, por três dias, ninguém se ergueu de seu lugar, mas, para todos os filhos de Israel, nas habitações deles, houve luz.

24 O faraó chamou Moisés e disse: “Ide e servi ao SENHOR! Fiquem somente vosso gado pequeno e grande! Também os de passos miúdos entre vós poderão ir convosco.” **25** Mas Moisés disse: “Tu também precisas dar sacrifícios e holocaustos em nossas mãos, para que os preparemos para o SENHOR, nosso Deus!” **26** Também nossa propriedade irá conosco! Não restará um casco, porque dela será tomado para servir ao SENHOR, nosso Deus. Pois até nossa chegada ali nós não sabemos como devemos servir ao SENHOR. **27** **O SENHOR tornou forte o coração do faraó,** mas este não se dispôs a soltá-los. **28** O faraó lhe disse: “Vai-te de mim! Cuida-te! Que não continues a ver meu semblante! Porque morrerás no dia de tu veres o meu semblante!” **29** Moisés disse: “Como falaste! Não verei mais teu semblante”.

b) Análise morfológica e sintática

O SENHOR <u>tornou forte</u> o coração do faraó, mas este ...	Ex 10,27a	יִחַזֵּק יְהוָה אֶת־לֵב פַּרְעֹה Raiz verbal: חזק Forma do verbo: Piel waw-Imperfeito, 3ª Singular. Sujeito atuante: o SENHOR
--	-----------	---

Como nas outras vezes (Ex 4,21; 9,12; 10,20) a ação de Deus continua a se repetir agora pela quarta vez: "O SENHOR *tornou forte o coração do faraó*" (Ex 10,27), com a raiz verbal חזק na sua forma do Piel, como num refrão. que se repete, insistentemente Deus agindo no coração do opressor soberano para que preste atenção na sua Palavra, capaz de iluminar a realidade catastrófica em que se encontra e oferecer um caminho novo possível, não fundamentado na escravidão.

c) Estudo semântico-teológico

Essa Nona Praga nos apresenta aparentemente dois milagres: um primeiro que envolveu todo o Egito na escuridão (Ex 10,22) e o outro milagre que providenciou luz para o povo judeu (Ex 10,23). Faraó ainda persiste em sua decisão de opressor, pois não permitia a subsistência do povo, querendo deixá-los ir, mas sem qualquer tipo de gado. Que o povo partisse, mas sem meios para sobreviver no deserto; não seria essa mais uma perversidade do coração do faraó? Vá, mas fique com fome e assim volte rapidamente para a casa da escravidão! A insensatez do coração do faraó faz com que nada se veja, é o caos, é o contrário do projeto Criador que em vez de "faça-a Luz" (Gn 1,3), o *coração do faraó* trouxe o "façam-se as trevas" e ninguém se enxerga mais, nem se veja a necessidade do outro.

Deus parece empenhar-se em fortalecer mais e mais o *coração do faraó*, pois este não estava disposto a soltá-los. Não parece aqui que a narração bíblica expõe finalmente a nu, como num raios-X, o verdadeiro motivo de Deus fortalecer o *coração* do dirigente opressor? Na verdade faraó nunca esteve disposto a enviar o povo ao deserto para servir a Deus! "Por isso a linguagem paradoxal: é a mensagem de Deus, transmitida por Moisés, que provoca na

verdade uma ação sobre o coração do faraó, a ação da rejeição de Sua Palavra. Este nunca tem a iniciativa e não pode agir independentemente do Deus de Israel”.²⁹

A obstinação do faraó cegou a si mesmo e cegou ao seu povo. O faraó não via o povo escravizado como portador de direito algum. Mas Deus o vê, e irá concretizar com mão forte o Êxodo de libertação do seu Povo. É isso que iremos ver se concretizar no relato da próxima micronarrativa, na última e decisiva praga.

²⁹ Jean-Louis SKA. **O Canteiro do Pentateuco. Problemas de composição e de interpretação. Aspectos literários e teológicos.** p.112.

1. 13 O coração do faraó frente à décima praga (Ex 11,1-10)

a) Contexto literário

As micronarrativas caminham para o desfecho final. Com essa última praga os judeus são mandados embora do Egito. Deus indica o que acontecerá com o povo (Ex 11, 1). Essa narrativa nos fala sobre o anúncio da morte dos primogênitos. Contudo, essa última praga ocorrerá somente mais adiante (Ex 12,29-36). Mas antes Moisés e os filhos de Israel devem drenar, tirar do Egito artigos de prata e de ouro (Ex 11,2-3) . Todo primogênito do Egito morrerá, seja do povo egípcio como das suas propriedades, do seu gado (Ex 11,5), mas nenhum primogênito morrerá entre os filhos de Israel e nem contra seu gado (Ex 11,7)! Deus já prediz que o faraó não ouvirá Moisés, para que assim os milagres de Deus se multipliquem na terra do Egito opressor (Ex 11,4-9). O próprio Deus tornou forte o coração do faraó para que tudo isso de fato acontecesse (Ex 11,10).

Seja apresentada a tradução referente à última praga imposta aos egípcios:

11 ¹ O SENHOR disse a Moisés: “Farei vir somente mais uma praga sobre o faraó e sobre o Egito. Depois disso, ele vos enviará daqui. Quando vos enviar inteiramente, de fato, vos expulsará daqui.” ² Fala, por favor, aos ouvidos do povo, a fim de que homem e mulher peçam a seu companheiro e sua companheira utensílios de prata e utensílios de ouro!”. ³ O SENHOR infundiu, nos olhos dos egípcios, comiseração pelo povo. Até mesmo Moisés se tornou um homem muito grande na terra do Egito, seja aos olhos dos servos do faraó, seja aos olhos do povo. ⁴ Então Moisés disse: “Assim diz o SENHOR: ‘Cerca de meia-noite, eu sairei; estarei no meio dos egípcios.’” ⁵ Na terra do Egito, morrerá todo o primogênito, desde o primogênito do faraó, que sobre o trono deste se assentaria, até o primogênito da criada, a qual está atrás do moinho, e cada primogênito do gado. ⁶ Haverá um grande grito em toda a terra do Egito. Como esse, nunca houve. E, como esse, não haverá mais. ⁷ Para os filhos todos de Israel, porém, nem um cão aguçar a sua língua, seja contra o homem, seja contra o gado, para que saibais que o SENHOR distingue entre o Egito e Israel. ⁸ Então todos estes teus servos descerão a mim e se prostrarão diante de mim, dizendo: ‘Sai, tu e todo o povo que está a teus pés!’ Depois disso, sairei!”. E, com ira inflamada, saiu de junto ao faraó. ⁹ O SENHOR dissera a Moisés: “O faraó não vos escutará, a fim de

*que meus prodígios se tornem numerosos na terra do Egito”. ¹⁰ Moisés e Aarão realizaram todos esses prodígios diante do faraó, e **o SENHOR tornou forte o coração do faraó**. Contudo, este não enviou os filhos de Israel de sua terra.*

b) Análise morfológica e sintática

O SENHOR tornou forte o coração do faraó, mas este...	Ex 11,10b	וַיַּחֲזֶק יְהוָה אֶת־לֵב פַּרְעֹה
		Raiz verbal: חִזַּק
		Forma do verbo:
		Piel waw-Imperfeito, 3ª Singular
		Sujeito atuante: o SENHOR

Nosso estudo das narrativas vai caminhando para o desfecho final. Já por quatro vezes o SENHOR "tornou forte o coração do faraó" (Ex 4,21; 9,12; 10,20.27). O mesmo acontece novamente, agora pela quinta vez (Ex 11,10) com a raiz verbal חִזַּק na sua forma do Piel, agindo diretamente sobre o coração do faraó, tornando-o forte, firme³¹. Estaria Deus agindo assim, intensificando a ação causativa (Piel) no órgão principal do ser humano onde se decidem as opções, aguardando uma mudança, uma abertura no coração do soberano opressor?

c) Estudo semântico-teológico

Analisemos agora o golpe final das micronarrativas bíblicas das pragas, a décima, que foi enviada para se cumprir o que Deus antes havia dito e prometido: “O Egito saberá que Eu Sou Deus” (Ex 7,5). Deverá também esta praga castigar ou ajudar os egípcios trazendo a eles e aos ouvinte-leitores, uma maior consciência de Deus?

Deus estaria ajudando os egípcios a colaborar com a saída dos israelitas? (Ex 11,2-3) Nesta narrativa bíblica podemos ver como Deus agirá colocando os egípcios diante de uma situação inesperada. Aqueles que escravizavam oferecendo utensílios de prata e de ouro aos judeus! (Ex 11,2). E assim drenarão os egípcios de suas riquezas, esvaziarão os egípcios como Deus

³¹ William L. HOLLADAY. **Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento**. p.141.

já havia anunciado (Ex 3,22). Ou darão a eles uma oportunidade de redenção ao se solidarizarem com os antes oprimidos por eles?

Agora Deus irá tocar naquilo que era mais precioso na vida de cada família egípcia, o filho primogênito. Deus irá atingir o Egito com a mesma moeda com que atingiram de dor as famílias dos filhos de Israel quando o faraó decidiu exterminar todos os meninos que nascessem das filhas: “Se a criança for um menino, matem-no” tinha ordenado o rei do Egito às parteiras hebreias (Ex 1,16).

Deus irá, portanto, depois de tantas recusas do coração fortalecido por opção do faraó, realizar muitos prodígios na terra do Egito, para fazer sair Israel de lá, da casa da dura escravidão. Com mão forte, sairão do Egito, que não soube discernir os prodígios ali realizados. É a Páscoa do SENHOR, é a Páscoa dos filhos de Israel. A narrativa bíblica estaria convidando o ouvinte-leitor a posicionar-se também ele, com um seu coração blindado ou com um coração permeável aos apelos do SENHOR libertador de Israel? Estariam as narrativas bíblicas do Êxodo convidando o ouvinte-leitor a posicionar-se também?

1.14 O coração do faraó frente às promessas agora realizadas por Deus (Ex 14)

a) Contexto literário

Poderia haver uma desistência na determinação de Deus em libertar o povo? Seria possível de que depois de tantos sinais tudo isso fosse em vão? Deus não cumpriria o que prometera até o fim? Até que ponto vai a eficácia da Palavra de Deus? Nesse contexto de saída e de perseguição Deus mais uma vez irá fortalecer o coração de quem governa o Egito para definitivamente fazer o Egito saber: faraó e seu exército saberão quem é realmente Deus (Ex 14,4.8). Deus irá realizar por fim o êxodo de seu povo!

O cenário do desfecho final é a perseguição e passagem pelo Mar dos Juncos. Eis uma tradução mais literal da narrativa em questão:

14 ¹ O SENHOR falou a Moisés: ² "Fala aos filhos de Israel, a fim de que voltem e acampem diante de Piailot, entre Migdol e o mar, diante de Baal Sefon! Defronte dele acampareis, junto ao mar. ³ O faraó, pois, dirá sobre os filhos de Israel: 'Eles estão errando pela terra. O deserto os encerrou'. ⁴ Tornarei forte o coração do faraó, para que os persiga. Vou ser honrado pelo faraó e por todo seu exército. Os egípcios saberão que eu sou o SENHOR". E fizeram assim ⁵ Foi anunciado ao rei do Egito que o povo desaparecera. Então, o coração do faraó e dos servos dele se mudou contra o povo. Disseram: "Que é isto que fizemos? Realmente, enviamos Israel, para que não nos servisse!". ⁶ E atrelou seu carro de guerra e tomou seu povo consigo. ⁷ Tomou seiscentos carros de guerra escolhidos e todos os carros de guerra do Egito, com oficiais sobre todos eles. ⁸ **O SENHOR tornou forte o coração do faraó**, rei do Egito, e este perseguiu os filhos de Israel. No entanto, os filhos de Israel saíram com mão elevada.

b) Análise morfológica e sintática

<i>Eu (o SENHOR)</i> tornarei forte <i>o coração do faraó.</i>	Ex 14,4a	וַיַּחֲזִק אֶת־לֵב פַּרְעֹה Raiz verbal: חִזַּק Forma do verbo: Piel Waw-Perfeito, 1ª Singular Sujeito atuante: o SENHOR
<i>O SENHOR</i> tornou forte <i>o coração do faraó</i>	Ex 14,8a	וַיַּחֲזִק יְהוָה אֶת־לֵב פַּרְעֹה Raiz verbal: חִזַּק Forma do verbo: Piel Waw consec. Imperfeito, 3ª Singular Sujeito atuante: O SENHOR

As narrativas bíblicas chegam agora à realização das promessas de Deus, que após as várias tentativas para que o faraó colocasse sua atenção naquilo que deveria colocar e após as várias vezes que fortaleceu o coração do faraó para que fosse capaz de decidir soltar o povo da escravidão, o ouvinte-leitor se depara agora com as duas últimas fórmulas referentes ao *coração do faraó*:

Por cinco vezes, o Sujeito atuante é o próprio SENHOR, que havia anunciado que tornaria forte o coração do faraó (Ex 4,21); depois novamente o faz no final da sexta praga (Ex 9,12); no final da oitava praga pela terceira vez tornou forte o coração do faraó (Ex 10,20); pela quarta vez no final da nona praga volta a tornar forte o coração do governante egípcio (Ex 10,20); e agora novamente usando a raiz verbal חִזַּק, a micronarrativa bíblica nos apresenta pela sexta vez, na forma verbal do Waw- Perfeito, a ação de Deus que ainda anuncia tornar forte o coração do faraó com o seu exército na sua perseguição pelo mar (Ex 14,4a). E conclui, pela sétima vez, como num refrão a soar contra o faraó e seu coração, que Deus, indicado agora na forma verbal do Waw consecutivo Imperfeito, finalmente fez o povo sair do Egito com mão levantada, na passagem pelo mar (Ex 14,8).

c) Estudo semântico-teológico

Após o drama vivenciado através da macronarrativa bíblica apresentada das 10 tentativas de persuasão da parte divina, o que se espera? Deus afinal iria cumprir seu propósito, ou poderia ser impedido pela obstinação de quem governa o Egito?

Nesse capítulo como um duelo, de proporções históricas e extra temporais que servirão de modelo para muitos outros projetos opressores e a resistência dos que sofrem com isso, trata-se de colocar em ação o que antes havia sido previsto, desde o primeiro episódio em Ex 4,21-23: “*Eu, porém, fortalecerei o coração dele*”. Como dois estrategistas, um desesperado em manter a escravidão a qualquer custo, e Outro determinado em salvar, em libertar sempre. Um cego em persistir no erro histórico, outro abrindo um caminho de liberdade que seria protótipo para avançar adiante num projeto aberto a um futuro melhor.

O que vemos então? Deus manda os israelitas acamparem diante do ídolo egípcio, o Baal Tsefon (Ex 14,1). Os egípcios saberão, conhecerão quem é o Senhor da História dos povos: “*O Egito saberá que eu sou Deus*” (Ex 7,5). Ante a mudança novamente do *coração do faraó*, e Deus também torna forte agora *os corações dos seus servos*, cúmplices na escravidão dos oprimidos (Ex 14,5).

O faraó fingiu mudar de idéia, várias vezes, mas o projeto libertador de Deus não muda, e este se cumpriu. Afundou como chumbo o coração atribuído de peso pelo orgulho e pela opressão que causava. Destruído agora todo o Exército do faraó, que tinha perseguido os israelitas na passagem pelo mar. Os israelitas saíram com mão elevada! (Ex 14,8). Deus realiza para sempre suas palavras em favor dos oprimidos e contra os opressores.

Esse estudo que nos proporcionou até aqui uma primeira aproximação do Coração do faraó nos convida agora num segundo capítulo para tudo aquilo que a literatura rabínica e os sábios da tradição judaica de Israel pensaram a respeito do importante coração do soberano do Egito.

2 O CORAÇÃO DO FARAÓ NA TRADIÇÃO JUDAICA

Falar da Tradição Escrita e Oral de Israel é adentrar num mundo da procura do sentido da Escritura, seja ela transmitida por escrito ou oralmente através dos ensinamentos da literatura rabínica. Em hebraico se fala de *Masoret*, e trata-se do conjunto das normas jurídicas e das regras, transmitidas oralmente de uma geração a outra, numa relação direta de mestre e discípulo.

Os sábios de Israel sempre deram crédito e fé a essas tradições orais, pois mesmo não constando explicitamente na Bíblia, correspondem, no entanto, a uma autoridade análoga aos textos escritos, lhes assegurando até mesmo o estatuto de Halakhah (uma lei oral que implica num comportamento ético, prático, concreto a seguir).

Bom número destas tradições se encontra na Mishná³², na Guemará³³ e no Talmud³⁴. Os rabinos dizem: “A Tradição é como uma cerca em torno da Torah” (Pirket Avot – O Tratado dos Pais 3,13), isto quer dizer que a tradição oral protege a observância da lei bíblica. Muitos comentadores do Talmud estão de acordo que em certos casos, mais do que atribuir sua origem a Moisés procurando dar-lhes um valor de autoridade inegável, convém, em alguns casos, afirmar que essas tradições remontam a uma data muito antiga, aceita universalmente.

³² **Mishná** é um termo derivado do hebraico *chanah*, que significa “repetir”. Alarga seu sentido sob a influência da palavra em aramaico *tanna*, sentido ampliado de “estudar” e foi especificamente aplicado ao estudo da lei oral, por indicar seu método próprio, a memorização. Aplica-se a toda lei oral em todos os seus aspectos, os *midrashim* (plural de *midrash*), as *halakhot* (plural de *halakhah*) e as *aggadot* (plural de *aggada*). Trata-se de uma primeira compilação que reflete em torno de cinco séculos de tradição oral (desde o século III a.C. até o século II d.C.). Redigida entre 200 e 220 depois de Cristo. Ela constitui para os judeus o documento religioso mais importante após a Bíblia e representa, pois a base da Guemará e do Talmud. Reflete no seu interior como uma coleção de debates e de discussões sobre o modo de agir correto do judeu – a *halakhah*.

³³ **Guemará** – Ela apresenta as discussões nos dois séculos seguintes ao que foi compilado pela Mishná (Sec. II). O período talmúdico se divide em dois: o período da Mishná e o da Guemará. Quanto mais antiga for a fonte, maior será a sua autoridade. As leis que estão formuladas explicitamente na Bíblia têm precedência quanto à sua autoridade daquelas que se encontram na Mishná; as leis da Mishná tem maior autoridade daquelas mencionadas na Guemará e estas tem mais autoridade do que as decisões halakhicas posteriores e assim por diante. Os rabinos das diferentes épocas trazem títulos diferentes: os rabinos da Mishná são chamados *Tanaítas* (plural de *tanna*), isto quer dizer os que ensinam. As autoridades rabínicas da Guemará são chamadas *Amoraítas* ou *Amoraim* (plural de *amora*), isto é, os que explicam.

³⁴ **Talmud**: Termo composto pela raiz לָמַד (Lamed) que significa “estudo” e que é empregado em muitos sentidos. Alguns indicam que se refere o Talmud às opiniões e ensinamentos que os discípulos recolheram de seus mestres a fim de expô-los e explicar; outros concordam que designam juntos um corpo de estudo; uma terceira opinião é utilizada uma expressão técnica chamada “**Talmud Lomar**”, que significa um ensinamento que deriva de uma exegese bíblica. Enfim, a palavra “Talmud”, na maior parte do tempo, significa o *Corpus* de ensinamentos compreendido entre os comentários e as discussões dos Amoraim sobre a *Michna* de Yehoudah ha-Nassi. Este *Corpus* é o fundamento da autoridade das leis e tradições judaicas que foram sendo acumuladas durante um período de sete séculos, desde os meados de 200 a.C até os anos 500 d.C. Cf. **Dictionnaire Encyclopédique du Judaïsme**. Ed. Bouquins. p.982-985.

O Talmud, pois, há séculos e séculos, guarda e também interpreta os textos bíblicos em questão, respeitando-os como Sagradas Escrituras e Palavra de Deus. Portanto, historicamente, lhe pertence a primazia.

Importante é entendermos essa literatura rabínica e exegética dentro da compreensão da vida judaica. Onde é que encontramos dentro dos Midrashim judaicos algo sobre o coração do faraó? Sobretudo nos relatos da Aggadah, diferentes da Halakhah. Mas o que vêm a serem propriamente esses termos Midrash, Aggadah e Halakhah?

2. 1 Midrash, Aggadah e Halakhah

Midrash é o comentário rabínico da Bíblia que tem por finalidade explicitar diversos pontos jurídicos ou de produzir um ensinamento moral recorrendo a diversos gêneros literários: contos, parábolas e lendas.

A palavra *Midrash* vem da raiz hebraica דרש (*Darash*) que significa “interrogar, estudar” e por extensão, pesquisar, cavar. Assim na época de Esdras aqueles que “aplicavam o seu coração a estudar a lei do Eterno Deus, em colocar em prática e a ensinar em Israel a lei e o direito” (Esd 7,10). Eles já “desenvolviam” a lei oral em meio aos métodos de interpretação que permitiam trazer a Bíblia ao acesso de todos. É muito provável que os primeiros sábios estudassem já os textos bíblicos numa “Casa de estudo” (*Bet Midrash*). A lei escrita era somente circular, e eles se esforçavam em ir além do sentido literal do texto a fim de libertar a essência do texto, o seu significado subjacente, implícito.

Na época dos mestres *Tanaim* ou *Tanaítas* (20 a 220 d.C.) o *Midrash* se divide em dois grandes blocos conjuntos, bem distintos: *Midrash Halakhah* e *Midrash Aggadah*.

O *Midrash Halakhah* é composto de textos redigidos a partir de um ensinamento dispensado nas academias e tinha por objetivo trazer à tona as leis dos textos escritos para explicitá-las nos menores detalhes.

O *Midrash Aggadah* se elabora a partir de sermões que se podiam ouvir nas sinagogas. Trata-se de contos homiléticos e de histórias edificantes que procuravam focar nos ensinamentos morais da Bíblia e cujos heróis são as personagens da Bíblia ou os Sábios de Israel.

A Literatura *Aggadica*, se estende da época da *Mishná* até ao século XIII, é rica em ditados, ensinamentos morais, homilias, anedotas e contos populares apresentados sob as formas de comentários sempre em conexão dos diversos livros bíblicos. Esta literatura foi sempre uma

fonte de inspiração para os Judeus, religiosos ou não, e igualmente tem exercido sua influência também junto aos Cristãos e Muçulmanos (alguns textos do Alcorão relembram passagens bíblicas derivadas do *Midrash*). Geralmente se classifica a literatura *midrashica* em três grupos, segundo o período da sua redação: os *midrashim* antigos, os *midrashim* medianos e os *midrashim* tardios.

A literatura rabínica se divide em dois grandes conjuntos: a *Halakhah* e a *Aggadah*. A *Halakhah* compreende todos os debates e decisões de ordem jurídica; o segundo conjunto, todo o resto.

A *Aggadah* é a parte não jurídica dos textos rabínicos clássicos. A *Aggadah* pertence unicamente ao período rabínico clássico e está apresentado essencialmente em dois grandes textos: O *Talmud* e o *Midrash*. No *Talmud*, a *Aggadah* apresenta as discussões jurídicas dos sábios. À parte do debate sobre as leis do *Talmud* e a procura da *Halakhah*, encontram-se capítulos sobre a história, a filosofia, a teologia, a ética e o folclore. O *Talmud* é também a fonte principal naquilo que consiste a *Aggadah*, pois ela representa em torno de um terço de todo o seu texto. Ainda que alguns trabalhos *midrashicos* levem em consideração aspectos jurídicos da vida judaica, a maioria trata sobre a *Aggadah*. Os textos *midrashicos* se estendem sobre um período de quase mil anos e foram redigidos em diversos países. A *Aggadah midráshica* revela diversas influências, que se observam na língua (termos gregos nos *midrashim* palestinos e termos persas nos *midrashim* babilônios), mas também traz conceitos filosóficos. É preciso sim distinguir entre a teologia rabínica autêntica, integrada posteriormente à corrente principal da doutrina judaica, e aquilo que é material secundário, resultado da influência do ambiente grego ou babilônico, entre outros. A *Aggadah* representa, portanto, o conjunto dos textos rabínicos não jurídicos. A *Aggadah* tem um sentido muito extenso, mas sempre entendido num contexto didático. Em primeiro lugar aparecem as lendas, que se encontram na maioria dos comentários rabínicos do texto bíblico e nas vidas dos sábios e dos heróis da vida judaica. Em outras partes a *Aggadah* oferece como que um desenvolvimento do texto bíblico, como que um prolongamento literário cheio de imaginação. Depois surgiu um conjunto importante de folclore judaico desprovido, na sua temática, de relação direta com o texto bíblico ou com personagens importantes do período pós-bíblico; esses textos tratam, por exemplo, de anjos ou demônios, ou também sobre costumes pitorescos de comum entendimento em alguma comunidade judaica.

Os conceitos filosóficos, teológicos, claramente participam do conceito geralmente aceitável do termo *Aggadah*. Muitos deles se referem claramente à ética. Assim por exemplo o tratado

Avot (a ética dos PAIS) da *Mishná*, entra nessa categoria de trabalhos *aggadicos* que oferecem certo número de ensinamentos geralmente claros sobre os conceitos de Deus, do homem, sobre Israel, sobre a Torah, e a vida ética, sempre em uma linguagem clara e acessível. Mas muitas vezes, esses ensinamentos são transmitidos sob o enfoque de uma parábola; é preciso então aprofundar os contos para descobrir neles a moral implícita, e então, na maior parte dos casos, o autor nada diz claramente sobre o objetivo presente no texto. Diante desse tipo de *Aggadah* é preciso se perguntar o porquê dessa história ser contada. É então que se compreende que o texto deve ser percebido como portador de um sentido verdadeiro, não no plano histórico, mas no plano moral.

Assim sendo, uma importante e profunda teologia rabínica, encontra sua fonte exatamente nesses "comentários" do texto bíblico. Se a *Halakhah* tivesse força da lei até que uma autoridade competente viesse para modificá-la ou revogá-la, a *Aggadah* apresentava na verdade simplesmente a opinião pessoal de seu autor e não tinha um caráter obrigatório sobre a comunidade. Os rabinos se recusavam em fundamentar suas regras sobre os textos *aggadicos*, contos de milagres, contos de folclore ou sobre uma lenda. Porém, *Halakhah* e *Aggadah* se encontram de uma maneira reveladora, em fronteiras estritamente precisas entre elas. Os ensinamentos éticos da *Aggadah* alimentam e influenciam profundamente o espírito da *Halakhah* jurídica, de modo que a lei se torne mais sensível à condição humana. O poeta e erudito hebraico moderno Hayyim Nahman Bialik dizia que a *Aggadah* é como um refinamento da *Halakhah*, e a *Halakhah* codifica a essência da *Aggadah*. Em outros termos, a *Aggadah* tornou a lei mais ética e a *Halakhah* deu à ética um caráter mais obrigatório.³⁵

Entrar no mundo da tradição escrita e oral do Povo Judeu é entrar, como afirma Edmond Fleg: "*no mundo da exegese religiosa, moral, poética e satírica dos nossos Rabinos, com seus símbolos e anacronismos, de século em século, eles nos tornaram próximos ao Profeta Moisés*"³⁶.

A tradição escrita e oral de Israel como percebeu a vida de "*Moshe Rabbeinu*" – Nosso Mestre Moisés – assim chamado pelos Judeus ao longo dos séculos, não é também história? Israel não teria o direito de através da procura do sentido desses textos e tradições prolongar, aumentar, interpretar essa sua vida ainda um pouco mais?

³⁵ Bouquins, *Dictionnaire Encyclopédique du Judaïsme*. (v. Midrach; v. Aggadah).

³⁶ Edmond FLEG, *Moisés contado por los sabios*, p.09.

O mesmo autor Edmond Fleg acredita que o povo de Israel é o povo muito humilde herdeiro dos narradores do Talmud, do seu espírito e da sua linguagem:

“Israel colecionou, reagrupou, refundiu, repensou suas fábulas dispersas e quando foi necessário, parafraseou por sua vez suas paráfrases: Israel quis continuar, seguindo seu exemplo, a mesma tradição que eles mantiveram, com o fim de escrever essa história tal como vive hoje em mim. A vida de Moisés, o homem de Deus, se encontra nas Sagradas Escrituras. Porém, como ensina nosso Talmud, a Palavra do SENHOR tem mais de um sentido: sob as Palavras Sagradas, por elas lidas e relidas, nossos Sábios descobriram diversos segredos que escapam aos néscios e, sob os fatos conhecidos, outros muitos ignorados, com os quais eles elaboraram os relatos que inspiraram este relato”³⁷.

Mas seria propriamente uma exegese bíblica nos moldes científicos que conhecemos o aproximar-se dessa Tradição Oral? Eis uma pergunta implícita que se apresenta ao ouvinte-leitor dessas páginas. Seria possível considerar uma procura do sentido do texto das Escrituras a partir do *Midrash* e da literatura rabínica?

Bernard Maruani em sua introdução na primeira edição francesa em versão integral do *Midrash Rabba*³⁸ comenta sobre esse tipo de aproximação própria dos judeus dos textos bíblicos, que parecem num primeiro olhar desconectados, *“como um amontoado de citações, de acúmulos de lendas, de anedotas, de jogos de palavras, de comentários fantasiosos, e que a princípio não parecem ter relação alguma com o texto bíblico”³⁹.*

Poderiam os rabinos e a literatura judaica se distanciar tão radicalmente do sentido óbvio do texto? Poderiam eles fazer uma aproximação tão disparatada do texto bíblico em si mesmo?

Com a tradição oral e com esses textos midráshicos Aviva Zornberg nos ensina que acabamos encontrando a existência de um material "suplementar". Segundo ela, muitos desses textos redigidos em sua maioria redigidos entre os séculos terceiro e décimo são como amplificações das narrativas bíblicas. "Os sábios do Midrash baseados em antigas tradições de leitura, faziam os midrashim virem à tona diante das discussões e desentendimentos na Casa de Estudo, mas sempre tomados na sua originalidade e traduzidos para as apresentações

³⁷ Edmond FLEG, **op. cit.** p. 09;11.

³⁸ *Midrach Rabba* é o comentário do Pentateuco e dos Cinco Rolos que reuniu o essencial da exegese judaica dos primeiros séculos. São esses comentários verdadeiras obras primas de uma tradição de leitura sobre as Escrituras que remonta há muitos séculos atrás.

³⁹ Bernard MARUANI. **MIDRACH RABBA, Tome I - Genèse Rabba**, p. 18-19.

homiléticas orais na comunidade".⁴⁰ Os Sábios do Midrash acabaram por acrescentar luzes e sombras as narrativas, mas em certo sentido, acabaram sempre por aprofundar o seu mistério.

Como vimos anteriormente, a *Aggadah* tem como finalidade revelar uma palavra edificante. Alguns autores mantêm o acento desses relatos sobre a palavra “liberdade”. A *Aggadah* seria, justamente por causa da ausência de regras, na concepção dos rabinos, um lugar sem restrições. A mesma tradição rabínica havia anunciado 32 regras da hermenêutica *aggádica* fixadas na *Mishná* de Rabbi Eliézer⁴¹! Mas prevalecia o consenso com relação à *Aggadah* de cada um, respeitando dentro da tradição recebida, uma completa liberdade interpretativa. Era a própria exegese em liberdade!

Mas esse gênero da literatura rabínica dos sábios de Israel tinha consciência de que toda essa liberdade, todo esse jogo implícito de palavras, servia para apresentar na verdade, a ponta do iceberg de um conceito ou de uma exegese que enunciasses algo claro e de forma viva! Esses relatos da *Aggadah* funcionam como um sinal, que é proposto, como algo que é oferecido pela passagem comentada, mas sempre num sentido que é sugerido e sustentado pelo texto bíblico. Mesmo que apresentem os relatos contradições entre si. Tudo é permitido nessa procura do sentido do texto bíblico oferecido, dentro da tradição oral e escrita de Israel!

Mas o sentido da Escritura não se esgota com a explicação literal (o *peshat*). Como é de origem divina a Torah suscita uma imensa variedade de aproximações e interpretações. Os rabinos e sábios eram homens habituados e habitados pelas Escrituras Sagradas. E será também pelas próprias Escrituras que o *Midrash* e a *Aggadah* irão comentar as Escrituras. Será objetivo dessas *Aggadot* aqui apresentadas em nosso estudo do *coração* do faraó, portanto, explicitar uma unidade fundamental: A Bíblia inteira escrita sob a inspiração de Deus irá nos ensinar algo muito comum e presente em todos os seus textos e comentários: as relações entre os homens e mulheres para com o seu Deus Criador e Libertador. E apesar de tantos gêneros literários, de tantos desenvolvimentos culturais e linguísticos ao longo dos tempos, essa unidade profunda persiste em todos os livros da Bíblia. “Como não perceber que a divisão das águas no livro do Gênesis, a divisão do Mar Vermelho no Êxodo e a divisão das águas do Jordão diante dos filhos de Israel em Josué, são expressões de um mesmo tema que a

⁴⁰ Aviva Gottlieb ZORNBERG. *Moses – A Human Life*. p.3.

⁴¹ Rabbi Eliézer Ben Hyrkanos (em torno de 40 – 120 d.C.) Mestre *tanaaíta* da segunda geração, conhecido como Rabbi Eliézer o Grande. Rabbi Yohanan ben Zakkai chamava esse seu importante aluno de “uma cisterna que nunca perde nem uma gota d’água” por causa de sua prodigiosa memória. Dele se declarava que “este estudioso tinha mais peso do que todos os outros sábios juntos” (Avot 2,8). Era inflexível e conservador e tendia a interpretar a Escritura com uma extrema literalidade.

Bíblia parece como que a tornar a girar e rodopiar através dos textos escritos em períodos diferentes, em torno de um motivo central visivelmente estruturador, a saber a divisão das águas?”⁴²

Para o *Midrash* existe a liberdade, por exemplo, de fazer o próprio personagem bíblico Jó vir da corte do faraó como um seu omissor conselheiro, mesmo sabendo de serem personagens de épocas tardias e diferentes, para expressar uma problemática de fundo. O que precisamos para entender os textos a seguir e seus autores é examinar atentamente o contexto de onde a citação é tirada e unir esses mosaicos de termos, de expressões, de imagens e de concepções bíblicas para entender a mensagem que nos querem revelar.⁴³

Nesse estudo bíblico sobre o coração do faraó em questão, o que nos dizem os *midrashim* e as *aggadot* da literatura rabínica? O que nos dizem os exegetas judeus a respeito de um tema comum, de um processo interior no coração de quem governava o Egito frente à opressão sofrida pelos filhos de Israel, e frente ao desejo de libertação de Deus? Convidamos agora o ouvinte-leitor a percorrermos juntos essa “*exegese em liberdade*” da Tradição escrita e oral de Israel.

2.2 Os Midrashim e as Aggadot da Tradição de Israel nas narrativas do Êxodo

Havia dois grupos de corações no Egito! Dizem os sábios de Israel que depois que o SENHOR falou a Moisés esse foi encontrar-se com seu irmão Aarão. O primeiro relatou ao seu irmão o que Deus queria e assim forem a Gueshem, convocaram os anciãos de Israel e lhes contaram o que aconteceu. Então subiu um grito da servidão: “Salva-nos, Moisés, salva-nos!” O que fazia o tijolo e o que escavava os buracos gritavam; gritava o que trazia a palha e

⁴² Bernard MARUANI, *op. cit.* p. 21-22.

⁴³ A tradição de Israel conta que o *faraó* tinha três conselheiros: Balaão, Jó e Jetro. Eles que analisavam a taxa de natalidade e acompanhavam a situação do crescimento do povo, assim como eram também encarregados de sugerir como lidar com esta situação. Balaão deu o mau conselho contra os filhos de Israel e foi morto (cf. Nm 31,8). Jó, que se calou – mantendo-se indiferente à situação – e por isso foi punido, como consta no seu próprio livro. E Jetro, o terceiro conselheiro do faraó, que condenou fortemente a escravização do povo, defendendo os filhos de Israel contra o abuso; porém, a sua idéia não foi aceita pelo faraó, que por isso decidiu matá-lo. Jetro foge então para Madiã e posteriormente converte sua família (ao monoteísmo e ao judaísmo), transformando-se em sogro de Moisés e por tudo isso mereceu que sua descendência trabalhasse no Templo Sagrado (*Bet Hamicdash*).

gritava aquele que carregava a pedra; gritava o que construía a casa e aquele que construía a cidade; e junto ao morto que se desfazia e junto daquele que morria gritavam: “Salva-nos, Moisés! Salva-nos!” E pensavam: “Este Deus de quem falavam a nós será Ele quem está nos enviando um Salvador? E em seu *coração* nascia uma fé”. Os sábios de Israel contam que nem todos os hebreus eram escravos. Alguns acrescentavam terras sobre terras, colheitas sobre colheitas, comerciavam cobre, jóias, e outras pedras; havia hebreus sentados em seus jardins com fontes de água, hebreus em suas salas com imagens pintadas nas paredes, hebreus que tinham como amigos os filhos do Egito e igual a eles, andavam com as pernas desnudas, os ombros desnudos, a pele maquiada, e como eles, em vez de se chamarem Phanuel, ou Paniel ou Osiel, se chamavam Metis, Tetis ou Atotis.

Alguns comentadores da literatura dos sábios de Israel dizem que a escravidão ocorreu porque eles “se estabeleceram lá” (Gn 47,27). Esse foi o seu pecado e por isso foram castigados: Seu estabelecimento no Egito e por terem feito no Egito o seu ponto de apoio, esta terra tornou-se para eles em exílio e escravidão.

Após a morte de José eles deixaram de circuncidar os meninos que nasciam. Disseram para Deus: “deixe-nos ser como os egípcios” (Shemot Rabba). Outros comentadores disseram que eles não ficaram somente na cidade de Gueshem para eles estabelecida especialmente por José, mas que ocuparam todo o Egito, a terra toda deles. Eles afinal quiseram ser como os egípcios! E com isso acabaram por perder a sua identidade. Então o próprio Deus mudou o amor dos egípcios para o ódio. Seria como uma consequência natural das nações por verem uma minoria judaica invadindo a sua vida econômica e cultural. E esse grupo de hebreus, tendo ouvido o desígnio de Moisés e tendo ouvido a esperança de seus irmãos, esses hebreus com *coração* egípcio tiveram um grande temor. Ele veio nos tirar a nossa "paz"!

Dois corações surgem aqui da percepção dos sábios de Israel. Um grupo de pessoas que sofrem com um *coração* atribulado pela dura escravidão que começa a ter esperança e fé e outro grupo insensato, com um *coração* acomodado e indiferente, que começa a ter medo da possível liberdade dos oprimidos.

2.3 Um Cajado de Safira muito especial e uma serpente

Quando Moisés chegou em Madiã, ao olhar para Séfora que era a mais modesta entre as filhas de Jetro, pensava na Matriarca Sara, que foi uma serva, pensava Moisés também em Rebeca e Raquel, que foram pastoras e segundo o que contam os sábios de Israel, este lhe pediu para que fosse sua mulher. Esta lhe respondeu: *“Meu pai tem uma árvore no seu jardim; a todo aquele que quer se casar com uma de nós, ele ordena a arrancar a árvore e a todo aquele que tentou arrancar a árvore, essa a devora. Você vai tentar arrancar essa árvore?”*.

O cajado era dessa árvore que o Santo Deus, Bendito seja seu Nome, criou na vigília do primeiro Sábado e que Adão, o primeiro homem, recebeu ao ser expulso do Paraíso. Adão o entregou a Enoque que o entregou a Noé, que o entregou a Sem; em seguida o cajado foi parar nas mãos de Abraão, em seguida nas mãos de Isaac, em seguida nas de Jacó, que se apoiava nele quando desceu ao país do Egito e onde o deu a José, o mais querido de entre seus filhos. Depois da morte de José, o cajado foi levado ao tesouro do faraó e Jetro, que havia sido conselheiro do faraó o havia tomado dali quando abandonou a terra do Egito para ir para Madiã. Um dia que passeava pelo jardim em Madiã, Jetro sem se dar conta, golpeou a terra com esse cajado; e desse golpe se enraizou no solo convertendo-se numa árvore da qual pendiam frutos.

Moisés disse a Séfora: *“Onde está essa árvore?”* Foi ao jardim e a arrancou e de repente a árvore se converteu num cajado que tinha, como na véspera do primeiro Shabat, cor de safira, cor que recebia do céu. Este cajado levava gravado na sua parte mais alta o Nome do Santo Deus, que ninguém ainda havia pronunciado aqui embaixo.

Então Jetro pensou em seu coração: *“Verdadeiramente esse homem é um dos filhos desse Abraão por quem tantas bênçãos devem vir sobre o mundo”*. Abraçou a Moisés e lhe deu sua filha Séfora.

Moisés apascentava os rebanhos de Jetro velando sobre eles com amor. Um dia esse pastor fidedigno avançava cada vez mais no deserto; os sábios de Israel contam que uma força o atraía: ele buscava a Presença de Deus; e para receber em si mesmo a Presença de Deus, deve fazer em si mesmo, um deserto.

Assim, pois, um dia, no fundo do deserto, Moisés viu uma montanha de granito e de safira. E à medida que ele caminhava para ela, ela caminhava em direção a Moisés! Essa montanha é nomeada com vários nomes: com o nome de ÓDIO, *Sinai*, porque dela desceu o ódio ao

pecado; com o nome de ESPADA, *Horeb*, porque dela desceu a espada da justiça, com o nome de VINDA, *Bascham*, porque sobre ela veio o SENHOR.

Os sábios contam que aí nessa montanha Moisés viu uma sarça e na sarça, uma chama que não consumia a sarça. Então Deus prosseguiu: *“O pranto dos filhos de Israel subiu até mim, e Eu vi a violência com que os pisam os egípcios. Agora, pois, veja, Eu lhe envio ao faraó, faça com que meu povo abandone o Egito e venha a conhecer-Me sobre esta montanha e passe para essa região de mel e de leite que eu prometi a seus pais”*.

Mas contam os sábios que Moisés não sentia em seu coração a coragem de obedecer e durante sete dias rejeitou a vontade do SENHOR.

Mas no final desses dias Deus lhe disse: *“Moisés, olha os quatro sinais sagrados impronunciáveis que Eu gravei em teu cajado de Safira; eles contém o nome que contém todos os Meus nomes e todas as Minhas potências porque significam: EU SOU AQUELE QUE É. Vai e diz aos hebreus: AQUELE QUE É está comigo”*.

No grupo que nascia a fé num Salvador, começaram a perguntar; “Mas como o Salvador irá nos salvar?” Os sábios de Israel contam que Phagiel, filho de Okran, da tribo de Aser veio e disse a eles: *“Jacó confiou antes de morrer ao ouvido de José, seu filho, o segredo do sinal que deve levar o salvador; José o confiou ao morrer ao ouvido dos seus irmãos; Aser, o último vivente dos seus irmãos o confiou ao morrer ao ouvido de Serah, minha mãe, de dois séculos de idade e que está para morrer. Venham e que ela revele aos Anciãos o segredo do sinal, antes de morrer”*.

Eles foram. Em seu leito de dor, Serah estava para expirar; seus olhos mortos já não viam; e sua boca morta murmurou: *“Um cajado... de safira... E sobre o cajado... um nome... gravado... e nele o NOME...”* E não terminou. Os anciãos olhavam para Moisés e lhe disseram: *“Que Moisés e Aarão nos conduzam. Todos nós falaremos ante a face do faraó”*. E foram, Moisés e Aarão caminhando primeiro e os setenta anciãos atrás.

O palácio do faraó tinha cem portas e diante de cada porta, um exército; quando os Anciãos viram as cem portas e os cem exércitos, dez deles tremeram e fugiram.

O palácio do faraó tinha cem pátios e em cada pátio um leão; quando viram os cem pátios e os cem leões, vinte dos Anciãos gemeram e fugiram.

Na sala do faraó estava o próprio faraó. Quando viram o faraó, os que restavam dos Anciãos empalideceram e fugiram. E Moisés e Aarão avançaram sozinhos diante da face do faraó. E é por esse motivo, nos contam os Sábios de Israel, que quando Moisés e Aarão subiram ao Sinai, Deus proibiu a subida dos Anciãos.

Contam os mesmos sábios de Israel que naquele dia o faraó festejava o aniversário de sua soberania. Todos os reis da terra tinham vindo e, prostrados diante do faraó, tinham colocado sob os seus pés suas coroas, dizendo: *“Tu és deus sobre toda a terra”*.

Moisés e Aarão, porém, lhe disseram: *“Assim falou o SENHOR, o Eterno, Deus de Israel: Deixa partir o meu povo para que me adore no deserto”*. Mas faraó lhes respondeu: *“Desde quando os escravos têm um Deus? Deus disse isso? Eu não conheço a esse Deus!”*. E dirigindo-se aos setenta escribas que conheciam as setenta línguas da terra, lhes perguntou: *“Vocês conhecem um Deus que se chama o Eterno?”* Eles responderam: *“Procuramos em todos os livros escritos em todas as línguas os nomes dos deuses; o Eterno não é Deus!”*. Mas Moisés e Aarão replicaram: *“Vocês procuraram entre os mortos, nosso Deus vive!”*. Mas prosseguiu faraó: *“Que idade tem ele? Desde quando ele reina? Que cidades ele conquistou? Que países ele submeteu?”*.

Moisés e Aarão lhe disseram: *“Antes do mundo Ele existe; depois do mundo Ele reinará. Quando está para o perdão sua cintura é a clemência, o amor é seu diadema. Porém, quando está para a justiça, o fogo é seu arco, a chama a sua flecha; a nuvem é seu escudo, o relâmpago a sua espada; o céu é o pavilhão do seu carro e a terra o estribo para os seus pés”*.

“Se é assim todo poderoso – disse o faraó –, que dê um sinal do seu poder”. Então Aarão, tomando das mãos de Moisés o cajado de safira, o jogou no chão e este se tornou uma serpente. “Mas por que uma serpente?” perguntam os Rabinos de Israel. Porque a serpente como o faraó, caluniou o Eterno SENHOR Deus⁴⁴. Faraó inchado de ira se irritou gritando que eles tinham inventado um Deus para escapar da escravidão. *“Eu lhes ensinarei que o deus do céu e da terra sou eu”*, disse o faraó. Porém, o SENHOR disse: *“Conhecerás a esse Deus que não conheces!”*.

⁴⁴ Em Ex 7,9.10 está escrito na Torah que o cajado se transformou em uma serpente e não em um outro animal, é porque a cobra, além de pecar, também foi responsável pelo pecado de Eva, que a convenceu, através da fala, a comer do fruto e a entregá-lo a Adão (Cf Gn 3,1-5). Do mesmo modo o faraó peca através de sua fala (cf. Ex 5,2) quando nega a Divindade verbalmente. Por causa desta relação, o primeiro milagre realizado perante ele foi justamente este, para logo de início lembrar-lhe que exatamente como a serpente foi punida por conta do mau uso da língua, também assim iria ocorrer com ele (בחי על התורה, Rashi).

2.4 A reflexão da Tradição de Israel sobre o *coração do faraó* nas narrativas das Pragas

Está escrito: “*e Eu multiplicarei meus sinais e meus prodígios na terra dos egípcios*” (Ex 7,3). Os Sábios de Israel compararam sobre esse versículo o SENHOR Deus como um General de guerra.⁴⁵ Por que Deus enviou as pragas nesta ordem em particular: primeiro o sangue, depois rãs, piolhos, etc.? Uma resposta é que Deus atuou como general que vai a uma guerra contra seu inimigo.

Sangue: Antes de entrar na cidade inimiga, o general e seu exército envenenam os poços de água dos inimigos para que não tenham mais água potável. Do mesmo modo, Deus primeiro cortou os suprimentos de água dos egípcios.

Rãs: Logo o general ordena aos tocadores de trombeta e tambores que toquem os instrumentos tão forte que o barulho assuste o inimigo. De maneira análoga, Deus trouxe as rãs, cujo coaxar incomodou terrivelmente os egípcios.

Piolhos: O general ordena que os soldados disparem flechas sobre os inimigos para matar os soldados e assustar o restante deles. Do mesmo modo, Deus castigou aos egípcios com piolhos que os picaram como flechas.

Animais Selvagens: Antes do ataque, o general convoca outros exércitos para que se unam na luta. Igualmente, Deus chama os animais selvagens para que se reúnam e lutem contra os egípcios.

Morte dos Animais (Peste): Antes da batalha, o general envia mensageiros especiais que encontram formas de destruir os animais do inimigo. Deus trouxe uma praga especial: a peste, que atacou os animais dos egípcios e lhes causou a morte.

Sarna: O general busca formas de destruir soldados no campo inimigo, para que restem menos guerreiros para lutar. Igualmente, Deus causou a doença dos egípcios, fazendo com que tivessem sarna.

Granizo: O general bombardeia a cidade com armas e mísseis. Deus enviou tempestades de granizo sobre os egípcios.

⁴⁵ Fernando GROSS. *O Ciclo de Leituras da Torah na Sinagoga*. In: *porção Vaerá* (Ex 6,2 – 9,35), p: 195.

Gafanhotos: Por último, o general e seu exército entram na cidade inimiga e a destroem. Da mesma forma, os gafanhotos destruíram todos os campos que restaram depois da praga do granizo.

Trevas: O general joga muitos dos seus inimigos na prisão. Deus causou uma escuridão tão grande que aprisionou os egípcios, pois os impediu de se moverem.

Morte do Primogênito: O general mata os líderes do inimigo que se julgavam imortais e superiores, Deus com isto envia um recado de Quem realmente manda.

Mas por que os egípcios mereceram as Pragas? O que nos contam os Midrashim a respeito? Todos os castigos de Deus são justos. Ele castigou o povo egípcio com as dez pragas por terem sido extremamente cruéis. Cada uma das pragas tinha um motivo que correspondia a cada um dos tratamentos que os egípcios deram ao Povo de Israel.

Por que o Sangue? *Os egípcios obrigavam os judeus a trazer-lhes água do rio; assim, Deus transformou a água em sangue. Além disso, os egípcios pensavam que o Nilo era um "deus". Ao converter a água em sangue, Deus mostrou-lhes que Ele tinha poder sobre o rio.*

Por que as Rãs? *Os egípcios ordenavam aos judeus: "Tragam-nos rãs, caracóis e insetos. Queremos divertir-nos com estes animais". Ao obrigar os judeus a trazerem rãs, Deus castigou os egípcios com estes animais.*

Por que os Piolhos? *Os egípcios costumavam ordenar aos judeus: "Varram os pisos de nossas casas e ruas, e arem os nossos campos". Deus transformou todo o pó do Egito em piolhos, para que os judeus não tivessem mais o que varrer!*

Por que os Animais selvagens? *Os egípcios diziam aos judeus: "Precisamos de leões, tigres e ursos para nossos zoológicos e circos. Capturem estes animais para nós"! Era uma desculpa cruel para enviar os judeus ao deserto e aos bosques, mantendo-os afastados de suas famílias e correndo alto risco de vida. Deus castigou os egípcios por este ato, fazendo que viessem sobre eles os mesmos animais selvagens.*

Por que a Peste? *Os egípcios também obrigaram os judeus a serem pastores do gado para enviá-los a campos distantes e mantê-los afastados das famílias. Como castigo, Deus matou os animais dos egípcios com uma peste.*

Por que a Sarna? *Os egípcios eram cruéis em dar ordens confusas aos judeus nas casas de banhos: "Aqueça-me a água! Depois, traga-me água fria"! De modo que Deus afligiu os egípcios com bolhas de sarna que doíam tanto que já não podiam tomar banhos, quentes ou frios! Outra razão era que os egípcios consideravam os judeus uma classe social inferior. Um egípcio nunca comia junto a um judeu. Assim, Deus castigou os egípcios com bolhas dolorosas com aspecto tão desagradável que ninguém queria se aproximar deles.*

Por que o Granizo? *Outro ato de maldade dos egípcios consistia em ordenar aos judeus: "Planta-me um jardim! Planta-me algumas árvores"! Deus destruiu, pois, os jardins e bosques dos egípcios com granizo.*

Por que os Gafanhotos? *Os egípcios também ordenavam aos judeus: "Colham grãos para nós, favas e plantas", por isso estes foram comidos pelos gafanhotos.*

Por que as Trevas? *Os egípcios também ordenavam aos judeus levar velas e tochas por eles, nas ruas escuras. Também encerravam os judeus em cárceres escuros. Por este motivo Deus também causou a escuridão. Além disto, havia também judeus malvados, que não mereciam ser libertados do Egito. Esses judeus perversos morreram durante a praga das trevas, de maneira que os egípcios não pudessem vê-los e exclamar com alegria: "Vejam, os judeus também estão sendo castigados, como nós"!*

Por que enfim a Morte do primogênito? Deus castigou os egípcios matando os filhos primogênitos, pois o Faraó havia dado a ordem: "Matem a todos os primogênitos varões judeus"! Os egípcios também eram cruéis com o povo judeu que era chamado de "primogênito de Deus". Por isso, Deus matou seus filhos mais velhos. Mas o mesmo o Midrash e a Aggadah com os relatos das pragas nos revelam a diferença entre o homem de guerra do Deus da guerra: o homem de guerra quando quer abater seu inimigo o ataca de surpresa; não retarda os seus golpes e quando o tem debaixo de seus pés, o extermina. Mas Deus, ensinam os Sábios de Israel, de forma diferente advertiu por dez vezes ao Faraó, por dez vezes concedeu a trégua para arrepender-se e antes de castigá-lo, dez vezes vez lhe concedeu a graça.

O Rabino Daniel Mitzrahi em seu livro *Ish Chanudot –Belos Valores*, comentando sobre a porção Vaerá, que relata sete das dez pragas infligidas ao Egito, também menciona de forma interessante essas narrativas. Conta-nos que entre os diálogos entre Deus e Moisés e entre este

e o faraó, quatro passos são destacados na arte de ouvir e falar, através da análise de suas características, vantagens e benefícios. Vale a pena entrarmos em contato com sua opinião:

Os quatro capítulos apresentados na Parasha (porção semanal da Torah lida na Sinagoga) *Vaerá* – Ex 6,2 – 9,35; podem ser divididos em quatro passos centrais, que são⁴⁶:

1º Passo: FALAR = Saber transmitir a mensagem (a verdade em saber sobre Deus). Moisés e Aarão sabem transmitir as informações corretas, apesar do povo e do faraó não saberem ouvi-las.⁴⁷ Em Ex 6,11 – Deus diz a Moisés para se empenhar em falar corretamente com o faraó, para que a comunicação tenha êxito. Em Ex 6,13.26.28-29 – Deus pede para Moisés e Aarão saberem informar estes conhecimentos corretamente.

2º Passo: OUVIR = Saber ouvir a mensagem. Em Ex 6,5 – Deus, a fonte do conhecimento e sabedoria, sabe ouvir e consequentemente lembrar-se de seu compromisso. Desta forma, dá ao ser humano o devido exemplo de uma conduta correta. Em resumo: quem sabe ouvir, terá a capacidade de lembrar.

Em Ex 6,9.12 – o povo e o *faraó* não sabem ouvir, comprometendo o êxito do empenho de Moisés, apesar da informação ter sido transmitida de maneira adequada. Em Ex 6,30; Ex 7,4.13.16.22; Ex 8,11.15.28 e Ex 9,1.12.17, o *faraó* não sabe ouvir e obedecer. Em Ex 8, 21-27 e Ex 9,27-35 – aparentemente o *faraó* escuta a mensagem, mas desiste no final. Em Ex 7,9; 8,4 – o *faraó* sabe exigir, mas não ouvir e nem obedecer. Em Ex 7,23 o *faraó* não acata a mensagem Divina em seu *coração*. Em Ex 8,6 – Moisés sabe ouvir e atender ao *faraó*, que por sua vez segue em sua teimosia, não reconhecendo que não existe outro Deus. Em Ex 8,27 – Deus ouve e obedece (atende) a Moisés.

3º Passo: SE CONSCIENTIZAR = Reconhecer a mensagem (e introduzi-la dentro de si). Em Ex 6,7; 7,5.17 e 8,6 – saber quem é Deus, e que Ele salvará através dos milagres, não havendo igual a Ele. Em Ex 8,18 – saber que Deus interfere e interage com o mundo. Em Ex 9,13-16 – Moisés conscientiza os demais, esclarecendo que não existe igual a Deus em todo o mundo, mostrando Seu poder, difundindo o conceito de Sua Onipotência e Onipresença. Em Ex 9,20.21 – encontramos o livre-arbítrio; há os que ouviram por temor a Deus e os que não absorveram a Sua Palavra em seus *corações*.

⁴⁶ Rabino Daniel Haim MIZRAHI. **Ish Chamudot – Belos Valores – Shemot – Da Escravidão para o Desenvolvimento**. p: 93-95.

⁴⁷ Cf. Ex 6,6-8; 6,27; 7,2; 7,6-7; 7,13; 7,16; 7,26; 8,16; 9,1.

4º Passo: ALCANÇAR A SABEDORIA – Humildade x Vaidade. Em Ex 8,5.6 concluímos que Moisés (ao ser humilde) apresenta a capacidade de ouvir e atender ao faraó para atingir o seu objetivo de revelar aos demais que não há outro como Deus, demonstrando que onde existe humildade existe também a obediência e a sabedoria. Por outro lado, o *faraó*, sendo vaidoso, se mostra incapaz de ouvir e obedecer, permanecendo, portanto, carente de sabedoria.

2.5 Os Midrashim e as Aggadot da Tradição de Israel sobre hebreus com um *coração* egípcio e o sarcófago de José

A tradição de Israel conta que Coré⁴⁸, que irá se rebelar contra Moisés no deserto após a saída do Egito, temendo ser expulso com os outros hebreus, quis levar consigo todas as riquezas do Egito. José, prevendo para o seu soberano dias difíceis, havia enterrado outrora perto do rio, sob um obelisco, um tesouro imenso de pedras preciosas, de jade, marfim e de pó de ouro; porque em tempos de fome, todos os povos da terra viriam ao Egito para adquirirem seu trigo. Coré conhecia onde estava esse tesouro, tinha roubado esse segredo da sua avó Serah, última descendente do último irmão de José.

Assim sendo, durante a noite, os escravos de Coré, por centavos de dinheiro, ligaram com cordas o obelisco, o deitaram por terra e levantando um bloco de basalto, encontraram uma chave tão pesada que trinta mulas não seriam suficientes para transportá-la. Abriram a cripta e entraram nela com uma tocha; e quando dela saíam, um por um, com as costas vergadas pelas barras pesadas que amontoavam nos carros, na outra margem do Rio Nilo, iluminado por uma tocha, estava Moisés, sozinho, em pé.

Uma voz de Deus o havia guiado ao lugar secreto em que José estava sepultado. Sabendo os egípcios que seu corpo embalsamado seria uma bênção para sua terra, eles nunca quiseram que fosse arrancado de sua tumba. Eles desviaram o curso do Rio Nilo e escavando nas profundezas uma fossa profunda, depositaram o cadáver sagrado de José ali, em um sarcófago de rocha.

E há séculos o Rio Nilo, transbordando periodicamente em suas margens e voltando para dentro delas, fazia rodar suas ondas fecundas sobre os despojos fecundos do Hebreu defunto.

⁴⁸ Cf. Nm 16,1 – 18,32.

Antes de morrer José havia dito aos seus irmãos: “Foi me dado conhecer que virá um tempo em que os egípcios, na sua ingratidão, farão pesar sobre vocês a escravidão. Porém o Altíssimo Deus, com mão poderosa e braço estendido, vai levar vocês de volta à terra dos seus Patriarcas. Então, levai-me junto daqui e me levareis para um sepulcro na única terra em que os ossos ressuscitam e os mortos vêm a Deus”.⁴⁹

Moisés tinha vindo ali para cumprir essa palavra dada a José. Ele inclinando sobre a água o fogo da sua tocha, chamava: “José! José! Chegou a hora! Deus espera agora somente a ti! Nós estamos de partida do Egito! Vem conosco!”.

E então do fundo das ondas subiu um fervor; sustentado por uma mão invisível, a rocha do sarcófago veio colocar-se sobre os ombros do Profeta. E enquanto que por uma margem do Rio, Coré levava em seu cortejo de carros a riqueza de José, por outra margem, Moisés levava a sua santidade.

Então o SENHOR Deus disse a Moisés: “Este José que você leva para a terra dos seus pais, levou seu pai Jacó para sepultá-lo à terra de seus pais; porém este não fazia nada mais do que cumprir com seu dever de filho. José não foi o seu pai; você não deve nada a ele e, no entanto, você o sepulta. Por isso Eu mesmo o SENHOR, que não tem dívidas para com as suas criaturas, Eu mesmo é quem irei sepultar você”. Como está escrito: “E Ele sepultou a Moisés no vale” (Ex 34,6).

Como um último exemplo de Midrash que nos ajudará a compor o mosaico sobre o coração do faraó, os sábios de Israel contam que, mais uma vez, o faraó renegou a sua promessa. Apenas voltando o povo a encontrar a luz do sol após as pragas das trevas, faraó voltou a encontrar o seu pecado. “Parti então com as vossas mulheres – disse aos hebreus – mas eu cuidarei dos vossos filhos!” Moisés respondeu ao faraó: “Desgraçado! Acredita você que nosso Deus, no lugar de afligir os seus rebanhos não poderia afligir a você mesmo e aos seus mais caros e arrancá-los do mundo? Porém Ele quer que você queira salvar-se conosco. Deixa-nos partir, jovens e velhos, pais e filhos, mães e recém-nascidos; longe de você seja a atitude de nos reter aqui, mas antes você mesmo venha oferecer sacrifícios ao SENHOR Deus!”

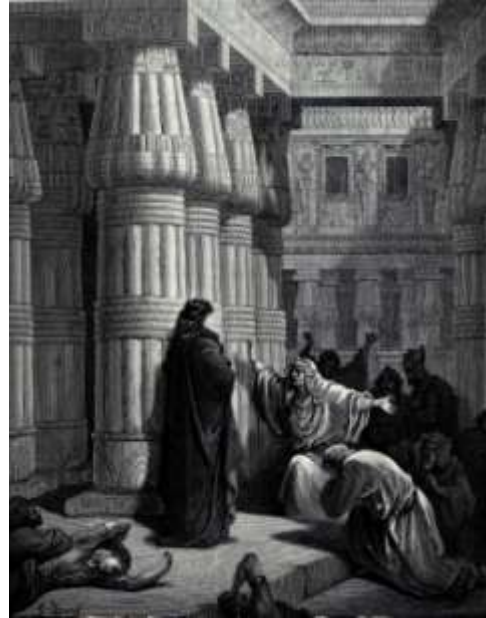
O faraó respondeu então: “Iria eu renunciar ao trabalho de seiscentos mil escravos – gritou o faraó – e além disso oferecer-lhes presentes? Vai embora daqui! Que eu não veja mais a sua

⁴⁹ Cf. Gn 50,24-25.

face diante de mim!”. Respondeu-lhe Moisés: Você realmente não mais verá a minha face, porque assim disse o SENHOR, Deus de Israel: Se você não fizer penitência, deixando ir embora os hebreus, eu contarei seis noites; e na sétima noite, no meio dela, descerei sobre o Egito, e desde o primogênito do faraó que cinge a coroa, até o primogênito do escravo que dá voltas na pedra do moinho, degolarei aos teus primogênitos”.



Morte dos Primogênitos



Faraó pede a Moisés para deixar o Egito!

(Ilustrações de Gustav Doré)

Mas por que os primogênitos? Pergunta Rabia Tanchuma⁵⁰. O Midrash responde porque os egípcios tinham negado o direito à vida aos recém-nascidos de Israel e porque Israel é o primogênito do SENHOR.

O Midrash continua a relatar que era o mês de Nisan que é o primeiro dos meses. Foi neste mês que Abraão tinha recebido outrora, as bênçãos de Deus. Então, quando a noite anunciado pelo SENHOR se aproximava, os hebreus geram ante Moisés: “Como Deus nos salvará? Nossos pecados são inumeráveis!” Ele respondeu: “Renovai na vossa carne a aliança dos Patriarcas”. Tudo isso porque além da tribo de Levi, nenhum deles havia sido circuncidado. Então quando fizeram a circuncisão sobre a sua carne, Moisés lhes disse: “O SENHOR nosso Deus trouxe a mortandade do gado para os animais que são os ídolos dos egípcios e que foram os vossos.

⁵⁰ Rabia Tanhuma Bar Abba, foi um mestre judeu dos amoraítas da quinta geração e sexta geração (por volta de 380 a 410 d.C., um dos mais famosos hagadistas do seu tempo).

Agora, pois, cada um de vocês devem sacrificar um animal do rebanho, ídolo vosso e dos egípcios. Que cada chefe de cada família tome um cordeiro, primogênito de uma ovelha, que o degole e misture seu sangue com o sangue das suas circuncisões, depois que tome um hissopo, um ramo de um arbusto (pois dizem os rabinos que pelo hissopo, a menor das plantas, quis Deus mostrar a sua grandeza, que é a maior das grandezas) que molhe o ramo na mistura dos sangues, e que asperjam os batentes das portas em memória de Isaac e de Jacó e a viga central sobre os batentes em memória de Abraão. Em seguida assareis ao fogo o cordeiro inteiro; e de pé em suas casas, cingidos, comereis às pressas, cantando ao SENHOR Deus, com as ervas amargas da escravidão, e o pão da libertação, sem fermento. Sem dúvida, que ninguém saia antes da aurora, porque nessa mesma noite, a justiça de Deus descera sobre os primogênitos dos egípcios e sobre todos os seus ídolos.

Porém, vendo sobre as suas portas o sangue da Aliança e o sangue da Páscoa, para livrá-los do Egito e dos seus ídolos, a justiça de Deus passará sem fazer-lhes dano algum. Assim, quando cada judeu em sua casa, fez assar o cordeiro no fogo, Deus chamou aos quatro ventos que sopram do Eden e lhes ordenou: “Soprai até ao Ocidente, até ao Oriente, até ao meio dia e até ao norte”. E sopraram: e o perfume da Páscoa se espalhou por toda a terra. Então os reis de toda terra perguntaram: “Que perfume é este?” E os anjos do céu responderam: “É Israel que prepara a salvação do mundo”.

Além disso, muitos justos entre os primogênitos dos egípcios haviam se refugiado na casa dos judeus; e os judeus os haviam acolhido. Porque está escrito: “Esta é a porta do SENHOR: por ela os justos entrarão” (Sl 118,20). Mas não somente os justos de Israel, mas também todos os justos segundo possuam o *coração* do SENHOR Deus.

Assim também muitos malvados dentre os primogênitos dos egípcios haviam se refugiado nos templos dos seus ídolos. Porém, não se salvaram, porque o que Deus quer, acaba se realizando.

E assim se cumpriu a Sua Palavra: de todo o Egito se elevou um grito, e em cada casa se clamava por um morto, sejam os mortos primogênitos dentre os filhos, mortas as primogênitais entre as filhas, mortos os primogênitos dos príncipes e dos vassalos, mortos os primogênitos dos ricos e dos pobres e até mesmo os primogênitos daqueles que mesmo estando presos haviam dito: ‘preferimos permanecer presos do que ver a Israel livre’; e também mortos os primogênitos dos servos que mesmo moendo o trigo haviam dito: ‘nós preferimos continuarmos como escravos do que ver Israel ser livre’.

Morreram inclusive os primogênitos dos mortos, porque os cachorros iam buscá-los nos túmulos, os seus cadáveres, para fazer-lhes morrer por segunda vez. E sobre toda a terra, todos os ídolos de todas as nações morriam também, os de pedra se tornaram pó, os de madeira apodreceram e os de metal, se tornaram água pestilenta.

Naquela noite, o faraó em seu palácio, não esperou que seus escravos viessem despertá-lo; quem fez isso nessa noite foi o grito do Universo. E uma vez levantado, sozinho e sem ajuda, na noite, seu pé vacilou, sua mão tateava a sombra: sobre o pavimento de rocha jazia seu filho morto.

Sem dúvida, um tumulto começava a aumentar e a rodear seu palácio, esse barulho entrava pelas cem portas, preenchia os cem pátios e as salas com um som claro e sonoro as paredes ressoavam. Eram todas as mães e todos os pais, todo o povo que acudindo angustiado e desesperado gritava ao seu rei: “Deixa esse povo partir ou morreremos todos!”.

Porém, conta o Midrash, o faraó calava, porque – dizem os sábios de Israel – quando o pecador, provado nove vezes, por nove vezes se nega a penitência, Deus lhe nega o desejo da penitência.

Ali uma multidão de braços se erguia, uma multidão de punhos cerrados, chicotes e pais, lanças e espadas, até ameaças de morte, rodeavam a face muda do faraó.

No meio da noite todos reconheceram vindo da sua pirâmide a múmia de Bithia, mãe do faraó segundo a carne, mãe de Moisés segundo o espírito. Uma mão saía de entre as gases. Estendeu e pegou a mão do faraó e no silêncio da noite, a morta conduzindo ao vivo, desapareceu com ele.

Caninharam eles até à direção das luzes. Batiam eles diante de uma porta cujos batentes e a viga estavam marcados com o sangue. A morta batia e a porta se abria. Aquele que vivia viu os judeus que cantavam, de pé, em torno de uma carne fumegante, cingidos os quadris, as sandálias aos pés, o cajado nas mãos. Então gritava: ‘Moisés!’ Uma voz respondia: “Não me verás mais!” E o faraó gritou novamente: “Pequei Moisés, pequei! Agora conheço a este Deus que não conhecia! Trago diante de ti para Ele todas as minhas coroas! Vai em paz! E dai-me a paz!” E atrás dele, todas as mães, todos os pais, todo o povo gritavam: “Todas as nossas riquezas as oferecemos ao SENHOR Deus! Vão em paz! E dai-nos a paz!”. Porém a voz tornava a dizer: “Vocês não me verão novamente”.

Então o alento da morta murmurou: “Moisés, meu filho, por meio daquela que lhe salvou, não salvará você o primogênito da minha carne, você que é o primogênito da minha alma?” E Moisés respondeu “Mãe que me salvaste, por causa de ti, eu quisera salvar todo o Egito; quem derá se tu estivesse aqui para salvá-lo comigo!”. E mostrando seu rosto ao faraó: “Você quer repetir, em alta voz, todas as palavras que eu lhe disser? E disse o faraó: “Eu quero repeti-las!”. Então repita: “Filhos de Israel, sejam livres, vocês eram meus escravos, agora vocês são servos do SENHOR Deus”. O faraó repetiu e todos ali escutaram a sua voz. “Repita uma segunda vez”, disse Moisés. E por uma segunda vez o faraó repetiu e todo o Egito escutou a sua voz; “Por uma terceira vez, repita”. E o faraó repetiu pela terceira vez: “Filhos de Israel, sejam livres, vocês eram meus escravos, agora são servidores do SENHOR Deus”. E o mundo inteiro escutou sua voz.

E em seguida Bithia voltou para as suas trevas e de repente, como se mil sóis tivessem brilhado de uma vez, apareceu o dia; porque dizem os rabinos, os filhos de Israel não deveriam fugir à noite, como escravos, mas saírem como homens livres, diante do dia.

Pais e filhos, mães e filhas, meninos e anciãos, carregados de presentes do Egito partiram. Muitos hebreus de *coração* egípcio permaneceram entre os egípcios. Porém muitos egípcios de *coração* hebreu seguiram aos hebreus.

2.6 A reflexão da Tradição de Israel sobre o *coração do faraó* frente ao mar que se abriu

Depois que os filhos de Israel saíram o faraó se arrependeu de tê-los deixado partir. O Midrash conta que Rabi Simeão Ben Levi⁵¹ comparou essa situação como um homem que tinha um pomar e o vendeu ao seu vizinho; ignorava o que o seu pomar continha. “E por quanto você o vendeu?” lhe perguntaram. “Por cem ciclos”. Mas outro lhe replicou: “Porém, em teu jardim havia vinhas que valem dez mil ciclos, oliveiras que valem dez mil ciclos, árvores que valem dez mil ciclos”. Então o homem se arrependeu do que havia feito.

⁵¹ Rabi Simeão Ben Levi foi um amoraíta, professor de Talmud que viveu na terra de Israel, na primeira metade do século III.

Da mesma maneira o faraó agiu quando os hebreus tinham partido, os grandes homens do Egito vieram ao faraó e lhe disseram: “Olha o que você perdeu! Não sabia quantos artesãos existem em Israel? E quantos ricos e quantos sábios?” Então o faraó se arrependeu do que havia feito.

Faraó preparou seu carro de guerra e todo o seu exército fez o mesmo para perseguirem os filhos de Israel. Coré, Datan e Abiram e todos os hebreus de *coração* egípcio também seguiam o faraó pensando: “Se o faraó vencer ficaremos com o faraó. se for vencido por Deus, nós iremos com Deus”.

Diante da situação da perseguição Deus para dar confiança ao faraó deixou intacto o único ídolo do universo que restara, Baal Zephon à margem do mar. Todas as feras do deserto saíram contra os filhos de Israel. E sabendo disso, faraó se regozijou dizendo: “Baal-Zephon me protege; ele me dará a vitória”.

Quando viram o mar diante deles – conta-nos o Midrash – e as feras do deserto à esquerda e à direita e por detrás todo o Egito em armas, os hebreus se aterrorizaram. Gritaram a Moisés: “Que fizeste conosco? Teus inimigos nos querem castigar por todas as tuas calamidades. Não era melhor servir ao Egito do que morrer aqui?”

Alguns colheram pedras para apedrejá-lo. Ele, sem se mover, lhes disse: “Vocês crêm mesmo que Deus enviou ao Egito a água convertida em sangue, as rãs, os mosquitos, os insetos, a morte dos rebanhos, as úlceras, os granizos, os gafanhotos, as trevas e o massacre dos primogênitos, para nos enviar hoje para a morte? Os Seus milagres de ontem prometem os Seus milagres de amanhã, porque diante Dele, os exércitos, as feras e os mares são como se não existissem. Acreditem na sua força, Ele nos salvará”.

E dirigindo-se Moisés para Deus, rezou. Porém Deus lhe disse: “Meus filhos estão na angústia e você reza! Existe um tempo para rezar e um tempo para agir. Em favor de Adão, no começo do mundo, eu amontoei as águas num lugar e a terra seca em outro lugar; em favor do meu povo é necessário hoje que as águas se separem e o que a terra seca se amontoe em meio às águas”.

Porém Satã, não querendo que Israel fosse salvo, compareceu diante do Eterno e disse: “Ontem esses mesmos hebreus beijavam seus ídolos e agora tu irás dividir o mar para eles?”. O que fez Deus? – perguntaram os sábios de Israel. Ele fez – responde Rabi Chamar bar

Chanina⁵² – como aquele pastor que escolheu um carneiro, o mais forte do rebanho, e o jogou para o lobo, pensando: “Enquanto o lobo luta com o carneiro, eu passarei as minhas ovelhas; quando tiverem passado, eu voltarei e tomarei de volta o carneiro”. Assim também fez Deus, querendo salvar os hebreus de Satã, lhe disse: “Que importa a você algumas almas de escravos? Você conhece a Jó, meu servidor? Somente a alma dele já vale por todas aquelas outras almas deles. Pode tentar a ele: Eu lhe permito”. Pensava Deus: “Enquanto Satã vai até Jó, eu salvarei os hebreus e quando os tiver salvo, voltarei e arrancarei Jó de Satã”.

Este Jó era o mesmo que, outrora, havia se calado diante do faraó, em lugar de falar com Jetro contra Balaão que aconselhava em jogar no Nilo a Moisés e aos primogênitos dos filhos de Israel. E já que não havia expiado essa falta esquecida, merecia um castigo; porém este agora vivia na terra de Us, entre os dois rios, na cidade de seu nascimento, tornara-se rico em filhos e filhas, em bois e camelos, em justiça e em caridade⁵³. Havia muito tempo que Satã rondava esta alma, preciosa entre todas as almas. Apenas Deus ofereceu a oportunidade, Satã, deixando os hebreus, jogou-se contra Jó, para torturá-lo em seu *coração*, em seu espírito e em sua carne.

Conta o Midrash que o povo de Israel passou a pé enxuto pelo mar entre doze paredes de cristal, por elas passaram as doze tribos de Israel. Deus a seguir ia retirar a sua direita para permitir que as águas tragassem todos os egípcios, quando se levantou Mozraim, o Anjo Guardião do Egito, diante do SENHOR Deus e lhe disse: “Rei do mundo, tu és um Deus de justiça. É justo que morra o Egito? Teus hebreus sofreram ali, porém, não prosperaram ali também? Ali serviram. Não foram pagos pelos seus serviços? Quando vieram eram setenta que morriam de fome; regressam seiscentos e três mil, carregados de tesouros? Irias querer a morte dos que os deixaram vir e agora os deixaram irem-se embora?”

O SENHOR Deus respondeu: “Eu perdoei por dez vezes ao faraó, dez vezes me renegou; dez vezes prometeu a liberdade aos filhos de Israel; dez vezes mudou a sua promessa, e agora voltou novamente para fazê-los seus escravos!”. “Que teus hebreus sejam livres, SENHOR, é uma coisa justa”, replicou o Anjo. Porém qual criatura iria sobreviver se tu a julgasses com o rigor da tua justiça? Lembra de tua clemência, Rei do mundo; pela décima primeira vez, perdoa ao Egito”.

⁵² Rabi Chamar bar Chanina foi um dos maiores sábios da literatura do Talmud pertencente à geração dos Amoraítas. Esses eram os sábios que interpretaram a Mishná. Era natural da Babilônia e depois foi morar em Israel e sob a instrução do Rabbi Judah HaNassi tornou-se um grande professor em sua geração. Faleceu por volta de 250 d.C.

⁵³ Cf. nota nº 11 deste estudo.

E pela décima primeira vez Deus ia perdoar, quando Miguel, o Arcanjo protetor de Israel gritou: “Olha o que fizeram aos teus filhos!” Com suas duas mãos chamejantes levantava uma muralha onde, sob a cal endurecida, todos os Anjos reconheceram, aprisionados nos tijolos, os meninos hebreus, cuja agonia gritava ainda. E todos os Anjos gritaram: “Olhe! Olhe!” Então Deus disse: “Que reine a minha justiça!”.

A direita de Moisés que detinha as águas, caiu e com ela a destra do SENHOR Deus. As doze paredes de cristal se evaporaram entre os fulgores do Sol e o mar cobriu o Egito. Somente um escapou: o faraó; foi ele, quem chegou a ser rei de Nínive, o que veio a ser rei da Babilônia; chamava-se Antíoco; chamava-se Tito; chamava-se Justiniano, e isso até ao fim do mundo, levará mil nomes, porque ele é o perseguidor de Israel, é eterno como Israel.

Diante do mar subia um canto de libertação da terra ao céu. Os Anjos queriam misturar a sua voz com a voz desse canto, porém Deus lhes disse: “Meus filhos egípcios morrem no mar e vocês se põem a cantar?” Então os Anjos se calaram.⁵⁴ Porém, Israel, na sua alegria, continuava sua ação de graças pela liberdade alcançada. Toda a posteridade de Abraão foi tomada por esse sopro do Eterno, nessa exaltação deste canto. Porque libertado do exílio, Jacó não tinha cantado; libertado do cutelo que o imolaria, Isaac não tinha cantado; libertado do forno, Abraão não tinha cantado. Porém, no dia em que o Mar secou, não cantou somente Moisés, o profeta, Miriam, a profetisa, mas todo homem e toda mulher em Israel, todo velho e todo recém-nascido. E até mesmo aquele que estava no ventre de sua mãe, o filho, que ainda não havia nascido, este cantou, porque via nesta hora, mais clara, a glória do Eterno, que não viu Ezequiel, o profeta, na hora de sua glória.

⁵⁴ Jairo FRIDLIN. **Hagadá de Pêssach**, p: 21(*Maguid*). Essa tradição de Israel acabou sendo incorporada depois no próprio relato do Seder da Páscoa, o famoso relato chamado, a *Hagadá de Pêssach*, que nos diz sobre o costume de derramar-se vinho do copo ao mencionar as pragas com as quais Deus castigou os egípcios – “*como nos diz o Midrash: Ele nos conta que, quando Deus abriu o Mar Vermelho para salvar os judeus e fechou-o, em seguida afogando aos perseguidores egípcios, os anjos do céu queriam cantar um hino de louvor, mas Deus os repreendeu, dizendo: ‘minhas criaturas estão se afogando no mar e vocês querem cantar?!’ Dessa passagem aprendemos que é errado alegrar-se na hora da dor de outras pessoas, mesmo na dor de nossos inimigos. Por isto derramamos vinho do nosso copo. Ele não pode estar cheio ao comentarmos a tristeza alheia*”.

2.7 A exegese dos pensadores judeus diante do movimento interior do coração do faraó

“Eu endurecerei o coração do faraó e multiplicarei meus sinais (milagres) e maravilhas na terra do Egito” (Ex 7,3).

Estas palavras foram ditas a Moisés antes do conflito com o faraó, antes do início das 10 Pragas, “elas tinham a intenção de informar a Moisés o curso dos eventos que iriam ocorrer dali em diante”⁵⁵. Sempre nos é dito que foi o próprio faraó quem obstinou o seu próprio coração, inteiramente de seu próprio livre-arbítrio:

“E o coração do faraó se obstinou” (Ex 7,13); após a praga do sangue: *“e se reforçou/fortaleceu o coração do faraó”* (Ex 7,22); após as rãs: *“e vendo faraó que havia descanso atribuiu peso ao seu coração”* (Ex 8,11); após os piolhos: *“e se reforçou/fortaleceu o coração do faraó”* (Ex 8,15); após a mistura de animais nocivos, cobras e escorpiões – “Arov”: *“Mas desta vez, de novo, o faraó tornou pesado o seu coração e ele não enviou o povo”* (Ex 8,28); após a peste: *“o coração do faraó tornou-se pesado e não deixou o povo sair”* (Ex 9,7).

Foi somente a partir da 6ª Praga (furúnculos) que vemos o cumprimento da Divina Promessa feita a Moisés: *“E reforçou/fortaleceu o SENHOR o coração do faraó, como Deus tinha dito a Moisés”* (Ex 9,12). Daqui em diante isso acontece após cada Praga: após os gafanhotos: *“Porque eu atribuí peso ao coração dele e ao coração de seus servos”* (Ex 10,1); *“Contudo, o SENHOR reforçou, fortaleceu o coração do faraó”* (Ex 10,20); e antes da Praga da Morte dos Primogênitos: *“O SENHOR reforçou/fortaleceu o **coração** do faraó e ele não quis mais enviá-los”* (Ex 10,27).

Esses textos sempre questionaram os comentadores judeus ao longo dos séculos, porque parecem contradizer o princípio humano do Livre-arbítrio⁵⁶, e que é um princípio estabelecido do Judaísmo.

⁵⁵ Nehama LEIBOWITZ, **New Studies in Shemot Exodus**, p. 149.

⁵⁶ Princípio filosófico e teológico para os judeus que confere ao indivíduo a possibilidade de agir por sua própria vontade e segundo suas próprias ações. Esse princípio no judaísmo foi discutido em todas as épocas e se confronta sempre ao conceito do determinismo, divino ou natural. Os filósofos judeus tendem geralmente em considerar que a noção de Livre-arbítrio é indispensável para fazer o indivíduo assumir o sentido da sua própria responsabilidade moral, e que nela está implícita a crença na justiça divina e no castigo dos pecadores. Fundamenta-se o Livre-arbítrio no texto bíblico, considerando as primeiras palavras dirigidas por Deus ao homem e que constituem uma proibição, cuja transgressão lhe provocará uma punição: o indivíduo é, portanto,

Vejamos como um comentador do Midrash trabalha essa dificuldade:

“Pois Eu endureci o seu coração”(Ex 9,1) – Disse **Rabi Yohanan**⁵⁷: Isso permite uma abertura para que os hereges possam dizer: A ele (faraó) não foi permitido por Deus arrepender-se!⁵⁸

Ramban⁵⁹ coloca a questão de modo claro: “Se o Senhor endureceu seu coração, então qual foi afinal seu crime?” Lembraremos algumas das respostas de exegetas e comentadores judeus.

2.7.1 SHADAL

Primeiro, **Shadal**⁶⁰:

“Saiba que todos os atos são atribuídos a Deus, já que Ele é a sua última causa, algumas por absoluto decreto, e outras através da operação da escolha humana garantida por Ele... No sentido que Ele é o autor de todos os atos, Ele endureceu o coração do faraó...”

Nesse caso, nós poderíamos nos perguntar, por que afinal a Torah não atribui tudo o que acontece, não ao seu imediato autor, mas diretamente para o último e único – Deus? Seria Deus realmente o responsável e não o faraó pelo seu endurecimento? **Shadal** é cuidadoso em colocar essa objeção:

“Os atos atribuídos a Deus nas Escrituras são aqueles que não são comuns, as suas causas estão para além do nosso entendimento. A obstinação do faraó foi um exemplo disso, desde a sua persistente recusa em prestar atenção aos prodígios das pragas já foi um assunto para se admirar. Compare a citação de Deuteronômio 29,3: 'Contudo, até o dia de hoje o SENHOR não vos tinha dado um coração para compreender, olhos para ver e ouvidos para ouvir'”

responsável, pois ele possui a liberdade de obedecer ou de se abster. Provindo da vontade individual, as ações humanas são, portanto, integralmente imputáveis ao seu autor. Cf. **Bouquins**, Op. cit. (v. Libre Arbitre).

⁵⁷ Rabi Yohanan bar Nappaha (180-279 d.C.) foi rabbi na época nascente do Talmud. Nascido na Galiléia e ensinado pelo próprio Yehudah Ha Nasi nos caminhos da Torah, a qual estudou e ensinou diligentemente por toda a sua vida. Considerado o maior rabbi na terra de Israel.

⁵⁸ *Shemot Rabbah* 13,4.

⁵⁹ Ramban, abreviação de Rabi Moshe ben Nachman, ou Nachmânides (1194-1270), um rabino catalão, médico e grande conhecedor da Torá.

⁶⁰ Shadal, abreviação de Samuel Davi Luzzatto, professor italiano, poeta e membro do movimento de Estudos Judaicos (1800-1865). Cf. Harvey J. FIELDS, **La Torah commentée pour notre temps, 2. L' Exode Le Levitique: L'endurcissement du coeur de Pharaon**. p: 36-43.

No entender de **Shadal** no entanto, a frase “*Contudo, o SENHOR reforçou, fortaleceu o coração do faraó*” (Ex 10,20), não implica que o SENHOR tenha destituído o faraó da sua liberdade de ação e na verdade Ele impediu-o de emendar-se de seus caminhos. Não houve interferência com o processo de arrependimento no qual todo ser humano está implicado. Apenas nos é apresentado o caminho das Escrituras em nos descrever a própria obstinação e incorrigibilidade do faraó.

2.7.2 CASSUTO

Apresentaremos uma das três soluções propostas por **Cassuto**⁶¹:

A primeira solução é o caminho que o antigo Hebraico se expressa a si mesmo. Em uma mulher estéril se dizia: ‘O SENHOR fechou o seu útero’ (1Sm 1,5); num acidente no qual uma pessoa mata sem intenção outra está escrito: ‘mas se não lhe fez emboscada, Deus permitiu que caísse em suas mãos’ (Ex 21,13). Todo acontecimento tem um número de causas, e essas causas, por sua vez, tem outras causas, e assim ad infinitum; de acordo com a concepção judaica, a causa das causas era a vontade de Deus, o Criador e o Governador do mundo. Agora o filósofo examina o longo e complexo elo de causas, enquanto que a pessoa comum pula diretamente do último efeito para a primeira causa e atribui à última diretamente a Deus. Isto, agora, é como a Torah emprega idiomas humanos e expressa a si mesma. Consequentemente, a expressão “mas Eu reforçarei o seu coração” é, em última análise, o mesmo como se estivesse escrito: “mas seu coração será obstinado”. Na continuação da narrativa, as frases como “E o SENHOR reforçou o coração do faraó” alternadas com “E o coração do faraó se obstinou” podem ser trocadas entre si, porque o seu significado essencial é idêntico”⁶².

Cassuto parece ignorar seu próprio cuidado em perceber as nuances e variações dos textos bíblicos! Parece confundir e igualar o passivo “O coração do faraó se obstinou” com o ativo “O SENHOR reforçou o coração do faraó”.

⁶¹ Umberto Cassuto (1833-1951), rabino italiano, sucessor de Samuel Hirsch Margulies como diretor do Seminário Rabínico de Florença. Grande estudioso da Bíblia, expulso da Universidade de Roma com as leis raciais em 1939, lecionou na Universidade hebraica de Jerusalém até sua morte em 1951. Autor de muitas obras sob o pseudônimo de Moshe David Cassuto, nome de seu avô.

⁶² Umberto CASSUTO, **Comentário sobre o Êxodo**, p.56.

2.7.3 ALBO

Outra aproximação do nosso estudo sobre o que acontece de fato com o *coração do faraó* nos é apresentado por **Albo**⁶³ no seu clássico livro filosófico chamado *Sefer Há-ikkarim* (*Livro dos Princípios*):

O homem mau se torna piedoso e retorna para o SENHOR quando o golpe recai sobre si – fora do medo da retribuição, como no caso do faraó que disse: ‘O SENHOR é justo. Eu e meu povo somos maus’ (Ex 9,27). Mas isso lembra mais um ato de compulsão e não de livre vontade. E por isso o SENHOR reforçou ainda mais seu coração, para que ele imaginasse que a praga fosse meramente acidental antes do que providencial. Isso se deu para suprimir os amedrontadores efeitos da própria praga, deixando seu livre-arbítrio sem a influência de nenhuma compulsão. Somente assim poderia se demonstrar se seu arrependimento era livremente motivado. Deste modo, os portões do arrependimento estarão sempre fechados diante da face do malvado. Mas longe do Altíssimo Deus o recusar ao homem o direito da sua livre escolha para o bem! Pelo contrário, a Escritura atesta: ‘Eu não sinto prazer na morte de ninguém que morre – oráculo do SENHOR Deus. Convertei-vos e vivereis!’.

2.7.4 SFORNO

Outro exegeta judeu, **Sforno**⁶⁴, adota a mesma citação bíblica em Ezequiel relacionando o desejo Divino de que o ser humano se arrependa dos seus caminhos:

"O Altíssimo Deus enviou as pragas para estimular os egípcios ao arrependimento... e não há dúvidas de que, se o faraó não tivesse obstinado o seu coração, ele teria deixado os filhos de Israel partirem, mas sua ação não teria sido motivada por um sincero arrependimento e submissão à vontade Divina, mas simplesmente para não mais ter de submeter-se ao sofrimento das pragas, assim como seus servos o

⁶³ Joseph Albo (em torno de 1360 – 1444) foi um filósofo judeu que viveu na Espanha. Discípulo de Hasdai Crescas. O seu amplo conhecimento cobria os domínios do pensamento judaico, tanto bíblico como rabínico e filosófico. Era igualmente versado na filosofia islâmica e na escolástica cristã, sobretudo através dos escritos de Tomás de Aquino.

⁶⁴ Sforno, Obadiah Ben Jacob (em torno de 1470 – em torno de 1550). Comentador da Bíblia, filósofo e médico nascido em Cesena, na Itália. É considerado uma das maiores autoridades rabínicas da cidade por seu saber talmúdico e sua maestria sobre questões halakhicas. Ele ensinou o hebraico a Johannès Reuchlin, o famoso hunanista cristão, de 1498 a 1500. Em Bolonha funda uma escola de estudos judaicos (Bet Midrash) que irá consagrá-lo como grande mestre por causa dos seus comentários clássicos do Pentateuco e de outros livros da Bíblia. Rejeitando toda interpretação mística, ele tentou sempre se ater ao sentido primeiro e explícito do versículo, do qual sempre procurou tirar um ensinamento moral. Sua introdução ao Pentateuco (*Kavvanot ha-Torah – O sentido profundo da Torah*) procurou unificar a estrutura da construção do texto e as razões profundas dos mandamentos.

intimaram: ‘Não sabes ainda que o Egito está destruído?’. Mas isso não teria de fato constituído seu verdadeiro arrependimento. Tivesse o faraó desejado submeter-se a Deus e sinceramente retornado a Ele, nada disso teria ocorrido no seu caminho. Mas Deus reforçou o seu coração, fortaleceu sua resistência para permitir a ele que aguentasse as pragas e detivesse a partida dos filhos de Israel: ‘para que eu mostre os Meus sinais no meio deles’, para que eles possam, desse modo, reconhecer Meu poder e bondade e voltar para Mim em verdadeiro arrependimento”.

Os comentadores acima interpretam esse fortalecimento do coração, implicando o fortalecimento da sua resistência para suportar o sofrimento; mas não como uma opção do seu livre-arbítrio, pelo contrário, o reforço do coração em questão era para a não remoção do obstáculo para a sua decisão irrestrita de voltar-se para o verdadeiro Deus.

2.7.5 RAMBAM

Rambam⁶⁵ oferece-nos uma explicação que não faz violência ao texto. Ele observa claramente o que os textos aparentam se contradizerem sobre a questão do livre-arbítrio, reconhece que os textos parecem como que fazerem violência a este princípio do judaísmo. Na introdução do seu oitavo capítulo sobre os Ditos dos Pais (*Pirket Avot*) e sobre as leis do arrependimento ele trata essa questão. Como são palavras chaves e importantes para o ouvinte-leitor as transcreveremos a seguir:

"Existem muitas passagens nas Escrituras que parecem contradizer o princípio do Livre-Arbítrio e muitos se deixaram enganar pelo seu conteúdo. Eles imaginam que o Santo Deus predestine o homem para o bem ou para o mal. Eu, no entanto, fornecerei uma chave para a compreensão dessas passagens. Quando um homem peca por própria conta, ele é punido... algumas vezes neste mundo, outras no Mundo Vindouro, e algumas vezes em ambos. Quando isso se aplica? Quando ele não se emenda. Mas se ele se corrige, o arrependimento é um antídoto para essa retribuição. Assim como os pecados foram de sua própria opção, assim também o é o arrependimento.

⁶⁵ Rambam é o nome dado ao grande pensador Moshe ben Mainon (“Maimônides”). Nasceu em 1135 em Córdoba e faleceu em 1204 no Egito. Foi um judeu sefardita, filósofo e astrônomo e se tornou um dos mais importantes e influentes professores de Torah e de ciências físicas da Idade Média. Seus quatorze livros de comentários da Torah (*Mishneh Torah*) e a sua obra o Guia dos Perplexos ainda continuam importantes hoje na codificação das leis do Talmud. É chamado a Grande Águia em reconhecimento ao seu entendimento e exposição da Torah Oral.

Mas acontece algumas vezes que a ofensa do homem seja tão grave que ele acaba sendo penalizado em não lhe ser mais concedido a oportunidade de voltar atrás da sua perversidade, assim sendo ele morre com o pecado que ele cometeu. Para esse o Todo-Poderoso disse a Isaías (6,10): 'Embota o coração desse povo, torna seus ouvidos surdos de modo que não ouçam, nem vejam com os seus olhos'. Confirma também 2Cr 36,16: 'Mas eles zombavam dos mensageiros de Deus, desprezavam as suas palavras, e riam dos seus profetas, até que a ira de Deus se desencadeou sobre Seu povo e não houve mais remédio'. Em outras palavras, eles pecaram por sua própria e livre vontade, até que eles mesmos confiscaram de si mesmos a oportunidade do arrependimento, o qual é o clássico remédio.

Para esse fim, a Escritura afirma também: “E eu endurecerei o coração do faraó”. Ele pecou, primeiro por sua livre vontade... até que ele mesmo retirou de si a oportunidade de se arrepender. De igual modo, a iniquidade de Seom, rei de Hesbom foi tanta que lhe foi negado a garantia do arrependimento: “pois o Senhor, o Deus de vocês, tornou-lhe endurecido o espírito e obstinado o coração” (Dt 2,30). Igualmente aconteceu o mesmo com os cananitas, também retiraram de si mesmos, por causa das suas abominações, a sua oportunidade de arrependimento, como está escrito: “Pois foi o próprio Senhor que lhes reforçou/fortaleceu o coração para guerrearem contra Israel (Js 11,20). Aos israelitas também foi negado o direito ao arrependimento nos dias do profeta Elias, porque eles pecaram gravemente, como está escrito: “Pois tu és Deus, e és tu que fazes o coração deles voltar para Ti” (1Rs 18,37) indicando que Tu mesmo negaste a eles o oportunidade do arrependimento.

Nós podemos, portanto, concluir que não foi Deus quem forçou o faraó a fazer o mal a Israel, ou Seom para cometer iniquidades na sua terra, ou os cananitas a adotarem práticas abomináveis, ou nem mesmo forçou Israel a servir aos ídolos. Todos eles pecaram por suas próprias sugestões, perdendo o direito ao arrependimento”.

A explicação de **Rambam**, num primeiro momento pode parecer contraditória; ele mesmo havia formulado o princípio absoluto do Livre-arbítrio nas suas leis de arrependimento no seu Código do Judaísmo⁶⁶:

"Ninguém força, predestina ou obriga alguém a seguir um destes dois caminhos – ele somente é o único árbitro. De sua própria vontade ele se inclina para qualquer

⁶⁶ **Mishné Torah** 5,2-3.

caminho que ele queira seguir. Este é um princípio fundamental do judaísmo – o homem é absolutamente livre para executar qualquer ação – seja ela má ou boa".

Se assim for, como poderia então Deus retirar do faraó o poder de arrepender-se, da sua própria vontade? Mas quem sabe com um olhar mais atencioso isso se clarifique. A decisão final sempre permanece com o homem. No início, contudo, o homem é livre para escolher qualquer caminho de ação que ele deseje⁶⁷. A ele é oferecida uma igual oportunidade para o bem ou para o mal. Mas tão logo ele tenha feito a sua primeira escolha, então as oportunidades diante dele já não são mais assim tão balanceadas. Quanto mais ele insista no primeiro caminho escolhido, digamos, o mau caminho, mais duro se torna para ele retomar o bom caminho. Em outras palavras, não é o SENHOR Deus que lhe dificultou sua liberdade, e tornou o caminho do arrependimento difícil para ele. Ele mesmo, por sua própria escolha e persistência no mal, colocou a si mesmo obstáculos no caminho de volta para se emendar.

Rambam continua:

Os justos e os profetas sempre pediram ao SENHOR Deus para ajudá-los a se manterem no verdadeiro caminho: "Ensina-me o teu caminho, SENHOR" (Sl 27,11). Não permita que meus pecados me separem do verdadeiro caminho, através do qual eu possa conhecer Teu caminho e a unidade do Teu Nome. Cf Salmo 51,12: e um espírito novo, pronto a obedecer". Em outras palavras, deixe que meu espírito realize a Tua vontade e não deixe meus pecados me levarem à recusa ao arrependimento. Mas deixe que a iniciativa permaneça sempre comigo, para me tornar capaz de voltar atrás e entender e conhecer o caminho da verdade...

Não foi a isso a que Davi se referiu quando disse: "Bom e justo é o SENHOR; por isso mostra o caminho aos pecadores. Conduz os humildes na justiça e lhes ensina o seu caminho"(Sl 25, 8-9). Deus mesmo enviou profetas para divulgar os caminhos do SENHOR e chamar o povo ao arrependimento. Além disso, ele deu a eles o entendimento de quanto mais um homem é atraído para os caminhos da sabedoria e da justiça, ele os desejará mais e mais cultivá-los e permanecer neles. Para isto os nossos Sábios referem-se nos seus escritos: "aquele que procura purificar-se a si mesmo, é ajudado pelo Alto" implicando que ele vai encontrar o seu caminho aplainado.

⁶⁷ Nehama LEIBOWITZ, **op. cit.**, p. 156s.

Rambam ressalta nessas linhas o recíproco das relações entre o ser humano e o próprio Deus. Deus não forçou ao faraó escolher o mau caminho. Foi uma própria ação do faraó. Uma vez que ele persistiu no caminho das suas ações isso se tornou para ele mais difícil de resistir. Deus construiu essa resposta, por assim dizer, dentro da própria construção que o homem fez. Quanto mais um homem peca, mais os seus pecados se tornam como uma barreira entre ele e o arrependimento.

Olhemos para um ditado rabínico citado pelo próprio **Rambam**:

*Disse **Resh Lakish**⁶⁸: Qual é a força do texto (Pr 3,34): “Dos zombadores ele vai zombar, mas aos humildes ele vai mostrar o seu favor”. Se ele tentar se contaminar vai ser lhe dado uma abertura; se ele tentar se purificar a si mesmo ele é ajudado pelo alto” (Shabbat 104a).*

2.7.6 RASHI

Rashi⁶⁹ sobre isso aponta claramente em seu comentário:

“Se para os zombadores, ele vai desprezar”: ele vai desprezar por sua própria iniciativa: Ninguém vai encorajá-lo e ninguém vai detê-lo. “Para os humildes” se ele se sente atraído por uma qualidade moral “Ele irá mostrar seu favor”, ele será ajudado pelos Céus. Se ele tenta se contaminar, se lhe abre uma oportunidade; se ele tenta se purificar a si mesmo, ele é ajudado pelo Alto e uma oportunidade é preparada para ele.

Disse Resh Lakish⁷⁰: Qual é a força do texto (Pr 3,34): 'Dos zombadores ele vai zombar, mas aos humildes ele vai mostrar o seu favor'. Se ele tentar se contaminar vai ser lhe dado uma abertura; se ele tentar se purificar a si

⁶⁸ Shimon ben Lakish foi um mestre Amoraíta mais famosos da segunda geração, que viveu no século III d.C. Foi um dos gigantes do estudo da Torah.

⁶⁹ **Rashi**, acrônimo de Rabbi Chlomo Yitschaki (Salomon Ben Isaac) (1040-1105). Foi eminente comentador judeu da Bíblia e do *Talmud*. Sua principal contribuição se dá no campo da exegese metodologicamente baseada nos procedimentos gêmeos do *pechat* e do *derach*; o primeiro se define como o sentido óbvio, o segundo procura encontrar um sentido mais profundo do texto para ilustrar, revelar uma lei ou uma postura ética. Todos os seus comentários são ricos em *derach* e o folclore *midráshico* fornecendo sempre uma nova dimensão à interpretação do texto. Sua influência não se restringiu somente ao judaísmo. Nicolas de Lyre, frade franciscano (1270-1340) lia **Rachi** no texto original – hebraico – e no seu próprio comentário bíblico, cita frequentemente **Rachi**. Cf. Bouquins, Dictionnaire Encyclopédique du Judaïsme. (v. **Rachi**)

⁷⁰ **Shimon ben Lakish** foi um mestre Amoraíta mais famosos da segunda geração, que viveu no século III d.C. Foi um dos gigantes do estudo da Torah.

mesmo ele é ajudado pelo alto” (Shabbat 104a). E ele mesmo como Sábio do Talmud responde à questão do *Rabbi Yohanan*:

O Santo Deus espera pelo homem uma, duas e uma terceira vez, mas não mais. Ele fecha seu coração ao arrependimento a fim de exigir punição para seu pecado. Assim também para o perverso faraó: O Santo Deus deu a ele cinco chances, mas ele não lhe deu atenção alguma. Diante disse o Santíssimo Deus disse: Tu endureceste teu pescoço e obstinaste o teu coração. Eis então que Eu vou acrescentar mais degradação junto à tua degradação (Shemot Rabbah 13,4).

2.7.7 HIRSCH

Como já demonstramos nesse estudo citando o *Rabbi Samson Raphael Hirsch*⁷¹, muitos séculos antes o próprio Sábio do Talmud *Resh Lakish* respondendo à questão do *Rabbi Yohanan* parece ter uma explicação semelhante à proposta dada pelo *Rabbi Hirsch*:

Se Deus movia todas as fichas e faraó não tivesse livre-arbítrio, o soberano egípcio não poderia ser responsabilizado pelas suas escolhas. Isso significaria então que nenhum de nós é verdadeiramente livre e os atos que nós acreditamos ser inspirados pelo amor ou pelo ódio, a generosidade ou o egoísmo, a justiça ou a indiferença não são nada mais que ilusão. Seria isso que a Torah nos ensina quando fala que Deus endureceu o coração do faraó?, pergunta Rabbi Yohanan ao seu cunhado Rabbi Simeon ben Lakish, companheiro de estudo e amigo próximo.

“Deus – explicou Resh Lakish – ofereceu ao faraó muitíssimas ocasiões para mudar seu ponto de vista e permitir aos filhos de Israel para deixar o Egito. As pragas foram enviadas com a finalidade de advertências na esperança que o faraó, tomado pelo arrependimento, libertasse os escravos: “Tendo Deus avisado por cinco vezes e ele ignorado e continuado a obstinar-se em seu coração, então Deus lhe disse: “Eu vou acrescentar mais dificuldades àquelas que você criou por si mesmo”.⁷²

⁷¹ Cf. p.15. deste estudo. *Rabbi Samson Raphael Hirsch* (1808-1888) foi um rabbi alemão conhecido como o intelectual fundador da Escola Torah im Derech Eretz, contribuindo para o desenvolvimento do Judaísmo Ortodoxo.

⁷² Harvey J. FIELDS. *La Torah commentée pour notre temps*. p: 38.

Aqui está, portanto, o que a Torah nos ensina sobre o que ela menciona “o *coração fortalecido*” ou o “*coração obstinado*” ou o “*coração endurecido*” do *faraó*. Foi a própria teimosia do faraó que gerou essa situação.

Em última análise, então é o ser humano por si mesmo quem escolhe, que abre ou se obstina em seu coração. O SENHOR Deus o ajuda em seu caminho. Mas a ajuda positiva proporcionada ao homem bom não é comparável com a passiva assistência dada de modo a remover os obstáculos levantados por si mesmo, tendo ele escolhido o mau caminho.

Considerações finais

O psicanalista moderno, filósofo e sociólogo alemão **Erich Fromm** (1900-1980) conheceu essa análise dos exegetas judeus, sobretudo a de *Rambam Maimônides*. Ele reconheceu que a Torah ao descrever o que aconteceu com o *coração* do *faraó*, está na verdade descrevendo “uma das leis fundamentais do comportamento humano”. Cada ato mau tende a endurecer o *coração* humano, isto quer dizer, mortificá-lo, envenená-lo. E cada ato bom feito tende a adocicá-lo, a torná-lo mais vivo.⁷³

Quanto mais o *coração* humano torna-se pesado, menos ele será capaz de liberdade para mudar e cada vez mais se tornará determinado, dependente diríamos, das suas ações precedentes. Ocorre então o ponto de *não-retorno*, quando o *coração* do ser humano está tão empedernido e tão insensível que ele perdeu toda a capacidade de fazer escolhas livres e que ele está forçado a continuar sobre o mesmo trilho até o fim irremediável – aquele que em última análise – o conduzirá para a sua própria destruição física ou espiritual⁷⁴.

Assim, a primeira escolha do faraó de continuar as perseguições e a opressão contra os filhos de Israel foi lhe conduzindo finalmente até a esse “ponto do não – retorno”. Talvez ele tenha pensado que cedendo às suas “exigências”, se ele não fortalecesse o seu *coração* e não continuasse a governar com dureza, os hebreus e também os egípcios, concluíssem a sua incapacidade de administrar e se rebelassem. É sempre o raciocínio de quem é inseguro e fecha-se à realidade que clama por liberdade e por vida digna.

O faraó, que pensava que dominava o universo inteiro, na verdade estava dominado pelo medo do fracasso, incapaz de desenvolver soluções criativas diante dos seus problemas. Faraó acabou sendo ele mesmo vítima das suas malvadas decisões.

E isso é trágico em todo sistema político surdo à voz dos que sofrem, desse modo acaba por escolher o caminho da descida em uma ladeira íngreme, e uma vez que começou a descê-lo, não pode mais parar e nem evitar a catástrofe, para si e ao seu redor. Acaba afundando.

Além disso, outro ponto merece ainda ser examinado. Um Midrash comentava que “faraó gostava de contar vantagem dizendo que ele mesmo era um deus”. Ele tinha poder mais do que tudo de dispor sobre a vida de quem quer que fosse no seu tempo. Ele comandava

⁷³ Harvey J. FIELDS. Op. cit. p. 39.

⁷⁴ Erich FROMM. **You Shall be as Gods**, Holt, Rinehart et Winston, New York, 1966, p. 101.

inumeráveis exércitos capazes de fulminar quem quer que tentasse se revoltar contra ele. Ele exercia, através de seus comandantes, poder de vida e de morte sobre milhares de escravos obrigados a lhe construir as cidades de Pithom e Ramsés. O *coração do faraó* acreditava ser indestrutível, de modo que ninguém poderia lhe vencer ou arruinar os seus planos.⁷⁵

Já que ele acreditava que era um deus, dez pragas se abateram sobre ele. E o que o *faraó* dizia? “*O Nilo é meu! Eu o fiz para mim!*” (Ez 29,3). Por causa dessas palavras e do seu modo de pensar sobre si mesmo, Deus lhe oprimiu com as pragas.

Portanto, podemos dizer que o objetivo das pragas acabou também por ser um meio pedagógico: levar ao conhecimento de Deus àqueles que se recusavam em reconhecer o Seu poder.⁷⁶ Todas as pragas relatadas pela Torah descrevem essas tentativas repetidas para quebrar o *coração* arrogante do faraó e para que ele aprendesse a conhecer ao SENHOR Deus.

É como perceber num grande panorama ao olhar para todos os relatos das pragas do Êxodo que se trata de um confronto entre a vontade de Deus reconhecido exclusivamente pelos filhos de Israel e a vontade de um tirano opressor. Assim as pragas, a derrota humilhante e o fim vergonhoso daquele que pensava ser o Rei-Deus constituíram como uma saga destinada a inspirar o desprezo para com o paganismo egípcio⁷⁷.

Faraó foi vencido, todo o seu exército e sua arrogância não foram suficientes para impedir a sede de liberdade que Deus tinha colocado no *coração* dos filhos de Israel. Quanto mais o faraó e todo o seu sistema opressor se brutalizava, mais crescia a sua determinação de serem livres, conforme o desejo soberano e perene de Deus para eles e para todos os povos da terra.

A cada vez que o faraó tinha uma chance de deixá-los partir para não mais sofrer o golpe das pragas, ele acreditava a si mesmo ter feito acordo com escravos inferiores a ele, repulsivos e indignos e seu *coração* se obstinava. O orgulho de querer ser mais do que os outros, de conceder ajuda a quem não é importante como ele mesmo era, seu orgulho e vaidade lhe entorpeciam, cerravam as muralhas para o diálogo e a realidade exterior. Vaidade das vaidades! A vaidade do coração do faraó foi o seu próprio carrasco, que o matou.

⁷⁵ Shemot Rabba 8, 2.

⁷⁶ Nehama LEIBOWITZ. *op. cit.* p. 170-177.

⁷⁷ Nahoum M. SARNA. **Exploring Exodus: The Heritage of Biblical Israel**, p. 80.

Mas a sede de liberdade que Deus havia semeado nesses oprimidos era mais forte que a obstinação de quem oprime, esse desejo de liberdade não poderia ser quebrado por ele, o faraó nada podia contra esse projeto libertador.

Deus, portanto, decidiu dar uma lição ao faraó e a todos os que ouvirem nas gerações futuras falar desse soberano opressor do Egito. A partir desse momento, Deus iria endurecer mesmo, ainda mais seu *coração* obstinado. E a esse e a muitos soberanos que se arvoram serem um deus e que fizeram e fazem tanto mal a tantas criaturas e seres humanos pelo seu louco modo de governar, tudo isso acabará sendo destruído. Deus revelará a sua derrota diante de todos e demonstrará que o Deus da liberdade sempre vence todas as batalhas contra a opressão.

Assim sendo essa história das pragas e do *coração* do faraó, importa não tanto considerar se os seres humanos são livres ou não de fazerem as suas escolhas, mas antes importa reconhecer no confronto entre aqueles que pretendem serem um deus e Deus mesmo, no confronto entre aqueles que pretendem governar o mundo e Deus, vence sempre o Deus, que liberta o mundo e os povos de todos os projetos que cerceiam a liberdade e a dignidade humanas.

Será sempre a vitória do Deus de Israel que deseja e ordena tudo e todas as coisas para a liberdade, a justiça e a digna vida para cada ser humano. Nenhum soberano desse mundo tem o direito de moer aqueles que governa, e nem de reduzi-los a escravos.

A obstinação do *coração* do faraó e as pragas milagrosamente enviadas para afligi-lo colocam em destaque o poder do Deus libertador. Para a Torah, nenhum faraó com obstinado *coração*, nenhum soberano, nenhuma instituição conseguem deter a vontade de Deus de libertar os seres humanos. Essa vontade para sempre triunfará, pois Deus quer que todos sejamos livres!

As fontes rabínicas aqui apresentadas e a análise exegética, literária, semântica e teológica apresentadas nesse estudo procuraram demonstrar a seriedade como devemos nos aproximar da narrativa bíblica e de como ela deve ser abordada. “Longe das histórias imaginárias, a Torah descreve eventos reais envolvendo seres humanos reais. A redenção é um processo que envolve tanto o tempo quanto uma gradualidade”⁷⁸. Existe sim uma relação profunda entre a Tradição Judaica e sua Oralidade que demonstrou ser capaz de suportar e prolongar a Escritura Sagrada dando-lhe gosto e vida. É o que se chama de Torah Haim! A Torah Viva!

Para serem verdadeiramente livres, os escravos israelitas precisaram testemunhar a total destruição de tudo o que antes lhes era pesado como que um grilhão. Somente se o Egito, seus

⁷⁸ Shmuel GOLDIN. **Unlocking the Torah Text. An in-depth journey into the weekly parasha. Shmot**, p. 64.

cidadãos, sua realeza, seus feiticeiros e seus deuses fossem derrubados então os filhos de Israel e todos os participantes do Êxodo poderiam começar a sua jornada em direção à verdadeira liberdade. “Passo a passo, as pragas enviadas por Deus foram destruindo tudo aquilo que os filhos de Israel aprenderam a temer. Como as algemas foram quebradas, a promessa de liberdade começa a emergir”.⁷⁹

Dois aspectos ainda importantes gostaria de ressaltar ao ouvinte-leitor como consideração final: um *coletivo* e um *individual*. Quanto ao aspecto *coletivo*, a experiência da nação de escravidão e humilhação é listada pela Torah para motivar a observância das leis que protegem o escravo. Uma similar razão é oferecida pelo direito do servo ao Shabat, ao repouso no sábado: “... o sétimo dia, porém, é o sábado do SENHOR teu Deus. Não farás nenhum trabalho, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu escravo, nem tua escrava, nem teu boi, nem teu jumento, nem qualquer dos teus animais, nem o estrangeiro que está em tuas portas. Recorda que foste escravo na terra do Egito, e que o SENHOR teu Deus te fez sair de lá com mão forte e com braço estendido. É por isso que o SENHOR teu Deus te ordenou guardar o dia de sábado” (Dt 5,14-15).

Mesmo sem a menção do Egito o Levítico faz uma direta alusão a isso: “Não o dominarás com tirania, mas terás o temor do teu Deus”(Lv 25,43).

Quanto ao aspecto *individual* é bom considerar da solidão e amargura porque muitas pessoas ainda passam e gemem hoje: “A dura escravidão que existia no Egito (e ainda hoje), é sempre significado da ausência de palavra e de som, em total silêncio. A Redenção começa quando começa a existir o som, mas a palavra ainda é ausente. Finalmente, quando ocorre a constatação de ambos, som e palavra, a redenção alcança sua total realização”.⁸⁰ É bela a sensibilidade do quadro da escravidão que Arnold Lustiger nos apresenta no seu comentário sobre o livro do Êxodo e é importante para cultivarmos pessoalmente isso também em nosso coração e não ensurdecermos ante o sofrimento alheio:

“Antes de Moisés aparecer não havia uma única palavra. Nenhuma denúncia era apresentada, nenhum grito era proferido. Os homens fazem silêncio quando são impiedosamente torturados pelos feitores. A tortura já era dada como certa. E eles pensavam que era assim que iria acontecer sempre. A dor não se precipitava sobre o sofrimento, pois eles não tinham conhecimento de qualquer necessidade. Quando Moisés

⁷⁹ Shmuel GOLDIN, *op. cit.* p. 65.

⁸⁰ Arnold LUSTIGER. **Chumash with commentary based on the teachings of Rabbi B. Soloveitchik – Sefer Shemos**, p. 53.

apareceu, o som, ou a voz, começou a existir em meio a essa escravidão. Moisés, ao defender os judeus indefesos, restaurava a sensibilidades aos macerados escravos. De repente, eles se deram conta que toda aquela dor, angústia, humilhação e crueldade, toda a ganância e intolerância de um ser humano frente a outro ser humano como ele, é má, ruim. O morto silêncio da não existência tinha ido embora; a voz da humana existência era agora ouvida”⁸¹.

Moisés, sem dúvida realizou essa mudança obedecendo a um projeto divino. Ele colocou seu coração na Palavra de Deus e no projeto Divino de formar um povo, no projeto de um modo novo de convivência, a partir de uma Palavra Sua que será revelada e entregue para orientar os passos desse povo e de toda humanidade.

Mas o faraó não colocou seu coração nisso. “ *Faraó não somente pecou contra o povo judeu, mas também contra o seu próprio povo, os egípcios, e contra o mundo inteiro. Sua obstinação levou à morte em última análise também o primogênito egípcio*” (Darosh Darash Yosef)⁸².

Duas vezes somente ocorre no Pentateuco a expressão “com rigor” (Ex 1,13; Ex 1,14). Portanto os sofrimentos que passaram as vítimas da escravidão no Egito foram ecos dessa proibição de não o dominarás com tirania, proibição herdada para aqueles que foram libertados da servidão. Todos esses textos acima mencionados, e muitos outros como eles, nos ajudam a entender que a razão para o exílio no Egito, a perseguição e o sofrimento da escravidão acompanham o nascimento do povo de Israel antes da entrega da Torah e da sua entrada na Terra Prometida. E isso lhes proporcionou a experiência do amargo e duro gosto da escravidão e da humilhação.

Acabaram os filhos de Israel por não cultivarem em si mesmos um *coração* insensível aos outros e suas necessidades, um *coração* sensível para estarem preparados para combater o que eles próprios experimentaram com a violência e a dominação de homem contra homem.

Quanto ao aspecto *individual* ainda recorro a um outro psicólogo alemão moderno, **Anselm Grün (1945 -)**, que nos ajudará a fazer um check-up do nosso próprio *coração* com a imagem de redenção revelada nas narrativas das pragas do Egito:

“É assim que as pragas do Egito mostram que nossa vida está sempre em mutação. Se não nos deixamos transformar por Deus, então nossa vida tomará o

⁸¹ Arnold LUSTIGER. *op. cit.*, p. 53.

⁸² Arnold LUSTIGER. *op. cit.*, p. 39.

*caminho da ruína e todas as forças de nossa alma se voltarão contra nós. Nas pragas do Egito, a Bíblia nos mostra como um homem pode se tornar mau e doente. Assim a Bíblia quer nos convidar a tomar o caminho da mudança que Deus pensou para nós. É o caminho para a vida e para a liberdade, para a luz e para a beleza”.*⁸³

Contudo, surge a impressão de que o *faraó*, com a sua insistência num raciocínio *duro e pesado* em relação à proposta de os israelitas saírem do Egito, entre numa dinâmica de ele causar, cada vez mais, abrangentes catástrofes para si mesmo e para o seu povo. Com isso, por sua vez, nasce outra possibilidade de se realizar o projeto do êxodo.

Na impossibilidade do *faraó* aceitar esse projeto, por raciocinar e descobrir a necessidade dos oprimidos recuperarem a sua liberdade, *não pondo o seu coração* no que deveria pô-lo, sobra o caminho de conseguir o almejado através de acontecimentos catastróficos, sendo que estes podem derrubar todos aqueles que *obstinam o seu coração*.

Ou, com outras palavras, caso o convite à conversão for rejeitado, Deus pode permitir que o opressor, através de sua falta de compreensão, se autodestrua. Enfim, justamente dessa forma, o SENHOR, Deus de Israel, respeita mais uma vez o livre arbítrio da pessoa.

Aliás, esse processo pode ser experimentado ainda hoje. “Todos os homens perversos agem como o faraó. Quando Deus lhes envia um castigo, prometem melhorar. Mas quando termina o sofrimento, esquecem por completo da decisão de serem bons e se arrependem. Esta é a lição do faraó: como não devemos agir!”⁸⁴

A história do êxodo apresenta o SENHOR, Deus de Israel, como não disposto a negociar a liberdade dos oprimidos, no caso, dos filhos de Israel. Ao opressor não é permitido insistir, de forma definitiva, na opressão dos que subjugou ao seu poder. Pelo contrário, o *faraó* há de *pôr seu coração* na liberdade de quem é oprimido por ele. Caso contrário, ao insistir na *obstinação do seu coração*, o SENHOR, Deus dos oprimidos, pode até contribuir com tal *endurecimento*, sendo que assim se aproxima a catástrofe e a autodestruição de quem se obstina.

Todavia, ninguém obriga o *faraó* a *obstinar o seu coração*. Nem o Deus de Israel. “O fortalecimento do coração do faraó ocorreu justamente para que ele pudesse tomar decisões

⁸³ Anselm GRUN. **Imagens de transformação. Impulsos bíblicos para mudar a sua vida**, p. 24-28.

⁸⁴ Fernando GROSS. **O ciclo de leituras da Torah na Sinagoga**, op. cit. p. 277.

libertas do terror natural causado pelas pragas. Assim faraó, poderia agir conformemente à sua vontade profunda, que era na verdade, manter Israel prisioneiro.”⁸⁵

O verdadeiro arrependimento não pode nunca acontecer sob coação. Deus fortalecendo o coração do faraó o protegia contra os efeitos físicos e mentais que recaíam sobre ele e o Egito através do flagelo das pragas. Agindo desse modo, Deus oferece àquele que governa a oportunidade de arrepender-se de livre vontade, não por causa das pragas, mas por causa da mensagem que as pragas traziam: "Para que você, dirigente que oprime conheça a Mim, Deus de Israel e do mundo inteiro, e lhe ordeno: Deixa meu Povo partir livre!"⁸⁶

No reino moral pode-se até discutir quando e sob quais circunstâncias uma pessoa pode arrepender-se do que fez. Acredito que de acordo com Maimônides e a tradição judaica esse arrependimento é um direito que pode sim ser perdido. Outros pareceres e teologias defendem o direito ao arrependimento sob todas e quaisquer situações.

Poderíamos nós termos como garantidos para sempre a capacidade de arrependimento? Nenhum de nós gostaria de chegar perto do ponto decisivo de a nós ser negado tal capacidade de voltarmos atrás das nossas faltas. Poderíamos em certos momentos da vida ir nos habituando à incapacidade de ouvir a voz de Deus, da verdade, ou podemos ir sim nos habituando à injustiça, à indiferença ao sofrimento e à negligência surda a esses apelos de modo que a oportunidade de arrependimento se dê como perdida de uma vez para sempre, como o foi para o faraó?

O livre-arbítrio e a capacidade de arrependimento são presentes de Deus na nossa vida; mas esses podem para sempre serem tidos como propriedade perene e eterna para nós? Estar atentos à voz da Palavra e de Deus podem ser um convite efetivo à prática da justiça para que esses valiosos presentes não sejam levados embora um dia?

Segundo o autor Rabbi Yosef Stern: “*não há praga ‘maior’ do que a negação do livre-arbítrio*”⁸⁷ Faraó tinha sido insistentemente chamado, praga após praga, a reconhecer os sinais e a grandeza de Deus e anunciar isso a toda a humanidade. Mas o que faraó anunciou à humanidade e à muitíssimas gerações após ele foi a total falência do seu modo tirano e opressor de governar que conduziu a si mesmo e ao redor a uma destruição total, justamente por essa incapacidade de colocar seu *coração* naquilo que devia colocar, e agir em

⁸⁵ Yakov Israël BEIFUSS, **Leka'h Tov. Recueil de Réflexions de nos maîtres sur la Paracha Chémot**, p. 128.

⁸⁶ Cf. Shmuel GOLDIN, op. cit, p. 55.

⁸⁷ Rabbi Yosef STERN, **Chasam Sofer. Commentary on the Torah. Shemot**, p. 49.

consequência dessa percepção real do mundo e da grandeza do SENHOR Deus. Deus poderia simplesmente ter esmagado todos os inimigos. Mas por que não o fez? Por que poupou o faraó em todas as pragas? Mais uma vez fica comprovado que Deus queria que ele conhecesse os Seus caminhos, estava mais interessado no seu arrependimento, não na sua morte. Mas nem ele, nem seus servos colocaram no *coração* a Palavra do SENHOR.

Relembrar aquilo que está escrito adiante no livro do Êxodo e na Bíblia pode nos ajudar nessas considerações finais: *“Se de fato escutares a voz do SENHOR teu Deus, se fizeres o que é reto a seus olhos, se prestares atenção a seus mandamentos e observares todas as suas leis, não te causarei nenhuma das enfermidades que causei aos egípcios, pois Eu Sou o SENHOR que te cura”* (Ex 15,26). A referência a essas enfermidades infligidas ao Egito são sempre lembradas não somente às pragas físicas, mas à doença espiritual que levou à ruína o faraó: a obstinação do seu coração e a remoção do livre-arbítrio. Se Israel se desviar do caminho da Torah, os filhos de Israel serão amaldiçoados com a enfermidade do medo excessivo.

Lembremos do que está dito em Nm 26,36: *“meterei o pânico no coração daqueles que de vós restarem na terra dos inimigos”. O que ocorreu com o faraó foi justamente esse “fortalecimento das artérias espirituais caracterizado pela falta de medo e a subsequente inabilidade de arrepender-se”⁸⁸. Se perdermos a capacidade de ouvir essa voz de Deus também nós hoje corremos o risco de sofrer essas pragas físicas e doenças espirituais, como está escrito: “Se descuidares de pôr em prática todas as palavras desta Lei, escritas neste livro, temendo este Nome glorioso e terrível, o Nome do SENHOR teu Deus, o SENHOR tornará terríveis as pragas contra ti e tua descendência: serão flagelos enormes e permanentes, enfermidades graves e persistentes. Ele te lançará todas as doenças do Egito, que tanto temias, e elas te contagiarão”* (Dt 28, 58-60).

De acordo com essas interpretações, a Torah não desconsidera que nem os filhos de Israel eles mesmo estão imunes de sofrerem as doenças físicas do Egito. A tradição de Israel afirma, porém, que a pior doença, a inabilidade do arrependimento, nunca isso será suportado pelos que colocam no *coração* a palavra do SENHOR. Não esqueçamos o término do versículo: *“pois Eu Sou o SENHOR que te cura”* (Ex 15,26).

⁸⁸ Rabbi Yosef STERN, op. cit., p. 101.

Mais uma vez usando o recurso exegético das Escrituras, se Deus se auto-define como Aquele que cura, mesmo quando as doenças físicas do Egito recaiam sobre nós, a capacidade de arrependimento não será afetada, pois Deus pode nos curar através do arrependimento, Como está escrito: “O SENHOR teu Deus circuncidará teu coração e o coração de teus descendentes, para amares ao SENHOR teu Deus de todo o coração e com toda a alma para que assim possas viver” (Dt 30,6).

O coração do faraó, e o coração do ser humano... Teriam algo eles ainda hoje a nos comunicarem, afinal? Será sempre no diálogo com Deus que o ser humano pode se questionar, repensar-se a si mesmo e ser desafiado, convidando a mudar para melhor a sua história. Mas não deixa de ser questionador também. “*Justamente quando escuta o coração é sábio e inteligente*”⁸⁹. Com isso, surge a pergunta decisiva do profeta: *Por que endureceríeis o vosso coração como o fizeram (alguns) egípcios e o faraó?* (1Sm 6,6). O Deus de Israel, por sua vez, parece até tolerar demais a opção do faraó. Já que este último insiste, de forma inegociável, na *obstinação de seu coração*, no final, o SENHOR o ajuda justamente nisso. Mas Deus definitivamente não está disposto a negociar a liberdade de seu povo, dos oprimidos. Ou seja: a última palavra a respeito da liberdade dos miseráveis não pertence ao opressor, mesmo que isso inclua a morte antecipada de quem oprime.

“A Bíblia não é um depósito de conceitos. A sua língua é predominantemente narrativa e poética... Ela não quer falar, por exemplo, da sarça ardente: ela quer fazer arder”⁹⁰. Ao confirmar essa verdade na interpretação da Bíblia desejo que ao contemplar mais de perto o *coração do faraó*, esse estudo tenha ajudado ao ouvinte-leitor a fazer um check-up ao seu próprio *coração*, fazendo-o pulsar mais atento no ritmo da Palavra de Deus: colocando nosso *coração* naquilo que devemos colocar, nos seus projetos de misericórdia e de liberdade para todos, assim como está escrito no Livro dos Provérbios: “*Meu filho, dá-me o teu coração, e que teus olhos gostem dos meus caminhos*” (Pv 23,26).

⁸⁹ Hans Walter WOLFF. **Antropologia do Antigo Testamento**, p. 90.

⁹⁰ José Tolentino MENDONÇA. **A Sexualidade na Bíblia: morfologia e trajetórias**. REVISTA THEOLOGICA, 2.^a Série, 42, 2 (2007), p. 238.

BIBLIOGRAFIA

Edição Crítica do Texto Bíblico

ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (eds.). **Biblia Hebraica Stuttgartensia**. 4. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

Gramáticas, Estudos Filológicos e Dicionários do Hebraico Bíblico

JOÜON, Paul; MURAOKA, Takamitsu. **A Grammar of Biblical Hebrew. Volume I: Part One: Orthography and Phonetics. Part Two: Morphology. Volume II: Part Three: Syntax. Paradigms and Indices**. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 1991.

KIRST, Nelson; KILPP, Nelson; SCHWANTES, Milton; RAYMANN, Acir; ZIMMER, Rudi. **Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português**. 27. ed. Petrópolis; São Leopoldo: Vozes; Sinodal, 2013.

DIETRICH, Walter; ARNET, Samuel (orgs.). **Konzise und aktualisierte Ausgabe des Hebräischen und Aramäischen Lexikons zum Alten Testament (Koehler & Baumgartner)**. Leiden; Boston: Brill, 2013.

LAMBDIN, Thomas O. **Gramática do Hebraico Bíblico**. São Paulo: Paulus, 2003.

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. **A contribuição da linguística textual para a compreensão dos valores do verbo hebraico: algumas considerações**. In: **Atualidade Teológica**, v. 18, p. 410-424.

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. **Os valores do verbo hebraico na literatura profética: colocação do problema e possível metodologia para o estudo do tema**. In: **Atualidade Teológica**, v. 9, p. 229-239.

NICCACCI, Alviero. **The Syntax of the Verb in Classical Hebrew Prose**. Sheffield: Academic, 1990.

NICCACCI, Alviero. **On the Hebrew Verbal System**. In: BERGEN, Robert D. (Ed.). **Biblical Hebrew and Discourse Linguistics**. Winona Lake: Eisenbrauns, 1994, p. 117-137.

NICCACCI, Alviero. **Sullo stato sintattico del verbo HAYA**. In: **Liber Annuus**, v. XL, 1990, p. 9-23.

NICCACCI, Alviero. **Basic Facts and Theory of the Biblical Hebrew Verb System in Prose**. In: WOLDE, Ellen van (Ed.). **Narrative Syntax and the Hebrew Bible**. Boston: Brill, 2002, p. 167-202.

PUTNAM, Frederic Clarke. **A New Grammar of Biblical Hebrew**. Sheffield: Phoenix, 2010.

SCHÖKEL, Luis Alonso. **Dicionário Bíblico Hebraico-Português**. São Paulo: Paulus, 1997.

WALTKE, Bruce K.; O'CONNOR, Michael P. **Introdução à Sintaxe do Hebraico Bíblico**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. [Original: **An Introduction to Biblical Hebrew Syntax**. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 1990].

WATSON, Wilfred G.E. **Classical Hebrew Poetry**. 2. ed. Sheffield: Academic, 1986.

História do Egito antigo

BUDGE E.A. Wallis. **O Livro Egípcio dos Mortos**. São Paulo: Pensamento, 1993.

NEGRAES, Edith de Carvalho. **O Livro dos Mortos do antigo Egito**. São Paulo, Hemus, 1997.

HAGEN, Rose-Marie; HAGEN, Rainer. **Egito. Pessoas, Deuses e Faraós**. Coreia do Sul: Taschen, 2006.

Metodologia da Exegese

FRANCISCO, Edson de Faria. **Manual da Bíblia Hebraica. Introdução ao Texto Massorético. Guia Introductório para a Biblia Hebraica Stuttgartensia**. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. **Exegese Bíblica. Teoria e Prática**. São Paulo: Paulinas, 2014.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. **Para ler as narrativas bíblicas. Iniciação à análise narrativa**. São Paulo: Loyola, 2009.

SILVA, Cássio Murilo Dias da (com a colaboração de especialistas). **Metodologia de Exegese Bíblica**. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

SKA, Jean Louis. **“Our Fathers Have Told Us”. Introduction to the Analysis of the Hebrew Narratives**. Roma: Istituto Biblico, 1990.

SIMIAN-YOFRE, Horácio; GARGANO, Innocenzo; SKA, Jean Louis; PISANO, Stephen. (org.). **Metodologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2000.

Estudos antropológico-teológicos

GRÜN, Anselm. **Imagens de transformação. Impulsos bíblicos para mudar a sua vida**. Editora Vozes, São Paulo, 2007.

MENDONÇA, José Tolentino. **A Leitura Infinita. A Bíblia e a sua interpretação**. São Paulo: Paulinas, 2015

MENDONÇA, José Tolentino. **A Sexualidade na Bíblia: morfologia e trajectórias**. Braga, REVISTA THEOLOGICA, 2.ª Série, 42, 2, 2007.

WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1983.

SKA, Jean-Louis. **O Canteiro do Pentateuco. Problemas de composição e de Interpretação. Aspectos Literários e Teológicos.** São Paulo: Paulinas, 2016.

SCHROER, Silvia; STAUBLI, Thomas. **Simbolismo do corpo na Bíblia.** São Paulo: Paulinas, 2003.

Comentários ao Livro do Êxodo

ALBERTZ, Rainer. **Exodus 1–18.** (Zürcher Bibelkommentare. Altes Testament). Zúrique, Suíça: Theologischer Verlag, 2012.

DOHMEN, Christoph. **Exodus 19–40.** (Herders Theologischer Kommentar zum Alten Testament). Freiburg: Herder, 2004.

FERNANDES, Leonardo Agostini; GRENZER, Matthias. **Êxodo 15,22–18,27.** (Comentário Bíblico Paulinas). São Paulo: Paulinas, 2011.

FIELDS, Harvey J. **La Torah commentée pour notre temps. 2. L'Exode Le Levitique. Traduit de l'anglais par Régina Langer.** Paris, 2015.

FISCHER, Georg; MARKL, Dominik. **Das Buch Exodus.** (Neuer Stuttgarter Kommentar Altes Testament). Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 2009.

HOUTMANN, Cornelis. **Exodus.** Vol. 1-4. (Historical Commentary in the Old Testament). Kampen: Kok, 1993/1996/1999/2002.

MIZRAHI, Rabino Daniel Haim. **Ish Chamudot – Belos Valores – Shemot – Da Escravidão para o Desenvolvimento.** São Paulo: Sefer, 2015.

PROPP, William H.C. **Exodus 1–18. A New Translation with Introduction and Commentary.** (The Anchor Bible). New York: Doubleday, 1998.

PROPP, William H.C. **Exodus 19–40. A New Translation with Introduction and Commentary.** (The Anchor Bible). New York: Doubleday, 2006.

SARNA, Nahoum M. **Exploring Exodus: The Heritage of Biblical Israel.** New York: Shoken Books, 1986.

STERN, Rabbi Yosef, **Chasam Sofer. Commentary on the Torah. Shemot.** New York: Art Scroll Judaica Classics, 1996.

UTZSCHNEIDER, Helmut; OSWALD, Wolfgang. **Exodus 1–15.** (Internationaler Exegetischer Kommentar zum Alten Testament). Stuttgart: Kohlhammer, 2013.

Estudos Monográficos sobre o Livro do Êxodo

GRENZER, Matthias. Imigrante em Madiã (Ex 2,15c-22). Traços característicos do personagem Moisés. In: **Atualidade Teológica**, 2015.

GRENZER, Matthias. O grito dos oprimidos (Êxodo 2,23-25). In: **Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP**, v. 4, p. 19-34, 2014.

- GRENZER, Matthias. O fracasso da política de opressão violenta (Êxodo 1,8-14). In: **Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião (Online)**, v. 12, p. 141-163, 2014.
- GRENZER, Matthias. Do clã de Jacó ao povo de Israel (Ex 1,1-7). In: **Revista de Cultura Teológica**, v. 81, p. 83-94, 2013.
- GRENZER, Matthias. **O projeto do êxodo**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- KESSLER, Rainer. **Die Ägyptenbilder der Hebräischen Bibel. Ein Beitrag zur neueren Monotheismusdebatte**. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 2002.
- UTZSCHNEIDER, Helmut. **Gottes langer Atem. Die Exoduserzählung (Ex 1–14) in ästhetischer und historischer Sicht**. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 1996.

Tradição Oral de Israel

- BEIFUSS Yakov Israël, Leka'h Tov. **Recueil de Réflexions de nos maîtres sur la Paracha Chémot. Tome I. Traduction française: Yonathan Bendennoune**. Israel: Jerusalem Publications, 2010.
- BOUQUINS . **Dictionnaire Encyclopédique du Judaïsme**. Paris: Cerf /Robert Laffont, 1996.
- CHOURAQUI, André. **A Bíblia (Nomes – Êxodo)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- DÉMAN, Paul. **Os judeus e seu destino**. São Paulo: Flamboyant, 1962.
- FLEG, Edmond. **Moisés contado por los sábios**. Barcelona: Editorial Roma, 1981.
- FRIDLIN, Jairo. **Hagadá de Pêssach. 14ª Edição**. São Paulo: Sefer, 1993
- GOLDIN, Shmuel. **Unlocking The Torah Text, and In-depth Journey into the Weekly Parsha, Shemot**. Jerusalem: Gefen publishing, 2008.
- GROSS, Fernando. **O Ciclo de Leituras da Torah na Sinagoga. 2ª Edição**. São Paulo: Fons Sapientiae, 2014.
- LEIBOWITZ, Nehama. **New Studies in Shemot Exodus**. Jerusalem: The Jewish Agency, 1996.
- LENHARDT, Pierre. **À L'Écoute d'Israel en Église**. Paris: Parole et Silence, 2006.
- LENHARDT, Pierre; COLLIN, Matthieu. **A Torah Oral dos Fariseus. Textos da Tradição de Israel**. Documentos da Bíblia – 10. São Paulo: Paulus, 1997.
- LUSTIGER, Arnold. **Chumash with commentary based on the teachings of Rabbi B. Soloveitchik – Sefer Shemos**. New York: Oupress, 2014.
- MARUANI, Bernard. **Midrach Rabba. Tome I. Genèse Rabba**. Paris: Verdier, 1987.

- MILLER, Chaim. Tradução Miriam Nurkin Friedman. **Chumash Sefer Shemot**. São Paulo: Maayanot, 2015.
- REMAUD, Michel. **Echos d'Israel. Réflexions d'un Chrétien de Jérusalem**. Jérusalem: Editions Elkana, 2010.
- STERN, Yosef. **Chasam Sofer. Commentary on the Torah. Shemot**. Art Scroll Judaica Classics, New York, 1996, p. 49.
- ZORNBERG, Avivah Gottlieb. **Moses – A Human Life**. Jewish Lives. Michigan: Yale University Press, 2016.